

Avante!

JCP com intensa actividade durante o Verão

Intervir!

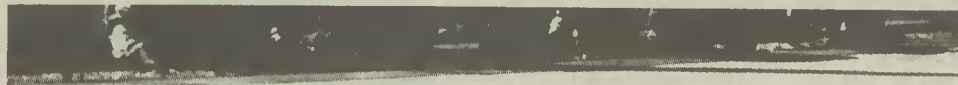
A actividade da JCP, que prossegue na preparação do seu 7.º Congresso, não pára nem abranda durante o Verão. Diversifica-se. Com as escolas encerradas e as empresas a meio gás,



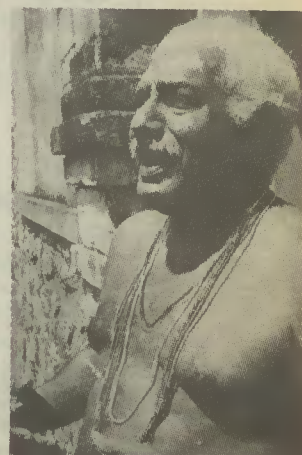
os jovens comunistas transferem para outros lugares o essencial da sua intervenção. O objectivo é o mesmo: afirmar o ideal comunista e reforçar a organização.

Pág. 5

Dança • Desporto • Espectáculos • Café-concerto



Págs. 11 a 22



Ó Código Bagão Félix

Perguntas e respostas

Iniciamos hoje a publicação de um trabalho de Eugénio Rosa, sob a forma de perguntas e respostas, acerca do novo Código de ataque aos direitos dos trabalhadores.

Pág. 24 e 25

Colômbia

O rosto do fascismo

As primeiras medidas de Uribe abriram um enorme rombo no que restava da fachada democrática do Estado colombiano. Já visível o rosto do fascismo, escreve Miguel Urbano Rodrigues.

Pág. 9

Custos do trabalho

Às costas dos trabalhadores

Há o maior interesse em acompanhar a evolução do «custo do trabalho», escreve Sérgio Ribeiro. E desmistificar algumas contas que atribuem aos trabalhadores as responsabilidades.

Pág. 26

Avante!
Proletários de todos os países
UNI-VOS!

PROPRIEDADE
Partido Comunista Português
R. Soeiro Pereira Gomes, 3
1600 - 196 Lisboa
Tel. 21 781 38 00

ADMINISTRAÇÃO
Editorial «Avante!», SA
Av. Gago Coutinho
121/1700 Lisboa
Capital social:
€ 125 000.
CRC matrícula: 47058.
NIF - 500 090 440

DIREÇÃO E REDACÇÃO
R. Soeiro Pereira Gomes, 3
1600 - 196 Lisboa
Tel. 21 781 71 90/91
Fax: 21 781 71 93
E-mail:
avante.pcp@mail.telepac.pt
Web:
http://www.pcp.pt

Director
José Casanova

Chefe de Redacção
Leandro Martins

Chefe Adjunto
Anabela Fino

Redactores
Carlos Nabais
Domingos Mealha
Gustavo Carneiro
Henrique Custódio
Isabel Araújo Branco
João Chasqueira
Margarida Folque
Miguel Inácio

Grafismo
José Araújo

Fotografia
Jorge Caria
Jorge Cabral

Secretaria da Redacção
Ivone Dias Lourenço
Noémia Presúncia

DISTRIBUIÇÃO
DISTRIBUIÇÃO ADE's
Editorial Avante!
Av. Gago Coutinho, 121,
1700 Lisboa
Tel. 218 429 836

Alterações de remessa
Até às 17 horas
de cada sexta-feira:
Tel. 218 429 836

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL
DELTAPRESS
Delegação Lisboa:
Tapada Nova - Capa Rota
Linhó - 2710 Sintra
Tel. 21 923 99 21
Delegação Norte:
Zona Industrial da Maia
Sector IX
Rua B Lt. 227 - 4470 Maia
Tel. 22 941 76 70

ASSINATURAS
Av. Gago Coutinho, 121,
1700 Lisboa
Tel. 218 429 836

TABELA DE ASSINATURAS*
(IVA e portes incluídos)

PORTUGAL
(Continentes e Regiões
Autónomas)
50 números: 9 000500
44.90 euros
25 números: 4 600500
23.00 euros

EUROPA
50 números: 23 000500
114.75 euros

EXTRA-EUROPA
50 números: 33 000500
164.60 euros

*Enviar para
Editorial «Avante!»
nome, morada
com código Postal
e telefone
a acompanhar cheque
ou vale de correio.

Composição e impressão
Heska Portuguesa, SA
Campo Raso
2710 - 139 Sintra
Depósito legal n.º 205/85



Greve dos trabalhadores das
Lojas do Cidadão

Resumo

14 Quarta-feira

A direcção do Instituto de Reinserção Social apresenta a sua demissão por entender que o Governo não tem tido vontade política para resolver os problemas do sector ● George W. Bush recusa um plano do Congresso para concessão de fundos para assistência financeira a Israel e à Palestina ● O ex-governador de Timor-Leste Abílio Osório Soares é condenado a três anos de prisão pelo Tribunal de Direitos Humanos de Jacarta ● O partido Baas desafia o Congresso dos EUA a aceitar o convite iraquiano e enviar uma missão ao país para averiguar se há ou não armas proibidas.

15 Quinta-feira

Os vereadores da CDU da Câmara de Sintra dizem «não entender» por que razão os utentes dos comboios têm de pagar para deixar os carros nos parques de estacionamento, quando os utilizadores do serviço Alfa podem fazer o mesmo gratuitamente durante dois dias ● O governo da Argentina admite a existência de esquadras da morte no seio da polícia de Buenos Aires, na sequência de várias mortes por explicar ● Aviões norte-americanos e britânicos bombardeiam o Iraque ● Mais de 500 familiares das vítimas dos atentados de 11 de Setembro formalizam uma queixa civil contra o Sudão, sete bancos internacionais, oito organizações de caridade islâmicas e três dirigentes sauditas, acusando-os de participar no financiamento da rede Al-Qaeda.

16 Sexta-feira

O Sindicato Independente dos Médicos solicita ao primeiro-ministro a realização de uma audiência técnica e financeira ao Instituto Nacional de Emergência Médica ● Um grupo armado islâmico assassina 26 pessoas em Harchune, na Argélia ● Inicia-se, no Ruanda, o primeiro censo da população depois do genocídio de 1994, em que terão morrido cerca de 800 mil pessoas e outros milhares saído do país ● Dez agricultores brancos são detidos por não terem saído das suas terras, como ordena o governo do Zimbábue.

17 Sábado

Os trabalhadores dos balcões da Direcção-Geral dos Registos e Notariado nas Lojas do Cidadão voltam à greve, numa acção de pretende a integração nos quadros, pois correm o risco de despedimento no final do contrato ● O troço do IP2 entre Guarda e Belmonte é inaugurado pelo secretário de Estado das Obras Públicas, Vieira de Castro, perante uma manifestação de populares contra o pagamento de portagens no interior do País ● A

Aconteceu

PCP Contas certas

O Tribunal Constitucional multou os partidos políticos pelas «irregularidades e ilegalidades» apresentadas nas contas relativas ao ano de 1999. À excepção do PCP, todas as principais forças políticas ficaram sujeitas a coimas, sendo o Partido Popular o que mais irá pagar, cerca de 26 mil euros (5200 contos). PSD e PS foram igualmente condenados com coimas superiores a 21 mil euros (mais de quatro mil contos).

Já no passado mês de Outubro, um acórdão do TC adiantou que as contas de 1999 apresentadas por estes partidos violavam, pelo sexto ano consecutivo, as leis sobre os financiamentos partidários, aprovadas

na Assembleia da República.

O TC enviou o processo para o Ministério Público, que se pronunciou em igual sentido, requerendo a aplicação de coimas aos partidos que «se abstiveram de organizar as contas, de forma adequada, bem sabendo que tal implicava inelutavelmente a prática das ilegalidades» sancionadas pela lei.

Entre várias infracções cometidas pelos partidos, o Ministério Público alega que os partidos não apresentaram (ou apresentaram com deficiências) as listas dos donativos recebidos, os inventários anuais do património e uma conta que abrangesse toda a actividade partidária.



Descontentamento com os transportes

Vários representantes dos utentes de transportes da Margem Sul participaram num encontro, na passada semana, para abordar a situação dos serviços de transportes públicos nos vários concelhos do distrito de Setúbal.

A reunião serviu para que os vários representantes deixassem bem vinculada a sua indignação face ao aumento de tarifários dos transportes, que acaba-

ram por apanhar os utentes desprevenidos «numa altura em que, na sua maioria, estão a passar férias».

A Soflusa foi acusada pela comissão de utentes dos Transportes do Barreiro de inércia, uma vez que o Terminal rodo-ferro-fluvial do Barreiro «está incompleto, sem condições para enfrentar o Inverno, com falta de casas de banho». O mesmo grupo criticou

também a suspensão dos catamarãs para o Barreiro.

Relativamente à situação dos transportes rodoviários, a comissão de utentes da Margem Sul sublinhou que os aumentos das tarifas ocorreram simultaneamente à redução de carreiras, acusando também o facto dos utentes estarem a sofrer com a falta de articulação entre os meios de transporte.

Biblioteca de Pablo Neruda aberta ao público



A biblioteca pessoal do poeta chileno Pablo Neruda, que inclui cerca de 11 500 livros, cartas, manuscritos e outros valiosos documentos, abriu ao público em Santiago do Chile, terça-feira, pela fundação com o nome do escritor.

Um exemplar de «A Divina Comédia» de 1529, um «D. Quixote» de 1617 e as provas de impressão de «Os Trabalhadores do Mar» (1866), com correções nas mar-

gens e letra de Victor Hugo, são algumas das peças da colecção de Neruda, Prémio Nobel da Literatura de 1971.

A biblioteca inclui 5 mil livros da colecção pessoal de Neruda, 6500 da secção especializada da sua obra, 5 mil manuscritos e outras tantas cartas, afirmou ao jornal «La Tercera» o escritor Dario Oses, director da biblioteca, instalada junto da casa-museu de Neruda, em Santia-

go do Chile. «É uma colecção com valor incalculável, talvez a maior dedicada a um escritor na América Latina», disse Oses.

O director da biblioteca recordou que boa parte da colecção de Neruda chegou ao Chile após a morte do escritor, a 23 de Setembro de 1973, e o carregamento foi confiscado pelos militares que no dia 11 haviam derrotado o governo de Salvador Allende.

Sporting ganha Supertaça

O Sporting conquistou, domingo, pela quinta vez no seu historial, a Supertaça Cândido de Oliveira em futebol, ao golear o Leixões por 5-1, em encontro disputado no Estádio do Bonfim, em Setúbal.

A equipa «leoniña», vencedora do campeonato e da Taça de Portugal na época transacta, ganhava já ao intervalo por 1-0, com um tento de Ricardo Fernandes.

Na segunda me-

tade, os golos dos «leões» frente à equipa finalista da última edição da Taça foram marcados pelo romeno Niculae, aos 47 minutos, pelo bielorrusso Kutuzov, aos 55, novamente por Ricardo Fernandes, aos 83, e finalmente por Carlos Martins, aos 87.

A equipa finalista da última edição da Taça de Portugal ainda conseguiu reduzir a diferença, através de Antchouet, aos 92 minutos.

Medicamentos contra a sida mais baratos

A empresa farmacêutica chinesa Grupo Noreste anunciou que pretende fabricar em breve uma cópia do AZT, um dos medicamentos mais utilizados

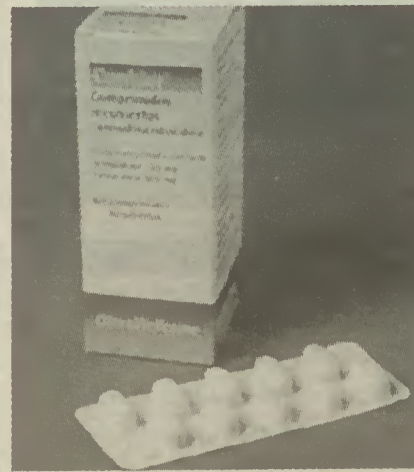
pelos doentes com sida, e vendê-la 10 vezes mais barata, informou, no sábado, a imprensa chinesa.

Fontes da empresa afirmaram que a fabricação da ver-

são genérica do AZT foi decidida de comum acordo entre a companhia e hospitais que tratam pacientes com sida, e que o fármaco, cujo nome técnico é Zidovudina, estará disponível já no mês de Setembro.

Segundo as mesmas fontes, a empresa obteve a autorização da Administração Estatal de Medicamentos.

O AZT é um dos medicamentos contra a sida mais antigos e conhecidos, mas o seu preço elevado não permite o acesso de todos os doentes.



Crónica Internacional

• Jorge Cadima

Amigos, amigos...

Assiste-se nestes dias a uma extraordinária discussão, mais ou menos pública, entre os círculos dirigentes das grandes potências capitalistas. A cruzada dos actuais governantes dos EUA visando impor a hegemonia mundial do imperialismo norte-americano está a desestabilizar acordos e alianças que marcaram décadas de História. As cada vez mais generalizadas e públicas clivagens entre EUA e UE são acompanhadas por disputas no seio de cada um desses pólos.

Anunciada intenção dos EUA em desencadear uma guerra de agressão contra o Iraque parece ser a questão em torno da qual se estão a rearmar forças. A quase totalidade dos governos demarcou-se desses planos. Entre as vozes que, de uma ou outra forma, se demarcaram das intenções de Bush, encontram-se nomes associados às anteriores guerras do imperialismo como Henry Kissinger, o ex-ministro de Negócios Estrangeiros dos EUA Lawrence Eagleburger (BBC, 16.8.02), os generais Schwarzkopf e Wesley Clark (Times, 19.8.02) e aquele que foi Conselheiro de Segurança Nacional dos EUA sob a presidência de Bush pai, Brent Scowcroft, que fala no perigo de um holocausto nuclear no Médio Oriente (Wall Street Journal, 15.8.02). A fazer fé nos jornais, a oposição a uma aventura militar no Reino Unido é tão forte que Blair estaria a considerar, não apenas a já habitual prática «democrática» de envolver o país em guerras sem ouvir o Parlamento, mas também a novidade de ir para a guerra sem sequer discutir a questão no Conselho de Ministros. Em um editorial, o porta-voz da grande finança britânica Financial Times (8.8.02) afirma que

«os sinais de Washington quanto às suas intenções em relação ao Iraque e ao Médio Oriente (...) começam a tornar-se alarmantes – e talvez mais para os amigos da América do que para os seus inimigos». Na Alemanha, o Primeiro-Ministro Schröder declara publicamente que o seu país não participará num ataque ao Iraque, mesmo que esse ataque viesse a receber o beneplácito da

Essas clivagens resultam da nova partilha do mundo entre o grande capital

ONU (FT, 6.8.02), o que lhe valeu uma visita do embaixador dos EUA para a entrega do raspanete oficial do seu governo (New York Times, 17.8.02).

Estes desaguisados verbais reflectem contradições sérias. Até aquele que nos dizem ser a «pomba» do governo Bush, o MNE Colin Powell, terá já esclarecido que *«a nossa função é procurar persuadir os nossos amigos que as nossas políticas estão certas, mas se isso falhar 'tomaremos a posição que acharmos correcta e espero que os nossos amigos europeus fiquem a perceber a forma como funcionamos'»* (FT, 5.8.02). Francis Fukuyama (o tal do «Fim da História») parece ter descoberto que afinal a História não acabou, e agora escreve que *«a clivagem entre EUA e Europa que surgiu em 2002 não é uma mera questão transitória que reflecta o estilo da Administração Bush ou a situação mundial após o 11 de Setembro»* (International Herald Tribune, 9.8.02).

Essas clivagens resultam da nova partilha do mundo entre o grande capital, na sequência da derrocada do socialismo a Leste. O que os divide não são o respeito pela paz e pelo Direito Internacional (como se viu durante a agressão contra a Jugoslávia). O que os divide é a forma de repartir os espólios. Ou nas palavras do Chanceler Schröder: *«qualquer forma de divisão do trabalho que implique que a Alemanha não participa, mas paga: essa forma de divisão do trabalho acabou»* (FT, 5.8.02). Os perigos desta situação são tanto maiores quanto esta agudização de rivalidades decorre no quadro duma grave e imprevisível situação económica. O famoso economista norte-americano Paul Krugman afirma que a situação económica dos EUA é hoje semelhante à que antecedeu a profundíssima depressão (ainda não ultrapassada) dos últimos anos no Japão (Diário de Notícias, 17.8.02).

É bem possível que as actuais discussões cessem no momento em que os EUA concretizem o seu ataque, e que os renitentes acabem por pagar, mesmo sem ter voz activa no curso dos acontecimentos, a fim de não perder um lugarzinho à mesa da distribuição das migalhas. Mas importa não esquecer que, para além do gravíssimo crime que se prepara contra o martirizado povo iraquiano, as rivalidades inter-imperialistas, ambições hegemónicas e a tentativa de sair duma profunda crise capitalista pela via da militarização e da guerra conduziram a Humanidade à catástrofe por duas vezes no século passado.

Editorial

«NA ORDEM DO DIA»

Tendo como mote a ideia de que *o Iraque volta a estar na ordem do dia*, sucedem-se as notícias, comentários e análises sobre a situação naquele país. Mais concretamente: sobre a data em que se concretizará o anunciado ataque dos Estados Unidos da América ao Iraque. Sublinhando a necessidade de o governo norte-americano derrubar e substituir, pela força, o governo de Saddam Hussein, os noticiários, comentadores e analistas não se cansam de invocar as «poderosas razões morais» de que dispõem os EUA para atacar o Iraque. Todavia, em matéria de elucidação sobre o conteúdo dessas «poderosas razões morais», para além da estafada cassette da «defesa da democracia, da liberdade e dos direitos humanos» (expressão que, hoje, desperta sorrisos irónicos ou amarelos mesmo nos mais fervorosos americanófilos), todos se quedam na mesma «razão» – que pode ser tudo menos «moral» e que pode resumir-se assim: «Uma vez que os EUA removam Saddam do poder, um regime sucessor amigo poderá tornar-se no maior exportador de petróleo para o Ocidente.» Postas as coisas nes-

“Sucedem-se as notícias sobre a data do ataque dos EUA ao Iraque”

tes termos, é óbvio que as «poderosas razões morais» justificam e exigem não menos poderosas acções bélicas, matéria em que os EUA são peritos – como a vida (ou a morte?), com frequência, nos tem mostrado. Quanto à data do ataque dos Estados Unidos ao Iraque, ela depende, apenas, do «apoio ou da aceitação de países e personalidades que neste momento se mostram cépticos».

Por tudo isto, e como acima se disse, corre mundo a notícia de que *o Iraque volta a estar na ordem do dia*.

A verdade é que o Iraque tem estado na ordem do dia desde há décadas, embora nem sempre assim tenha sido considerado pela opinião publicada, a qual, como a realidade amiúde nos mostra, é mãe e pai da opinião pública.

Como se sabe mas nunca é de mais repetir, Saddam, igual ao que é hoje – nem mais nem menos tirano, nem mais nem menos facínora – foi, durante muito tempo, homem de confiança dos EUA e, com o apoio e o aplauso da Administração norte-americana, foi responsável pela morte de milhares de iraquianos. Nessa altura, no entanto, não interessava aos EUA que o Iraque estivesse «na ordem do dia»: os crimes cometidos, consoante os interesses do momento, ou eram cuidadosamente silenciados (se se tratava, por exemplo, de curdos), ou eram enaltecidos como contributos para *a causa da liberdade e dos direitos humanos* (se se tratava, por exemplo, de comunistas). Depois, por razões ainda

não de todo clarificadas, os amigos zangaram-se. Saddam, beneficiando do aval do governo dos EUA (e porventura caindo numa armadilha preparada pelos seus amigos), invadiu e ocupou o Kuwait. Com isso, forneceu aos EUA o pretexto para afirmarem e reforçarem a sua posição de líderes da nova ordem imperialista de cariz totalitário hoje dominante.

Muito se escreveu sobre a guerra do Golfo: a tal que vimos «em directo», a tal dos «bombardeamentos cirúrgicos», a tal que enviados especiais de todos os órgãos de comunicação de grande audiência «cobriram em pormenor», assim colocando o Iraque «na ordem do dia» – de facto, mostrando-nos, apenas e só, o que os donos da guerra quiseram que nos fosse mostrado. E não há-de ser obra do acaso o facto de a informação e a opinião publicadas por todos esses órgãos de comunicação terem escondido da opinião pública os mais de 150 mil mortos, na maioria civis, vítimas dos «bombardeamentos cirúrgicos»; a carnificina da estrada de Baçorá; os soldados iraquianos, vencidos e rendidos, enterrados vivos no deserto... Como não será obra do acaso nunca terem estado «na ordem do dia» as consequências do embargo então decretado pelos EUA, o qual, em dez anos, provocou a morte de cerca de três milhões de iraquianos, a maioria crianças.

Agora, *o Iraque volta a estar na ordem do dia*. E é curioso verificar o desplante e a arrogância com que dirigentes dos EUA trazem a público os seus planos bélicos e como exibem as manobras com as quais procuram atrair apoios para a concretização desses planos. Curiosa, também, é a prática, na nova ordem comunicacional, dos porta-vozes dos interesses norte-americanos: a forma leve, ligeira como difundem esses planos bélicos, o à-vontade e a bonomia com que escrevem e falam de planos que conduzirão à morte de milhares de pessoas. Repita-se: o à-vontade e a bonomia com que escrevem e falam de planos que conduzirão à morte de milhares de pessoas.

É is um dos «planos» divulgados: diz um «alto responsável» do Governo norte-americano que é necessário «insistir com o Iraque para que aceite os inspectores de armamentos». Porquê? Porque os EUA querem inspecionar que armamentos está o Iraque a produzir? Não, esse é um problema secundário, os EUA sabem de cor e salteado que armas estão a ser produzidas no Iraque – e sabem, até, que, por muito terríficas que sejam essas armas, não o são mais do que as produzidas nos EUA. O objectivo é outro, como esclarece o «alto responsável» norte-americano, no seu linguajar característico: diz ele que, «partindo do princípio de que Saddam vai recusar» a inspecção, estão criadas as condições «aos EUA para avançarem em seguida com um ataque militar»... E esse ataque militar, plenamente justificado pela inaceitável falta de respeito que é a presumível recusa de Saddam, conseguirá os tais «apoio ou aceitação de países e personalidades que neste momento se mostram cépticos».

Tudo simples, como se vê. Tudo tenebrosamente simples.

Actual Questões de classe

• Jorge Cordeiro

Não é nada que se desconhecisse mas mesmo assim os números são arrasadores. Portugal detém das mais elevadas incidências de acidentes de trabalho mortais, situando-se hoje em valores já superiores ao dobro da média da União Europeia. Uma ocorrência que não tende a regredir. Segundo dados recentes, a taxa de ocorrência voltou a crescer entre 2000 e 2001 situando-se agora em 26,8 por cem mil trabalhadores.

Números e estatísticas que em si revelam que a morte em trabalho não escolhe idades, nacionalidades, cor de pele. Mas, que com expressão inequívoca, revelam igualmente que escolhe profissão e condição social. Por muito que se esforcem por o iludir, os acidentes de trabalho são um fenómeno eminentemente de classe. Desde logo porque de forma indelével são os operários e em particular os operários da construção civil os mais atingidos. Mais de 55% das vítimas mortais ocorridas em

acidentes de trabalho em 2001 eram operários da construção. Números que escondem para além da dor causada pela morte uma outra realidade não menos dramática: a dos acidentes incapacitantes que marcam o futuro de milhares de trabalhadores e famílias.

Depois, porque de modo também indelével é na procura do lucro máximo obtido a partir do incumprimento das regras de segurança, da exploração desenfreada da mão-de-obra, da ausência de direitos e do trabalho até à exaustão que se alimenta a vaga impressionante de acidentes de trabalho muitos dos quais mortais.

É na exploração dos trabalhadores e na procura da máxima *mais-valia* por parte do grande patronato e de subempregadores sem escrúpulos que se encontra a raiz de uma parte muito significativa de acidentes que em outras circunstâncias poderia ser prevenida e evitada.

E ainda porque é também na política de classe dominante que se alimenta a repetida violação da legis-

lação em vigor. A impunidade que os grandes empregadores encontram a partir das políticas governamentais, o proteccionismo que a inação da inspecção do trabalho propicia e o estímulo à prevaricação que o valor ridículo das coimas constitui são, entre outros, expressão dessa marca de classe. O simples facto de muitos dos acidentes ocorrerem em obras a cargo do Estado e sobretudo a expressiva acusação que constitui a evidência de o número de inspectores de trabalho ser menos de metade daquele que constitui o número existente no quadro e de este número ser hoje ainda menor que em 1998 (261 contra os 279 nesse ano, para um quadro que prevê 583 lugares), são prova de uma permissividade cúmplice.

E aos que se apressarem a disparar contra a ortodoxia do texto fiquem certos que o risco de sofrerem um acidente de trabalho é seguramente menor no remanso do jogo bolsista e no sobe e desce da cotação de uma qualquer «Brisa» ou «construtora», do que no cimo de um andaime ou à boca de uma betoneira.



Os gases do Tio Sam

• Leandro Martins

Aqui há tempos era o pó branco - lembrem-se? Foi logo a seguir ao 11 de Setembro, ainda ninguém sabia que a data ia perdurar como marco e efeméride, apesar de toda a gente ainda ter nos olhos as imagens terríveis das torres de Nova Iorque a desabarem e nos ouvidos um fragor de terramoto. O pó branco desapareceu e sobre ele se construiu um medo que havia de produzir os seus frutos. Antes de darem por isso, muitos homens e mulheres, em todo o mundo, extraíram desse medo razões bastantes para justificarem a guerra que os Estados Unidos prepararam, levaram e ainda levam a cabo. Não estou a falar daquela que ainda se demora nas montanhas do Afeganistão mas daqueloutra, mais vasta e duradoura, que o presidente Bush anunciou ao mundo todo, arrogando-se o poder de julgar, condenar e executar quem se opusesse aos desígnios do império. Valha a verdade que não foi apenas o pó branco a escavar no coração das gentes as fundações do medo e a apontarem a «necessidade» de colaborar nos planos do imperialismo. As vozes amigas, aliadas e submissas que se apressaram a prestar vassalagem a Bush e a darem uma ajuda nas várias frentes da guerra então declarada foram preciosas, ressoando pelo mundo, aumentadas pelos *media* de

serviço, fazendo crer que ninguém tinha opinião diferente.

Agora, que os *media* vão dando a entender que a guerra vai abrir uma nova frente, tornando ao Iraque, já e em força, vêm de novo a lume os fantasmas do medo. O pó branco ainda não apareceu por aí, enfiado em envelopes ou disperso nas condutas do ar condicionado. Mas já esta semana, ressuscitando demónios, a CNN divulgou imagens do pobre cachorro assassinado pelo malvado Ben Laden, que parece andar a treinar nos cães os gases letais que prepara para limpar o mundo de infiéis, enquanto, no Iraque «toda a gente já sabe» que Saddam Hussein passa os dias em catacumbas a testar venenos para fazer o mesmo.



Sem pretender minimamente isentar de culpas estes dois antigos aliados do Tio Sam que viram para o seu ex-amigo as armas que este lhes forneceu - cães que não conhecem o dono e mordem a mão que os alimentou -, é de estranhar estas notícias que escaldam o Verão desinformativo. E porque, em matéria de informação, sabemos do que a casa gasta, interrogamo-nos sobre estes gases do Tio Sam. Não sabemos se matam. Mas, pelo menos, cheiram mal.

Durezas

• Jorge Cabral



Quem boa cama fizer...

Frases

“A maioria dos acidentes de trabalho dá-se em situações em que há flagrante incumprimento da legislação em vigor por parte das entidades empregadoras.”

Amável Alves, dirigente da CGTP-IN, Público on-line, 21-8-2002

“Se os cortes forem superiores aos previstos, é inevitável que surjam confrontos, não apenas entre Governo e oposição mas muito mais alargados... Até aos próprios governos das regiões autónomas.”

Filipe Malheiro, secretário-geral-adjunto do PSD/Madeira, Diário de Notícias, 21-8-2002

“Há hoje uma corrida tal ao dinheiro e aos primeiros lugares que se torna difícil perceber quem vai à frente. (...) Ter consciência de não ser genial é quase ser genial, sobretudo no meio em que vivemos, onde todos se julgam geniais.”

Cruzeiro Seixas, pintor e poeta surrealista, idem, ibidem

“O “eixo do mal” funcionou outrora como “eixo do bem”, fruto da mais hipócrita política internacional. E não chega a insegurança, que o 11 de Setembro pôs a nu, para explicar a tentação belicista do unilateralismo de George W. Bush. (...) O que move Bush para Bagdad é a sede de vingança e a necessidade de afirmação interna e externa. Há quem aposte na economia de guerra como saída para a desconfiança dos mercados.”

António José Teixeira, idem, ibidem

“A NASA (...) está a desenvolver um dispositivo de sensores neuroeléctricos capaz de medir as ondas cerebrais e “detectar os passageiros que possam constituir uma ameaça nos aeroportos”.”

Público, 20-8-2002

“Com a emigração, as mulheres ficaram a aguentar tudo.”

Graça Morais, pintora, idem, ibidem

“O PCP merece elogios a dobrar: porque pauta a sua conduta por princípios - o respeito pela lei e por si próprio - e não por qualquer conveniência táctica.”

Fernando Madrinha, Expresso, 17-8-2002

“É mais fácil a extinção.”

Paulo Trancoso, secretário-geral do Movimento Partido da Terra, sobre o futuro deste, Correio da Manhã, 16-8-2002

“Não queremos que dê o que pode. Queremos que dê o dobro do que não pode! (...) Temos de usar a nossa fé dando para a obra, porque não temos ajuda do Governo e vocês sabem disso.”

Bispo Renato, da Igreja Universal do Reino de Deus, Correio da Manhã on line, 16-8-2002

“Sua Alteza Real [Duarte Pio] acha engraçado que as pessoas popularizem o título de rei e de rainha. Interpreta esses títulos monárquicos como a designação que indica ser-se o melhor naquilo que se faz. Ou seja, os reis do futebol e da música, por exemplo.”

Carlos Evaristo, produtor do concerto comemorativo de Elvis Presley, Correio da Manhã, 16-8-2002

“No comício do Porto Santo, no último fim-de-semana, Alberto João Jardim avisou Durão Barroso: se houver medidas penalizadoras para o investimento na Madeira, “não contem connosco. Passem bem, muito obrigado”.”

Diário de Notícias, 21-8-2002

JCP prepara 7.º Congresso com intensa actividade durante o Verão

«Afirmar o nosso ideal»



A afirmação do ideal, das propostas e das iniciativas da JCP e do PCP são preocupação constante dos jovens comunistas

A actividade da JCP nos meses de Verão não pára nem abranda, diversifica-se. Com as escolas e as universidades encerradas e com as empresas a funcionar a «meio gás», os jovens comunistas transferem para outros locais o essencial da sua intervenção. O objectivo mantém-se: transformar a sociedade, afirmando o ideal comunista e reforçando a organização. E é cumprido.

Afirmar o ideal de que é portadora, e as propostas que o materializam é, para a JCP e os seus militantes, um objectivo fundamental e constante. Mesmo nos meses de Verão, que muitos elegem como tempo de descanso e que os jovens comunistas encararam não só como

período de retemperamento de forças e preparação da intervenção para o ano seguinte mas também como altura propícia para o contacto com a

juventude. De que forma? Estando e intervindo onde está a juventude.

Em ano de Congresso, a JCP realizou mais iniciativas de Verão

Os acampamentos regionais são já iniciativas tradicionais dos verões comunistas. Graças a estas iniciativas, militantes e amigos convivem e estreitam laços de amizade e solidariedade. Miguel Madeira, membro da Comissão Política e do Secretariado da JCP, considera que o reforço desses laços entre militantes, que se ganham em diver-

sos tipos de iniciativas, é facilitado nos acampamentos, «pela forma descontraída como decorrem». Para além disso, podem servir para aproximar militantes menos activos. Foi o que aconteceu no acampamento de Lisboa, conta Miguel, em que camaradas pouco activos que nele participaram estão actualmente na brigada de implantação da *Cidade da Juventude* e tudo indica que após a Festa do *Avante!* se mantenham organizados.

Mas desengane-se quem pensar que estas são iniciativas para consumo interno da JCP. Para além dos jovens sem filiação que neles participam, há uma grande preocupação em realizar iniciativas de afirmação do ideal comunista durante os acampamentos. Debates, torneios de futebol, iniciativas de rua, pintura de murais ou distribuição de documentos, tudo serve para meter conversa e afirmar as

propostas, ideias e convicções dos comunistas. Há também quem opte por reunir numa só as duas grandes iniciativas de Verão organizadas pela JCP: o acampamento e os festivais de apuramento de bandas para a Festa do *Avante!*

Foi o que fez a organização de Aveiro. Segundo Marco Telmo, responsável regional, a realização simultânea das duas iniciativas envolveu muitos jovens – grande parte deles não comunistas – e levou a JCP a concelhos onde nunca, ou muito raramente, tinha ido. «Estamos a crescer», afirma.

«Se os jovens estão nos festivais de Verão, nós também estamos lá, a afirmar a Festa do *Avante!*», destaca Miguel Madeira, para quem, mais do que os artistas ou toda a oferta cultural, importa realçar «muito fortemente o nosso

Chegar mais longe

ideal, as nossas propostas e o nosso projecto de sociedade, consciencializando os jovens para a sociedade injusta em que vivemos e para a possibilidade de construir, com a JCP e o PCP, a alternativa a isto». A justeza desta orientação reflecte-se nos recrutamentos que todos os anos se fazem nestas iniciativas.

Para além disto, a presença multifacetada da JCP nas festas populares de norte a sul do País – sempre diferente graças ao conhecimento das realidades e características locais – é também de realçar.

É igualmente no Verão que as organizações da JCP, ao nível local ou concelhio, organizam iniciativas de convívio abertas a jovens da zona em que actuam. E de uma forma diversificada, que pode ir da *rave party* ao baile mais «tradicional». Depende do sítio e da imaginação, que abunda. Exemplo disto foi deixado por Mário Peixoto,

membro da Comissão Política e responsável pela organização do Litoral Alentejano, que testemunhou a iniciativa realizada em Santiago do Cacém, chamada *Noite ao Rubro*, onde se debateu as questões da toxicoddependência e se organizou uma LAN, que consta de um concurso de jogos de computador, com vários jogadores ligados entre si. «Tivemos cerca de 20 jovens que vieram ao Centro de Trabalho, com a sua dinâmica.» Exemplos como este, na opinião de Marco Telmo, demonstram que a JCP goza de um grande poder de atracção junto da juventude graças a uma característica essencial: «o desejo de mudança, o acreditar profundamente na possibilidade de mudar». Só isto explica que pessoas tão diferentes, com diversos gostos, vivências e sensibilidades se unam em torno de um ideal. Porque há interesses que são comuns.

Uma escola de valores

A conversa com os três dirigentes da JCP decorreu no passado sábado, na Quinta da Atalaia, após mais uma jornada de trabalho da Festa do *Avante!*, cumprida abnegadamente por muitas centenas de pessoas, comunistas na sua maioria. A jornada deste fim-de-semana foi particularmente marcada por grande participação de jovens, mais de cem, número que excedeu todas as expectativas e compromissos assumidos.

Aplicados no trabalho, que cumpriam uns mais habilmente que outros – mas todos com a mesma dedicação –, os jovens comunistas empenharam-se igualmente na preparação e participação no almoço e no jantar, bem como na noite de poesia e no campeonato de futebol. Também aqui, é de política que se trata. E de valores.

Durante a sessão de poesia, com o grupo «Vozes da Rua» – que declamou poemas de Ary dos Santos, António Gedeão, Vinícius de Moraes, entre outros –, inscreveram-se mais dois jovens. Não eram da JCP e foram à Atalaia participar no campeonato de futebol. Souberam dele na noite anterior, junto ao espaço

dos jovens comunistas nas festas populares da Amora. Contactaram com a JCP quando um dos militantes lhes pediu ajuda para arrumar cadeiras. Eles acederam e a conversa foi inevitável. Em seguida, entraram na Quinta e, noite alta, tiveram ainda direito a uma «visita guiada» ao terreno da Festa e à Cidade da Juventude. No dia seguinte, e após os jogos, o jantar e a poesia, era só dar o passo e aderir. E deram-no.

Marco Telmo considera que a Festa do *Avante!* é como um encontro nacional. «Não é só o tubo e a madeira, é também a conversa que se tem à noite, onde se partilham experiências.» Miguel concorda. Para ele, é de uma grande importância a capacidade que a JCP tem tido de fazer das jornadas de trabalho momentos privilegiados de camaradagem, convívio e amizade entre «camaradas da JCP e outros amigos que também queiram dar um contributo na construção e, obviamente, tomar contacto com o que é ser comunista, com o que nós pensamos e defendemos, e isto parece-nos fundamental».



STAL defende serviço público

Tudo para os privados

A privatização dos SMAS de Matosinhos é um mau serviço prestado à população e aos trabalhadores, considera a Direcção Regional do Porto do STAL.

A Direcção Regional do Porto do STAL contesta a decisão tomada pela Câmara Municipal de Matosinhos, com o voto contra do vereador da CDU, de privatizar os Serviços Municipalizados de Águas e Saneamento. Segundo o sindicato, esta privatização nem sequer conta com as

Se a autarquia persistir na decisão, os trabalhadores irão lutar

«justificações» de outras, já que os serviços, mantidos na competência da autarquia, têm funcionado bem, «graças ao empenhamento e profissionalismo dos trabalhadores, quantas vezes com meios reduzidos e sem outro estímulo que não a consciência de bem servir» e se têm imposto pela qualidade.

Os SMAS de Matosinhos alcançaram objectivos importantes e decisivos, como a ETAR, e os investimentos realizados na década de 90, e sem considerar os realizados conjuntamente por autarquia e outros parceiros, ultrapassaram os 67 milhões de euros.

A opção pela privatização é, segundo o STAL, tanto mais estranha quando nos últimos anos, os SMAS de Matosinhos têm tido lucros superiores a

um milhão de contos por ano, tendo estes sido, no ano passado, superiores a um milhão e seiscentos mil contos. «Não faz sentido o tradicional argumento dos defensores das privatizações de que a Administração Pública não é capaz de assegurar uma gestão eficaz.» Esta é, antes, «uma opção política tomada ao sabor de uma moda liberal que vai fazendo escola – privatizar os lucros e socializar os prejuízos». Os municípios pagam e os privados colhem os lucros.

ção política tomada ao sabor de uma moda liberal que vai fazendo escola – privatizar os lucros e socializar os prejuízos». Os municípios pagam e os privados colhem os lucros.

Assegurar direitos

Independentemente da decisão final que venha a ser tomada sobre a privatização dos serviços na Assembleia Municipal de Matosinhos, o STAL já manifestou a sua disponibilidade para discutir previamente o caderno de encargos, na parte referente aos trabalhadores, «de modo a que sejam assegurados os interesses e direitos dos trabalhadores».

O STAL pretende que os

trabalhadores possam optar livremente entre serem requisitados para a empresa privada que ficar com os SMAS ou manterem o seu vínculo à autarquia, sem que essa opção seja objecto de retaliação. Com esta ressalva, o STAL referia-se à situação ocorrida em Gondomar, onde, por retaliação, um encarregado, dois canalizadores principais e três canalizadores foram obrigados a trabalhar como cantoneiros de limpeza, na função de varredores.

De lamentar, segundo o STAL, é também a atitude do SINTAP – Sindicato dos Trabalhadores da Administração Pública –, da UGT, que procurou lançar a confusão entre os trabalhadores, ao difundir a ideia de que tinham uma garantia do presidente da autarquia, Narciso Miranda, do PS, de que o processo de concessão não avançava. A realidade desmentiu esta manobra, segundo o STAL, que considera este mais um mau serviço aos trabalhadores prestado pelo SINTAP.

Afirmando que convocará os trabalhadores, já no início de Setembro, para diversos plenários, o STAL recordou a greve «histórica» destes trabalhadores, realizada em Outubro de 1999, aquando da primeira tentativa de privatizar os serviços municipalizados, que uniu um elevado número de trabalhadores.

Lojas do Cidadão

Prossegue a greve

A greve dos trabalhadores com contrato administrativo de provimento nas Lojas do Cidadão e na Direcção dos Serviços de Identificação Civil (DSIC) prossegue com elevadas adesões.

Cumpriu-se, na segunda-feira, respectivamente o quarto e terceiro dia de greve. No turno da manhã, a DSIC verificou uma adesão de 100 por cento, enquanto as Lojas do Cidadão contou com 92,4 por cento. Em todo o País, apenas prestaram serviço dois trabalhadores de Braga e quatro de Aveiro, registando as restantes delegações – Lisboa, Porto, Viseu e Setúbal – uma adesão total. Mais uma vez, com todos os trabalhadores em greve, a DSIC de Lisboa funcionou com a substituição dos trabalhadores em greve por trabalhadores do quadro, numa atitude que a Federação dos Sindicatos da Função Pública considera ser violadora da lei da greve. No turno da tarde, a adesão foi de 100 por cento, tanto na Loja do Cidadão como na DSIC, cuja delegação de Lisboa chegou mesmo a encerrar por se considerar que não havia as condições de segurança necessárias para manter os serviços a funcionar, apesar dos trabalhadores em greve terem sido

substituídos por outros. Para a Federação, só este facto mostra a falta que estes trabalhadores fazem no serviço.

A greve prosseguiu antontem na DSIC, em Lisboa e no Porto, tendo-se verificado os mesmos níveis de adesão. Para dia 26 está marcada um plenário nacional dos trabalhadores com contrato admi-

nistrativo de provimento nas Lojas do Cidadão e na DSIC e uma concentração junto ao Ministério da Justiça.

Os trabalhadores exigem a integração nos quadros da Direcção Geral dos Registos de Notariado, uma vez que executam funções correspondentes a necessidades permanentes dos serviços.



A greve dos trabalhadores precários inviabiliza o funcionamento das Lojas do Cidadão

Organizações do PCP acusam Governo de querer satisfazer patronato

Desemprego aumenta

A Direcção da Organização Regional do Porto do PCP analisou a situação económica e social do distrito, constatando um aumento do desemprego, particularmente nas camadas mais jovens com escolaridade igual ou superior ao 11.º ano.

Este aumento do desemprego é o sintoma «mais evidente da falência da política de direita», diz a DORP, para quem tal situação é, ao mesmo tempo, «prenúncio do agravamento das assimetrias regionais», uma vez que se está a formar jovens para «engrossarem as fileiras de desempregados» ou «saírem para regiões mais desenvolvidas».

Paralelamente, verifica-se a degradação dos serviços públicos e de empresas onde a falta de meios humanos ou a contratação precária se traduzem por uma deficiente prestação de serviços. É o caso dos serviços de Correios e dos serviços de Saúde, onde o Governo diz existirem funcionários públicos a mais quando, afinal, muitos destes serviços «não funcionam ou funcionam na base de trabalhadores na mais injusta precariedade».

Entretanto, em nome da economia nacional e da produtividade, o Governo desenvolve uma política que visa apenas responder «às reivindicações do patronato mais retrógrado», já que todas as medidas que toma vão nesse

sentido e não no de incentivar os trabalhadores a produzir mais. Concretamente com a revisão da legislação laboral e da Lei de Bases da Segurança Social, o Governo pretende dar ao patronato o «poder discricionário de definir a seu belo prazer o horário de trabalho, a polivalência de funções ou os critérios de justa causa de despedimentos». Ou seja, precarizar o emprego, reduzir os salários, diminuir a participação das empresas para a Segurança Social. Para o PCP, esta é, aliás, «uma das maiores declarações de guerra contra os direitos mais elementares dos trabalhadores», pelo que apoiará todas as lutas que os trabalhadores vierem a desenvolver contra esta ofensiva.

Faro

Também a Comissão Concelhia de Faro considera as medidas já tomadas pelo actual governo como lesivas dos trabalhadores e de outras camadas da população e com

evidentes reflexos negativos na região.

No final da reunião para análise da situação política, a Concelhia do PCP manifestou, ainda, a sua disponibilidade para lutar, ao lado de outras forças da região, contra o pagamento de portagens na Via do Infante, assim como as suas preocupações com o meio ambiente, depois do desaparecimento do pulmão verde constituído pela mancha de pinheiros do Ludo e do Pontal.

Serviços públicos funcionam na base da mais injusta precariedade

Condenando, embora, esta acção criminosa, os comunistas criticam também os responsáveis

governamentais e autárquicos pela inexistência de medidas no sentido de prevenir este desastre ecológico, conhecido que é o estado de abandono em que se encontra toda a zona do pinhal.

No que se refere a outras questões do concelho, o PCP defende que o executivo municipal decida rapidamente medidas no sentido do reforço das brigadas de reparação de condutas de água, da pintura das passadeiras de peões e, no âmbito financeiro, do pagamento das dívidas a fornecedores, clubes e associações, dando, ainda, cumprimento aos protocolos celebrados com as Juntas de Freguesia, principalmente as rurais.

Hospital de São João

Melhorar funcionamento

O deputado, do PCP, Honório Novo, tendo em conta alguns problemas do Hospital de S. João, no Porto, que exigem medidas imediatas, dirigiu um requerimento ao Governo, onde critica a falta de resposta aos projectos de candidatura para a instalação de uma Unidade de Cardiologia Pediátrica e de um Centro para Medicinas de Reprodução, apresentados no âmbito do III QCA, e ao pro-

jecto que visa a integral remodelação das estruturas físicas dos Serviços de Urgência, pretendendo saber para quando a resposta a estes projectos.

Num outro requerimento, Honório Novo manifesta as suas preocupações relativamente à indisponibilidade do Governo para renovar os contratos de trabalho dos trabalhadores a prazo, no final dos respectivos contratos. Lem-

brando que, de acordo com uma informação da direcção do Hospital, existem naquela unidade de saúde cerca de 500 trabalhadores com contratos a prazo, pelo que o seu despedimento poria em risco o bom funcionamento dos serviços prestados, o deputado comunista quer ser informado sobre quando pensa o Ministério confirmar a renovação contratual desses trabalhadores.

▼ CAMARADAS FALECIDOS

Álvaro Penim Garcia

Faleceu recentemente, com 74 anos de idade, o camarada Álvaro Penim Garcia, operário reformado da Celcat. Encontrava-se organizado na Freguesia da Amora, Seixal.

Fernando Alves dos Santos

Faleceu, com 81 anos de idade, o camarada Fernando Alves dos Santos. Ingressou nas Juventudes Comunistas aos 16 anos, sendo preso aos 18 e enviado para o Aljube por actividades revolucionárias, nomeadamente ajuda solidária aos republicanos na guerra civil de Espanha. Foi pioneiro de actividades alpinistas e montanhistas em Portugal. Fez parte da CDE/Parede. Integrou os órgãos sociais do Clube de Campismo de Lisboa, da Federação Portuguesa de Campismo e Caravanismo e de Comissões de Moradores. Foi director da Regimprensa. Fez parte da Comissão de Freguesia do Algueirão e da Comissão Concelhia de Sintra do PCP. Pertenceu ao sector de Saúde da ORL. Actualmente militava na Organização da Freguesia de Carcavelos. Era membro da URAP.

Francisco Nunes

Faleceu, com 78 anos de idade, o camarada Francisco Nunes, trabalhador da Cimpor, operário

prensador. Fazia parte da célula da Rebelva, da organização de freguesia de Carcavelos do PCP.

José Augusto Pimentel

Faleceu, há dias, nas Caldas da Rainha, com 87 anos de idade, o camarada José Augusto Pimentel. Começando muito novo a trabalhar, exerceu várias profissões mas a que mais o absorveu foi a de estofador, onde se notabilizou como grande artista. Foi um grande lutador contra o fascismo, exercendo na década de 50, com outros militantes do PCP, grande actividade conspirativa que lhe custou a prisão em Caxias, durante oito meses. Muito dinâmico, fez parte de grupos de teatro amador dos Pimpões, onde chegou a ser dirigente, e foi autarca na Junta de Freguesia de Nossa Senhora do Populo. Foi um poeta popular de grande sentido humanista, tendo escrito dois livros de poemas, «Fragmentos da Vida» e «Cadernos de Poemas». Homem de memória privilegiada, escreveu também um livro historiando o Percurso do Automóvel nas Caldas e Oficinas de Automóveis (1920-1987). Foi colaborador assíduo da Gazeta das Caldas, com poemas seus e crónicas sociais.

★

Aos familiares e amigos dos comunistas falecidos, o colectivo do «Avante!» manifesta sentidas condolências.

BEJA Novos atrasos no aeroporto

É por falta de vontade política dos governos, sejam do PS ou do PSD e PP, que os projectos de desenvolvimento do Alentejo não passam de «promessas incumpridas», acusa a Direcção da Organização Regional de Beja do PCP, «escandalizada» com os novos atrasos que surgiram relativamente ao projecto do aeroporto de Beja. Primeiro, entre 1995 e 2002, os adiamentos foram atribuídos à necessidade de estudar a viabilidade do projecto, depois, já com o Governo PSD-PP, Durão Barroso garantia que «o aeroporto internacional de Beja» começaria a funcionar em 2003, para, em Julho, a Força Aérea começar a colocar entaves à utilização da BAI1 por aviões civis e, passados dias, o ministro das Obras Públicas, em entrevista, reduzir o projecto a «voos charters para o Algarve e Sul de Espanha» e a «utilizações ligadas a alguma carga ligeira». Temendo, assim, pela viabilização do projecto, o PCP exige que o Governo «dê explicações sobre o que na verdade se está a passar».

BAIÃO Melhorar combate aos incêndios

Em Setembro de 1998, a CDU de Baião chamou a atenção para o flagelo dos incêndios florestais e sugeriu medidas para melhor os combater e prevenir, questionando, então, a utilidade do tanque construído na serra da Aboboreira para abastecimento das corporações de Bombeiros e helicópteros, por verter água e não ter sido construído de forma adequada. Apesar de terem sido tomadas algumas medidas correctivas, constata-se de novo a inutilidade do tanque por continuar a deixar desaparecer a água. Quem o diz é a Comissão Concelhia de Baião do PCP que, em comunicado, apela às entidades competentes no sentido de solucionarem a anomalia e darem utilidade prática a um meio indispensável no combate às chamas.

LISBOA Contra fim do crédito bonificado

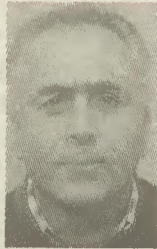
As declarações do secretário de Estado da Juventude, reconhecendo que o fim do crédito bonificado veio criar dificuldades aos jovens, não passam de uma tentativa de resposta aos protestos dos cidadãos, diz a Direcção da Organização Regional de Lisboa do PCP que entregou recentemente ao Primeiro-Ministro um abaixo-assinado com 15 mil assinaturas contra aquela medida. Mais, para a DORI, as declarações do secretário de Estado, quando refere que as políticas de habitação servem para aumentar a mobilidade dos jovens trabalhadores, vêm também confirmar que a «marca de classe» da política deste Governo é mesmo a «defesa dos interesses do patronato».

OEIRAS Não ao aumento da água

Em ano e meio, a EPAL aumentou pela terceira vez o preço da água, denuncia a Comissão Concelhia de Oeiras do PCP que considera, entretanto, que este facto não obriga a que, em Oeiras, a água seja também aumentada. De facto, no concelho de Oeiras, como prova o Relatório e Contas de 2001, os SMAS arrecadam lucros na ordem dos dez milhões de euros anuais, tomando, pois, «um absurdo» qualquer aumento deste bem essencial, diz o PCP, defendendo como «necessário e urgente» aumentar a qualidade da água que, de acordo com as análises, «não respeitam os parâmetros» previstos na lei.

Contradição fundamental

Milhões de operários em todo o mundo passam a sua vida activa a trabalhar directa ou indirectamente para a construção de casas. Entretanto, uma grande parte vive com a sua família em condições sub-humanas porque o ordenado que o patrão lhes dá não chega para pagar uma habitação condigna. Injusta contradição que tem de ser resolvida.



Armindo
Miranda
Membro
da Comissão
Política do PCP

Estão a morrer diariamente dezenas de milhar de pessoas em todo o mundo, especialmente em África, em consequência do vírus da SIDA. Em alguns países, a situação é considerada catastrófica e com consequências muito graves para o futuro desses países. Entretanto, somos informados que as multinacionais do medicamento

Crise económica; queda nas bolsas de todo o mundo; recessão económica em perspectiva; o país está de tanga; não há dinheiro para o reembolso do IRS; fábricas a fechar e operários no desemprego; vigarices nos EUA, na apresentação dos lucros das empresas... Estas e outras notícias no género entram-nos diariamente pela casa

dentro, através da televisão. Entretanto, instituições internacionais insuspeitas dão a conhecer o resultado da investigação levada a cabo acerca da distribuição da riqueza, que indica que a diferen-

**///A diferença entre
ricos e pobres está
a aumentar todos
os anos///**



têm em stock e capacidade para produzir muitos milhões de vacinas contra esta doença. Mas... só as entregam a quem as pagar, bem pagas, de acordo com os critérios de margem de lucro que a ganância capitalista impõe. Bárbara contradição que tem de ser resolvida.

Com a aplicação das novas tecnologias na agricultura, a produção de géneros alimentares aumentou substancialmente. Mas... (é a Organização Mundial de Saúde que informa) milhares de crianças morrem diariamente de fome. Desumana contradição que tem de ser resolvida.

ça entre ricos e pobres está a aumentar todos os anos, ou seja, os ricos são cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres. Dado curioso no que se refere a Portugal: no conjunto dos países a que a investigação diz respeito, o nosso país consegue ficar em segundo lugar. À sua frente só os EUA, o mais desigual de todos. Anacrónica contradição que tem de ser resolvida.

Esta é a contradição fundamental do capitalismo e consiste no facto de a produção ter um carácter social (tem em vista servir as pessoas) mas a apropriação dos seus resultados ser privada.

É possível!

Se é certo que o capitalismo continua a revelar uma assinalável capacidade de adaptação e recuperação, não é menos certo que continua a revelar-se incapaz de anular as suas contradições intrínsecas, a começar pela sua contradição básica aqui abordada. A oposição entre os extraordinários avanços do conhecimento e o brutal agravamento de problemas sociais e humanos, cuja solução está hoje ao alcance do homem, é uma expressão relevante daquela contradição básica que urge superar com a revolução social e a construção de uma nova sociedade, verdadeiramente democrática e socialista. Uma sociedade que é possível!

Não devemos subestimar a correlação de forças, hoje francamente favorável ao capitalismo, assim como devemos ter em conta a determinação do grande capital em defender os seus privilégios de classe, mas a história, em particular a história do movimento operário, mostra que, apesar das enormes dificuldades, há forças que se acumulam e processos que podem evoluir, por vezes muito rapidamente, num sentido favorável à luta progressista e revolucionária.

O século XX, atravessado é certo por dramas cruéis e violentas tempestades, foi na sua essência um século de grandes avanços libertadores que são inseparáveis do pensamento criador e da acção revolucionária dos comunistas.

Tirando ensinamentos das experiências positivas e negativas dos movimentos operário e comunista, estreitamente identificados com os interesses e aspirações dos trabalhadores e das massas populares, e afirmando a independência política, ideológica e orgânica dos seus partidos, os comunistas abrirão o caminho para que, no século XXI, o socialismo triunfe sobre o capitalismo.

Em Portugal, o PCP, pela sua natureza e projecto político, pela forma como está ligado às massas e em especial aos trabalhadores, pela sua postura séria e consequente na luta contra a política de direita e pela construção de uma alternativa de esquerda, sempre esteve e estará em condições de assumir as suas responsabilidades na luta contra o capitalismo, pela transformação revolucionária da sociedade, sem estas contradições desumanas e tão profundamente injustas.

Imediatamente a seguir à Festa do Avante, todos os militantes comunistas têm uma grandiosa tarefa pela frente, que é necessário preparar e planificar desde já. Participar e mobilizar para a luta contra o pacote laboral a favor do patronato, mais conhecido pelo «código do trabalho», e pela defesa da segurança social pública. A grande ofensiva do Governo encontrará pela frente a poderosa determinação dos trabalhadores em defender os seus direitos e os seus interesses de classe, numa vasta frente social de luta.



Desenvolvimento e pobreza

• Ilda Figueiredo

Em vésperas da realização da Cimeira Mundial sobre o Desenvolvimento Sustentável, que decorre de 26 de Agosto a 4 de Setembro, em Joanesburgo, na África do Sul, para além das questões ambientais, através do balanço da situação após a Cimeira da Terra, realizada há dez anos, no Rio de Janeiro, estará em debate o problema da pobreza. É, pois, mais uma oportunidade para reflectir sobre a situação existente e mobilizar energias, tentando que se tomem as medidas imprescindíveis visando atingir objectivos decididos há dez anos, com destaque para a Agenda 21 e duas convenções sobre as alterações climáticas e a diversidade biológica, mas que têm vindo a ser sistematicamente ignorados pelos mais poderosos. E que dificilmente se empenharão na sua concretização efectiva. Só o farão quando forem obrigados pelos povos do mundo. O recente Relatório do Desenvolvimento Humano 2002 faz uma análise interessante sobre os objectivos de desenvolvimento do Milénio, tendo por base os compromissos adoptados pela Assembleia Geral da ONU, de 2000, visando, designadamente, até 2015, a erradicação da pobreza extrema e da fome, alcançar o ensino primário universal e a igualdade sexual, dar poder às mulheres, reduzir a mortalidade infantil, melhorar a saúde materna, combater a Sida, malária e outras doenças, garantir a sustentabilidade do ambiente, etc. Da análise realizada, constata-se que, embora muitos países tenham feito progressos, parece improvável que grande parte do mundo, geralmente os países mais pobres, atinja os objectivos. Dos dados apurados, verifica-se que 55 países, com 23% da população mundial, estão a caminho de atingir pelo menos três quartos dos objectivos. Mas 33 países, com 26% da população mundial, estão a falhar em mais de metade, com destaque para a África subsariana. Estimativas optimistas sugerem que serão necessários 3,7% de crescimento anual do PIB *per capita*, mas, nos anos 90, apenas 24 países o conseguiram, incluindo a China e a Índia. Entretanto, cerca de 130 países, com 40% da população mundial, não está a crescer suficientemente depressa, incluindo 52 países que diminuíram o seu rendimento, como aconteceu na Europa central e de leste. Entretanto, recorde-se que, no final dos

anos 90, cerca de 1200 milhões de pessoas sobreviviam com menos de um dólar por dia e 2800 milhões com menos de dois dólares diários, sendo certo que nesta situação também se encontram pessoas de países considerados desenvolvidos, dada a manutenção, e nalguns casos agravamento, das desigualdades sociais internas. Daí que esta análise exija o cálculo do índice da pobreza humana, vista nas suas múltiplas dimensões, dentro de cada país. Foi o que fizeram no Relatório do Desenvolvimento Humano de 2002. E concluíram que mesmo países desenvolvidos, com Índices de Desenvolvimento Humano idênticos, têm grandes variações nos Índices de Pobreza Humano (IPH). É o caso dos 17 países mais desenvolvidos da OCDE, onde o IPH varia entre os 6,8% na Suécia e os 15,8% nos EUA, passando por 12,5% na Bélgica, 12,9% na Austrália, 15,1% no Reino Unido e 15,3% na Irlanda. Esta situação deve-se ao agravamento das desigualdades sociais internas, dado que, em média, enquanto o rendimento de 1% das famílias mais ricas era, em 1979, 10 vezes maior do que o das famílias medianas, em 1997 essa proporção era de 23 vezes. Apenas o Canadá e a Dinamarca contrariaram a tendência dos países da OCDE, registando uma desigualdade estável ou ligeiramente reduzida, graças a uma política fiscal mais justa e às transferências sociais que possibilitou. Como refere o Relatório do Desenvolvimento Humano, um indicador grosseiro da maneira como os países estão a avançar para reduzir a fome para metade, até 2015, vem das alterações no número de pessoas subalimentadas, registando-se 815 milhões em 1997-99. Ora, 57 países, com metade da população mundial, reduziram a fome para metade ou estão a caminho de o fazer, até 2015. Mas 24 países estão muito atrasados para atingir esse objectivo. E em mais 15 a situação piorou nos anos 90. Assim, apesar de alguma ligeira diminuição nos anos 90 (apenas uma média de seis milhões de pessoas por ano), o aumento explosivo da população mundial e o ritmo muito lento da diminuição das pessoas com fome leva os investigadores do PNUD a concluir que, àquele ritmo, seriam necessários mais de 130 anos para livrar o mundo da fome. Importa, pois, exigir medidas eficazes de maior justiça social interna e externa no combate às desigualdades, à fome, à exclusão social e à pobreza.

Parlamento espanhol avança com processo de ilegalização do Batasuna

Jogo perverso

O Parlamento de Espanha vai reunir-se na próxima segunda-feira para aprovar a proposta dos populares e dos socialistas espanhóis que pede a ilegalização da Coligação Independentista do País Basco Batasuna, acusada de ser o braço político da ETA.

O processo foi iniciado na passada segunda-feira durante a reunião da comissão permanente do parlamento espanhol que com 41 votos a favor aprovou a convocação de uma sessão extraordinária do hemiciclo para o próximo dia 26, segunda-feira.

A verdadeira oposição aos intentos dos partidos maioritários de centro-esquerda surgiu apenas dos nacionalistas bascos do PNV, no governo regional, que acusaram os mentores deste processo de «falta de fundamentos jurídicos sólidos», pondo em causa «princípios básicos da liberdade de opinião e associação». Joxe Joan González de Txabarri, que interveio como porta-voz do PNV, foi claro ao afirmar que «ilegalizar uma força política que representa 15 por cento do eleitorado basco é um jogo democraticamente perverso».

Por outro lado, considerou que com a interdição do Batasuna, PP e PSOE põem em marcha «uma infernal máquina eleitoral e não uma política antiterrorista», acrescentando que é ainda seu objectivo atacar a identidade nacionalista basca, como o provam as

recentes declarações do líder basco do PP, Jaime Mayor, segundo o qual «a ilegalização de Batasuna demonstrará que o País Basco não existe».

Só os nacionalistas bascos se opõem claramente à interdição do Batasuna

O deputado do PNV alertou ainda que a proibição irá dar argumentos aos que defendem a violência e contribuir para o aumento da conflitualidade no País Basco.

Para além dos dois votos contra do PNV, registaram-se mais sete abstenções vindas da Esquerda Unida, dos nacionalistas catalães e do grupo misto, que integra pequenas formações com um único deputado.

A Esquerda Unida, cuja força maioritária é o PCE, manifestou-se dias antes

contra a ilegalização do Batasuna, em coerência aliás com o seu voto contra a Lei dos Partidos em Junho passado. No entanto, segundo o seu coordenador-geral, Gaspar Llamazares, não pretende aparecer como «defensor» dos independentistas, razão que explica a sua abstenção na comissão permanente e que deverá repetir-se na sessão extraordinária da próxima segunda-feira.

Llamazares esclareceu que a sua formação se opôs à lei dos partidos porque esta «diminui as garantias democráticas, ao facilitar a ilegalização de um partido. Igualmente concorda tal só servirá para reforçar a estratégia mais dura da ETA e vitimizar o Batasuna. Contudo, a Esquerda Unida quer evitar a todo o custo ser colocada pelo PP ao lado do Batasuna. Por isso optou pela abstenção para «procurar o equilíbrio entre a rejeição da lei e a ideia de que não somos defensores do Batasuna», disse Llamazares.

Retirada israelita faz quatro mortos

Três palestinianos e um soldado israelita morreram na terça-feira durante a retirada do exército israelita da cidade de Belém, que na noite de véspera voltou a estar sob o controlo da Autoridades Palestiniana.

Este foi o primeiro confronto armado desde o passado domingo quando ambas as partes acordaram na retirada gradual do exército israelita dos territórios autónomos palestinianos da Cisjordânia e Gaza. O acordo foi entretanto rejeitado pelas principais facções armadas da resistência palestiniana, designadamente do Hamas e da Jihad Islâmica, que já anunciaram que continuarão a intifada.

Também o Partido Nacional Religioso (MAFDAL), da direita ultranacionalista israelita, se manifestou contra o acordo, ameaçando o primeiro-ministro Ariel Sharon com o abandono do Governo de Unidade Nacional.

Apesar do acordo, forças israelitas invadiram na madrugada de terça-feira o campo de refugiados de Nur e-Chams, no norte da Cisjordânia, onde cortaram a electricidade e revistaram todas as casas em busca de alegados terroristas, armas e explosivos.

Embaixada iraquiana assaltada em Berlim

Um grupo autodenominado Oposição Democrática Iraquiana assaltou a Embaixada do Iraque em Berlim, onde terá feito entre quatro e seis reféns, havendo notícia de pelos menos dois feridos. O grupo, que terá aprisionado o encarregado de negócios, Shamir Mohammed, assegurou em comunicado que pretendia levar a cabo «uma acção pacífica e limitada no tempo» para protestar contra o regime de Saddam Hussein.

A ocupação teve lugar na terça-feira, pouco depois de o chanceler Gerhard Schröder ter reafirmado a sua determinação de manter-se à margem de uma possível operação militar contra o Iraque liderada pelos Estados Unidos, o que causou mal-estar em Washington e protestos entre a oposição conservadora alemã.

UE apoia regiões inundadas

A União Europeia disponibilizou no início desta semana aos países da Europa Central devastados pelas inundações a totalidade dos fundos de ajuda às regiões em dificuldade (fundos estruturais) não dedicados a projectos específicos.

A decisão foi tomada durante uma minicimeira em Berlim consagrada ao financiamento e construção, em que participaram os chefes do governo da Alemanha, Áustria, República Checa e Eslováquia, bem como o pre-

sidente da União Europeia, Romano Prodi. Os participantes acordaram ainda na necessidade de criar um fundo europeu especificamente consagrado às catástrofes, possibilidade que irá ser estudada no início do próximo ano.

Entretanto as inundações continuam e a descida das águas deverá ainda demorar semanas até que seja possível avaliar a amplitude dos estragos, que, no entanto, já se elevam a vários milhares de milhões de euros.

Colômbia

● Miguel Urbano Rodrigues

O fascismo exhibe o rosto

As primeiras medidas legislativas de Álvaro Uribe abriram um enorme rombo no que restava da fachada democrática do Estado colombiano. Através dele é já visível o rosto medonho do fascismo.

O decreto que instituiu «o estado de comoção nacional» é, pela inspiração, conteúdo e objectivos, o prólogo de uma era de terror policial.

O presidente e os seus ministros anunciaram uma «guerra integral contra o terrorismo». Mas o eufemismo que esconde o estado de sítio sob a palavra comoção, e as leis de excepção já promulgadas iluminam uma realidade: o início de uma guerra total contra o povo.

O «Plano de Segurança» imposto logo após a posse de Uribe - preparado com muita antecedência - faz lembrar o que no género existiu no III Reich nazi. Oficializa a possibilidade da contratação de um milhão de informadores que terão um vínculo directo com organismos do Ministério do Interior. Esses bufos - sapos na linguagem do povo - terão direito a usar armas fornecidas pelo Governo e vão receber um vencimento mensal equivalente ao salário mínimo.

Na opinião do alcaide de Bogotá, o bombardeamento do Palácio Presidencial somente

foi possível porque os moradores das residências donde os morteiros artesanais foram disparados não «cumpriram o dever cívico» de denunciar qualquer movimento suspeito na área. Na ética de Uribe a delação torna-se virtude.

O presidente Uribe aposta numa guerra total contra o povo colombiano

A denúncia é pelo novo presidente apresentada como exigência da «nova cultura da cidadania», como acto patriótico.

Exigência e apologia da denúncia

Na Procuradoria da República realizou-se uma reunião de que ficará memória. O Procurador-geral debateu com os ministros do Interior, da Justiça e da Defesa e com o general responsável pelos serviços de Inteligência as principais «medidas de segurança». Posteriormente, o ministro do Interior, Fernando Londoño, manteve um encontro reservado com a embaixadora dos Estados Unidos, Anne Petterson.



A firme resistência das FARC tornou-se um pesadelo permanente para o sistema de poder imperial

Segundo informações oficiais, o tema principal da discussão foi a operacionalidade do controlo dos telefones celulares. Directores das principais empresas de telefones participaram no encontro e prometeram a sua colaboração. Segundo o diário pró-governamental «El Tiempo», trata-se de «entregar com agilidade a informação» aos organismos do Estado e também da rapidez na localização das chamadas.

Os ministros foram categóricos, informando que estão a ser estudadas fórmulas jurídicas que respondam ao espírito democrático das medidas de controlo dos celulares. Tudo se fará - garantiram - no respeito da lei, de modo a respeitar plenamente «o direito à intimidade dos usuários».

O humor negro dos ministros de Uribe e do Procurador da República parece ter contaminado o director da famosa Drug Enforcement Agency dos EUA, John Walters. Esse alto funcionário norte-americano, presente como convidado na posse de Uribe, reagiu com entusiasmo às medidas de controlo dos telefones celulares adoptadas em Bogotá. «Trata-se - comentou - de garantir a segurança dos cidadãos e de preservar as liberdades cívicas».

Nos próximos dias serão, aliás, adoptadas medidas para «restringir a livre circulação de pessoas e veículos a determinadas horas e em certos lugares do território nacional», bem como promulgada legislação adequada a facilitar a invasão de domicílios e a prisões sem mandato judicial.

O ministro do Interior mais uma vez considerou oportuno tranquilizar a população quanto ao espírito profundamente democrático e respeitador das instituições que inspiraria o feixe de medidas de excepção.

«Os cidadãos - declarou, ainda segundo «El Tiempo» - não devem ter medo de que possa haver excessos, pois este governo é obsessivo no tocante

ao tema do respeito, em qualquer caso e circunstância, dos direitos humanos e do Direito Internacional Humanitário».

Por coincidência, o subsecretário para Assuntos Políticos dos EUA, Marc Grossman, encontrava-se então, em visita de trabalho em Bogotá. Soube-se que o motivo da sua presença foi a assinatura de um acordo bilateral para proteger militares e funcionários norte-americanos residentes na Colômbia, colocando-os, em qualquer hipótese, fora da competência do Tribunal Penal Internacional criado pelas Nações Unidas. O objectivo é garantir a total impunidade dos crimes de Estado em ambos os países.

Grossman, em declarações à imprensa, prestou homenagem à secular tradição jurídico-constitucional da Colômbia.

Para finalizar as referências ao primeiro pacote legislativo de Álvaro Uribe Vélez, tem interesse informar que o novo presidente criou um imposto especial. Aproximadamente 420 mil cidadãos terão de pagar anualmente uma taxa equivalente a 1,2% do seu património líquido. A verba milionária assim obtida destina-se a ampliar e dinamizar o combate às FARC-EP.

Os falcões do presidente

Uma das primeiras iniciativas de Uribe foi a nomeação de uma nova cúpula militar. Para comandante supremo das forças armadas foi designado o general Jorge Mora, que deixa o comando do exército, cargo em que se opusera sempre ao diálogo com as FARC. O seu substituto é o general Carlos Ospina, também partidário da escalada militar. Para a Força Aérea a escolha recaiu no general Fábio Velasco, partidário da política da «terra arrasada», responsável por bombardeamentos indiscriminados de áreas densamente habitadas. O chefe do Estado Maior Conjunto é o general Euclides Ruiz, outro conhecido falcão.

Estes são os oficiais a quem Álvaro Uribe, em discurso pronunciado há dias, confiou a tarefa de adoptar uma estratégia de «guerra integral». O presidente exortou o Exército a comparecer

imediatamente onde quer que as FARC ataquem uma base militar ou um quartel e não três dias depois, como costuma acontecer.

A nomeação da nova cúpula militar foi sem demora elogiada em Washington. Agradou à Casa Branca e caiu muito bem no Pentágono.

Os falcões de Bogotá afirmam, não sem arrogância, que estão criadas as condições para a vitória na «guerra contra o terrorismo». Ao som de trombetas anunciam a próxima destruição das FARC e do ELN. O seu triunfalismo lembra o do norte-americano Westmoreland no Vietnam e o do francês Salan na Argélia.

A memória de Uribe e dos seus generais parece ser fraca. Tanto o presidente como os seus guerreiros esqueceram a resposta que a História deu às profecias de vitória dos colonialistas dos EUA e da França.

Condenada à morte por apedrejamento

Um tribunal islâmico do norte da Nigéria confirmou a sentença de morte por apedrejamento a Amina Lawal, acusada de adultério, e marcou a execução para 2004, altura em que a sua filha Vasilá «já estará criada».

Esta mulher nigeriana de 30 anos, casou-se duas vezes e, depois do segundo divórcio, em Junho de 2000, iniciou uma relação com um vizinho do qual ficou grávida. Em 22 de Março passado foi condenada por ter dado à luz uma menina, agora com oito meses de idade. Segundo a sharia, a lei islâmica em vigor desde 2000 em 12 estados do norte da Nigéria, uma mulher divorciada comete adultério caso tenha relações sexuais sem voltar a casar-se.

A morte por lapidação (método que consiste em enterrar a pessoa até ao peito, sendo apedrejada em seguida até morrer), já tinha sido sentenciada a Safiya Hussaini, de 35 anos, igualmente acusada por adultério, que acabou por ser ilibada na sequência de uma vaga de solidariedade internacional.

Helicóptero despenha-se na Tchetchénia

Mais de 105 soldados morreram e dezenas ficaram feridos na queda ou derrube de um helicóptero russo, na segunda-feira, perto de Grozny, Tchetchénia, desastre que é considerado como o mais mortífero sofrido pelas forças russas desde o início da sua intervenção naquela república independentista, em Outubro de 1999.

Além da incerteza sobre as causas do acidente não se conhece igualmente o número exacto de pessoas que seguiam a bordo do aparelho. A lista oficial menciona entre 127 a 132 militares e cinco tripulantes, mas um porta-voz militar citado pela agência Interfax-AVN referiu mais dez.

Inflação em alta na eurozona

A inflação anual nos doze países que aderiram ao euro subiu para 1,9 por cento em Julho passado, uma décima mais do que o registado no mês precedente. No conjunto dos quinze estados membros da União Europeia este índice também subiu fixando-se em 1,8 por cento. As taxas mais altas verificam-se na Irlanda (4,2%), Holanda (3,8%) e Grécia e Portugal (ambos com 3,6%). Pelo contrário, os índices mais baixos registaram-se na Alemanha (1%), Bélgica e Reino Unido (1,1%).

Solidariedade

O discurso sobre «a guerra integral» tem desviado a atenção de uma evidência: as medidas fascizantes adoptadas pelo governo de Álvaro Uribe atingem brutalmente o povo colombiano, principalmente nas grandes cidades, mas pouco afectam a insurgência. A criação de um exército de bufos, o estado de «comoção nacional», a censura telefónica, a supressão de direitos e garantias constitucionais não alteram minimamente a relação de forças Exército-FARC nem a capacidade de fogo da guerrilha.

O bombardeamento do Palácio presidencial e de outros edifícios públicos no dia 7 de Agosto veio, aliás, desmentir a tese oficial sobre a incapacidade de implantação da insurgência nas áreas urbanas.

Poucos duvidam agora de que as FARC contam hoje com uma ampla e eficaz rede de apoio nas principais cidades, o que pode assinalar o início de uma nova fase na guerra.

As FARC-EP estão conscientes de que no combate por uma Colômbia livre e democrática, a luta contra a calúnia e o silêncio na frente da Informação não é menos difícil do que aquela que travam na frente de batalha contra o exército.

Uma campanha de proporções mundiais apresenta as FARC-EP como organização narcoguerrilheira, de sequestradores, assassinos e bandidos.

As cabeças do comandante Manuel Marulanda e dos principais dirigentes da guerrilha foram postas a prémio. Bush, ao incluir as FARC na sua lista de grupos terroristas, conseguiu que os seus membros sejam caçados como delinquentes pelo mundo afora.

Contribuir para a ruptura dessa cortina de mentiras é uma tarefa prioritária da solidariedade com o povo da Colômbia.

As FARC derramaram sangue inocente ao

longo da sua luta de quatro décadas. É um facto. Mais de uma vez reconheceram essa realidade e assumiram a responsabilidade por erros cometidos, alguns graves, punindo inclusive os responsáveis. Mas não devemos esquecer que situações similares ocorreram com os patriotas vietnamitas e argelinos, com os combatentes sandinistas e os salvadorenhos da FMLN. Partido ou movimento algum pode sair de uma guerra de libertação com as mãos totalmente limpas.

Mas criminalizar as FARC, fazendo da excepção regra, e omitir que a responsabilidade primeira e maior pela guerra na Colômbia e pela espantosa mortandade dela resultante cabe à oligarquia, às forças armadas e ao paramilitarismo é inverter a realidade, falsear a História.

A subida ao poder de Álvaro Uribe chamou uma vez mais as atenções da humanidade para a Colômbia.

Um regime que caminha para o fascismo sem máscara instalou-se na pátria de Nariño, o país que pagou o maior tributo de sangue na luta pela libertação da América Latina no início do século XIX.

Esse fascismo, ainda não despojado de uma fachada institucional, conta com o apoio firme de Washington.

As FARC tornaram-se um pesadelo permanente para o sistema de poder imperial que aspira ao domínio perpétuo e total sobre a humanidade. Isso porque elas resistem, porque demonstram, há muitos anos, que é possível resistir, inclusive pelas armas, em certas circunstâncias e lugares, a uma oligarquia sustentada pela mais poderosa potência do planeta.

Dá-las a necessidade, para a esquerda revolucionária, de ampliar a solidariedade com o partido-guerrilha de Manuel Marulanda. As FARC batem-se, afinal, por todos nós, pela humanidade.

Ouvimos dizer que estás cansado

• Manuel Rodrigues

Os tempos não vão fáceis para quem ousa afrontar a ordem social dominante. A roda da História, após os espectaculares avanços do século XX, retrocedeu às brumas mais sombrias do capitalismo selvagem. A insegurança internacional, o terrorismo, a guerra, o genocídio, novas formas de escravatura e de exploração, o domínio quase planetário das forças (e das políticas) de direita, tornaram mais acidentados os caminhos dos que lutam por uma nova ordem mundial. Também entre nós assim tem sido. Portugal, após a Revolução Democrática do 25 de Abril, que virou uma importante página da sua História, tem vindo a perder muito do legado político, económico, social e cultural desse período. As políticas de direita controlam as alavancas do poder executivo desde 1976; o poder económico, de novo concentrado em grandes monopólios nacionais e transnacionais, orienta e determina o poder político; violam-se direitos políticos, sindicais, sociais e laborais, na maior das impunidades. Um só Partido, entre nós - o Partido Comunista Português -, vem dando sistemático combate a estas políticas. De facto, os comunistas têm sabido estar na linha da frente da resistência ao avanço desta «hidra tentacular», enfrentando a repressão, desafiando o(s) autoritarismo(s), combatendo as injustiças e reclamando os direitos sonogados. Não raras vezes, pagando com a vida, a perseguição, o exílio, a prisão e a tortura o seu «ousado atrevimento». Os comunistas (sem desconsideração pela luta de muitos outros democratas) têm estado, de facto, na linha da frente dos combates por um Portugal livre, democrático, justo e desenvolvido, dando um ímpar testemunho da validade e actualidade dos ideais revolucionários que os norteiam e em cujo horizonte se

prefigura a construção de uma outra sociedade, a sociedade socialista. Mas, se é verdade que assim é, não é menos verdade que em todas as batalhas (duras e longas como esta) se vem revelando natural que haja lutadores que se deixem vencer pelo cansaço ou tolher pelo desânimo. É da história (e da dialéctica) da natureza humana. Não é um fenómeno novo nem estranho. Dói e incomoda. Mas não espanta. O que verdadeiramente surpreende é que, em muitos destes casos, emudecidos os ideais na vertigem do cansaço, depressa se abandonem (ou se troquem) os projectos, que outrora lhes alimentaram o imbatível espírito revolucionário. O que verdadeiramente inquieta é o processo de «milagrosa» metamorfose por que passam, em muitos destes casos, pessoas, concepções e ideais e que, à indomável inconformidade de ontem, oponham agora a cega acomodação a uma espécie de fatalismo histórico, que desacredita as possibilidades de construção de um homem e de uma sociedade novos. E, na razão directa da sua «descrença», se apressem a deitar fora as «armas» com que lutaram por «um outro mundo possível», e de entre elas, a mais necessária, importante e poderosa: uma organização revolucionária, como é (e há-de continuar a ser) o Partido Comunista Português. Todos percebemos quão grande é o cansaço de muitos dos que gostariam que a morte dos próprios ideais fosse acompanhada pela morte do Partido que, umbilical e fielmente, lhes alimentou. Razão bastante para aqui deixar reproduzido o poema/aviso que Bertolt Brecht, já lá vão mais de cinquenta (longos) anos, escreveu sobre os «cansados» das lutas do seu tempo. Afinal de contas, é bom estarmos prevenidos que «os lutadores que estão cansados de mais perdem as batalhas».

*Ouvimos dizer
que estás arrasado. Que já não podes andar de cá
para lá.*

*Que estás muito cansado.
Que já não és capaz de aprender.
Que estás liquidado.
Não se pode exigir de ti que faças mais.*

*Pois fica sabendo: nós exigimo-lo.
Se estiveres cansado e adormeceres
ninguém te acordará, nem
dirá: levanta-te, está aqui a comida.
Por que é que a comida havia de estar ali?*

*Se não podes andar de cá para lá, ficarás estendido.
Ninguém te irá buscar e dizer: houve
uma Revolução. As fábricas esperam por ti.
Por que é que havia de haver uma revolução?
Quando estiveres morto virão
enterrar-te, quer tu sejas ou não culpado
da tua morte.
Tu dizes: que já lutaste muito tempo
que já não podes lutar mais.
Se já não podes lutar mais, serás
destruído.*

*Dizes tu: que esperaste muito tempo.
Que já não podes ter esperanças.
Que esperavas tu? Que a luta fosse fácil?
Não é esse o caso: a nossa situação é pior que
tu julgavas.*

*Por isso: se não levamos a cabo o sobre-humano,
estamos perdidos.
Se não podermos fazer o que ninguém de nós pode
exigir, afundar-nos-emos.
Os nossos inimigos só esperam que nós nos cansemos.
Quando a luta é mais encarniçada é que os lutadores
estão mais cansados.
Os lutadores que estão cansados de mais, perdem
a batalha.*

Tarifário de estacionamento da REFER
mais caro que o bilhete de comboio

CDU de Sintra exige parques gratuitos

A CDU reiterou a exigência de que os utentes dos comboios da Linha de Sintra tenham acesso gratuito aos parques de estacionamento da REFER situados na proximidade de algumas estações.

A última posição pública defendendo a adopção de medidas neste sentido foi tomada pelos vereadores da CDU na Câmara Municipal de Sintra, no decurso da última reunião do seu executivo, na passada semana, através de uma intervenção em que alertaram o presidente e os restantes vereadores para o incumprimento pela REFER, com o apoio da Secretaria de Estado dos Transportes, das deliberações da autarquia, aprovadas por unanimidade, recomendando a gratuitidade no acesso aos parques de estacionamento aos passageiros com título de transporte válido.

Esta é uma condição, defendem os eleitos da CDU, para uma política incentivadora da utilização do transporte público ferroviário e, por esta via, simultaneamente, um contributo para a resolução do problema das acessibilidades no concelho de Sintra.

Uma questão da maior

Falta uma política incentivadora à utilização dos transportes públicos

importância que parece não estar a preocupar nem a REFER nem a Secretaria de Estado dos Transportes. Invoçam estas entidades que as tarifas aplicadas visam «minimizar os custos correntes de manutenção» e constituem um imperativo face à «manutenção de padrões mínimos de qualidade e segurança que deve ser oferecida nos parques de estacionamento». Só que, como salienta a CDU de Sintra em comunicado, tantos os vigilantes como as cancelas automáticas e instalações que agora servem de argumento para a existência de custos mais não são afinal do que o «resultado da intenção de cobrar tarifas».

Do mesmo modo que não colhe a alegação da REFER de que a sua preocupação essencial tem sido a «prosecução de uma política de preços reduzidos para os clientes de caminhos-de-ferro, tendo em vista dinamizar uma maior procura do transporte

ferroviário». É que, também neste plano, a realidade desmente tal afirmação. Como comprova o facto de no parque de estacionamento de Monte Abraão a tarifa diária de estacionamento (1 euro) ultrapassar o preço do bilhete de comboio para Lisboa (85 cêntimos). «Se isto visa dinamizar uma maior procura de transporte ferroviário, não se compreende que no serviço ALFA se garanta por dois dias o estacionamento gratuito num parque da REFER», observa a proposta a CDU de Sintra, antes de acrescentar que é ainda a taxa de utilização dos parques, antes e depois de tarifados, como sucedeu no Monte Abraão e noutros, que se encarrega de contrariar a afirmação daquela empresa.

Depois de exigir uma «política efectiva de transportes» que ponha termo às actuais «dúvidas e atrasos» revelados pela administração central em matéria de acessibilidades no concelho de Sintra, os eleitos da CDU manifestam a sua convicção de que a REFER «pode garantir a manutenção dos custos dos parques de estacionamento», com a certeza que, por esta forma, «maior será a procura pelo transporte ferroviário, assegurando elevadas receitas suplementares, superiores à despesa com os parques».

Extracção de areias no Tejo «Os Verdes» denunciam falta de fiscalização

O Partido Ecologista «Os Verdes» está preocupado com os problemas ambientais originados pela descontrolada extracção de areia no rio Tejo. Acusam as autoridades de não exercerem uma competente fiscalização e temem que a proposta governamental de transferir para as autarquias a responsabilidade sobre as linhas de água agrave o problema. No que designaram por «viagem pelos problemas ambientais do Tejo», destinada a observar os areiros ao longo do rio, para a qual convidaram os jornalistas, «Os Verdes» teceram sobretudo críticas à actuação da Direcção Regional do Ambiente de Lisboa e Vale do Tejo (DRALVT) em matéria de licenciamentos. Segundo a sua dirigente Manuela Cunha, o concurso público que licenciou 22 locais para extracção de inertes no Tejo, realizado em Dezembro de 2001, veio legalizar maioritariamente zonas onde a extracção já se realizava anteriormente.

Verberado é ainda o facto de aquela entidade, antes do concurso, ter realizado

apenas um estudo de incidência sobre a extracção de inertes em detrimento de um estudo de impacto ambiental, como deveria ter sido feito, com a consequente consulta pública.

No que se refere à falta de fiscalização desta actividade, por si apontada como a «maior preocupação», «Os Verdes» chamam a atenção para o incremento registado na extracção de areias do Tejo depois de terem cessado os licenciamentos para a sua realização no Douro, no seguimento da queda da ponte de Entre-os-Rios, em Março de 2001.

«Pode-se extrair areias do Tejo e há zonas onde (a extracção) contribui para o equilíbrio do rio, mas nunca com licenças por cinco anos para o mesmo local e sem fiscalização», sublinhou Manuela Cunha. Tanto mais que, acrescentou, todos os relatórios pedidos ao Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC) antes do licenciamento de Dezembro referenciam a existência de «um grande desconhecimento

sobre os sedimentos que o rio transporta», pelo que «é difícil dizer se há uma situação de excesso» de areias no rio. Segundo a legislação em vigor, recorde-se, a extracção de areias é apenas autorizada como «actividade de desassoreamento».

Quanto ao pacote de descentralização em matéria ambiental já aprovado em Conselho de Ministros, que transfere para as autarquias responsabilidades sobre as linhas de água, apontado pelos «Verdes» é o facto de não ser feita qualquer referência sobre a extracção de inertes em meio hídrico.

Motivo de preocupação é também o facto de o documento não especificar quais as linhas de água que passarão para a alçada dos municípios, desconhecendo-se se um rio internacional como o Tejo é ou não abrangido por esta orientação.

Anunciado por Manuela Cunha foi ainda a intenção do seu partido interpelar o Governo sobre a política que pretende seguir nesta matéria.

FESTADO **Avante!** 2002**da festa!**

6, 7, 8 SETEMBRO • ATALAIA • AMORA • SEIXAL

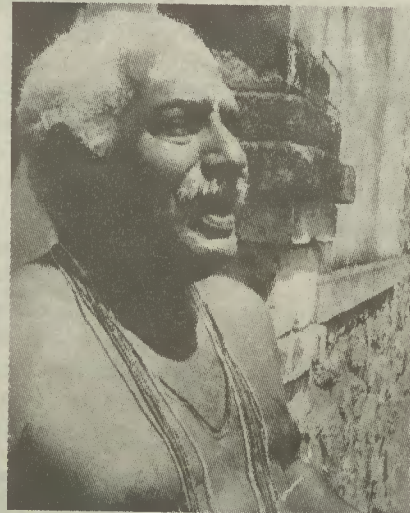


Dança • Desporto • Espectáculos

A «Nova Dança Portuguesa» será um dos pontos altos da Festa do *Avante!* deste ano, com espectáculos de João Fiadeiro e Amélia Bentes. Cláudia Dias, bailarina e coreógrafa, fala sobre o movimento e sobre os principais problemas dos bailarinos portugueses. Subsídios, público e formação são alguns temas da entrevista.

O programa da Festa volta a envolver milhares de atletas e adeptos das mais variadas modalidades desportivas. Desde o xadrez ao *slide* muitos são aqueles que esperam ansiosamente pelo início de Setembro, como explica Rafael Gomes e Paulo Júnior, membros da organização. Os jogos tradicionais são a grande novidade.

Dorival Caymmi, mestre da música popular brasileira, vai estar presente na Atalaia através de Jussara Silveira. O jornalista brasileiro Duda Guennes apresenta os dois cantores, abordando as influências e a forma de compor adoptada por Dorival e o percurso artístico de Jussara.



Café-Concerto

As obras de Adriano Correia de Oliveira, José Carlos Ary dos Santos, António Aleixo e Urbano Tavares Rodrigues são o tema do Café-Concerto, lugar de convívio e de combatividade. O 85.º aniversário da Revolução de Outubro também estará presente.

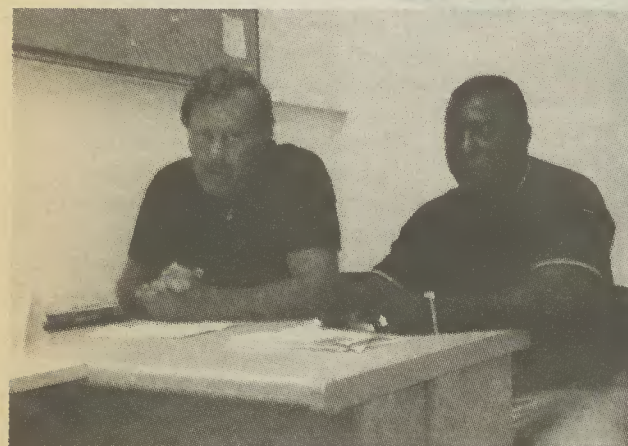




Entrevista com Rafael Gomes e Paulo Júnior, da organização do Desporto

Desporto para todos na Festa do Avante!

O PCP é o único partido político em Portugal que organiza eventos desportivos. Este ano, o programa da Festa do Avante! volta a envolver milhares de atletas e adeptos das mais variadas modalidades. Desde o xadrez ao slide muitos são aqueles que esperam ansiosamente pelo início da Festa, como explica Rafael Gomes e Paulo Júnior, da organização.



«Na Festa do Avante!, vai haver equipas femininas, masculinas, equipas jovens, equipas mais idosas, jogos mais tradicionais, mais organizados e para deficientes», explicaram Rafael Gomes e Paulo Júnior

– Quantas pessoas irão participar nas modalidades desportivas da Festa deste ano?

Rafael Gomes – Em termos de participantes directos, durante os três dias de Festa, tem rondado sempre os 500 a 600 praticantes entre as provas

de xadrez, damas, na parte do polidesportivo e nos diversos jogos. Isto não contabilizando a parede de escalada o slide e a própria Corrida, que em média reúne mais de mil participantes.

Depois ainda há as jornadas de promoção da Festa do Avante!. Já houve uma jornada de pesca que envolveu cerca de 60 participantes e vai ainda realizar-se no dia 25 de Agosto uma prova de ciclismo, que nos últimos anos tem envolvido centenas de atletas.

– O número de atletas inscritos nas diversas provas tem vindo a crescer?

RF – O número de participantes nas actividades desportivas da Festa tem sido mais ou menos constante. Haveria a possibilidade, pelo menos nas jornadas de promoção, de aumentar o número de atletas, visto que o desporto, como actividade de lazer e pela experiência que vamos tendo ao longo dos anos, pelo menos na região de Lisboa, é uma boa forma de as organizações regionais promoverem a Festa. Em relação ao recinto, nós tornámo-lo o mais

participado possível. De qualquer maneira há sempre um número limite em relação às provas.

– Quem é que assegura a realização e organização do desporto na Festa do Avante!?

RF – O desporto não é diferente daquilo que é a generalidade da Festa. A preparação do desporto, tal como a preparação da Festa, é um trabalho de meses, um trabalho de contactos, de organizar actividades, de ter ideias sobre os desportos que possam ser mais atractivos e isso envolve um certo número de pessoas.

Este ano conseguimos criar-se um grupo de trabalho rejuvenescido, se não o é em relação à idade das pessoas é certamente em relação à sua participação. Temos envolvidos só na parte do desporto cerca de 12 pessoas, que na altura da Festa vão também dar o seu contributo na organização das provas. Depois haverá outras pessoas a participar nas arbitragens, nas organizações das próprias actividades como o basquetebol 3 x 3, na escalada, no slide e em todas

as actividades. Haverá ainda colaboradores que vão estar na implantação da Festa. Se há uma implantação geral, há aquela que é particular neste sector, que vai envolver meia dúzia de pessoas que irão fazer as obras finais em relação ao espaço destinado ao desporto.

– Quais os desportos presentes durante os três dias na Atalaia?

Paulo Júnior – No polidesportivo teremos o futsal, o andebol (masculino e feminino), os jogos tradicionais, o voleibol, o sarau de ginástica, o basquetebol 3 x 3 e para deficientes motores. Na Festa do Avante! pensamos nas pessoas que, por infelicidade, têm qualquer deficiência. Aqui existe um espaço para realizar todas as suas modalidades. Iremos também ter o xadrez, das damas e o mah-jong. No pavilhão iremos ter tiro com carabina, tiro com chumbo, tiro com pistola de ar comprimido e estamos a tentar trazer tiro para deficientes. Vamos também ter a malha, o torneio de petanca, a Corrida, o slide, a escalada e muitas outras modalidades.



– Que novidades irão ser apresentadas na Festa?

RF – Este ano vamos contar com a participação de visitantes estrangeiros na Festa, mais precisamente da Alemanha e da Catalunha. Há também um grupo de emigrantes, principalmente dos países de Leste, que vão participar na variante do voleibol. Com isto pretendemos integrar elementos que vem para o nosso país, aproximá-los das actividades desportivas, envolvê-los na Festa e dar-lhes a conhecer a actividade do Partido a nível do desporto.

– À semelhança dos outros anos, irão realizar-se debates ligados ao desporto?

RF – «Desporto para todos» vai ser o tema do debate no espaço do desporto na Festa. Para retratar esta situação estão envolvidos alguns camaradas como o Carlos Rabaçal, a Odete Santos e o Melo de Carvalho. Como alternativa – e porque este ano vai haver um espaço dedicado aos jogos populares e aos jogos tradicionais infantis – vai estar presente o Grupo de Jogos

Tradicionais Alfageme de Santarém, com inúmeras actividades à disposição dos visitantes da Festa.

Sendo a primeira vez que vamos apresentar na Festa do Avante! os jogos tradicionais, será quase relembrar, por parte dos mais velhos, daquilo que foi a nossa infância. Grande parte destes jogos, são aqueles com que nós brincávamos e que eram construídos por nós. É também mostrar este lado prático de construção dos jogos e depois sentir o prazer de os praticar. Penso que isto vai ser muito aliciante para quem lá estiver.

– Passados 26 anos, qual a importância do desporto na Festa?

RF – A importância do desporto na Festa do Avante! é no fundo a importância do próprio desporto em si. Como meio socializante e como actividade de lazer, o desporto serve para divulgar uma prática de ocupação dos tempos livres, de uma forma saudável, de uma forma correcta, sendo por isso também formativa. É fazer com que as actividades que se praticam sejam o mais abrangente possível,

no fundo dar oportunidade para que toda a gente possa fazer desporto.

Na Festa, vão haver equipas femininas, masculinas, equipas jovens, equipas mais idosas, jogos mais tradicionais, mais organizados e para deficientes. Estamos a tentar ter uma vertente internacional e integrar pessoas de outros países que se encontram a trabalhar em Portugal. No fundo é mostrar que o desporto é uma prática de aproximação das pessoas.



«Para além do PCP, em Santa Iria nenhuma outra força política consegue realizar actividades ligadas ao desporto, ou de outro tipo, como nós conseguimos», afirmou José Coelho



Com um almoço que contou com a presença de mais de cem pessoas, foram entregues os prémios do I Torneio 2002 de Futebol de Cinco

Corrida da Festa do Avante!

A Corrida, que pelo prestígio granjeado ao longo das edições anteriores e pelo número de atletas que nela participam, é sem dúvida o maior evento desportivo da Festa do Avante!.

A partida está marcada para as 9h30 de dia 8 de Setembro. Este ano o percurso é mais acessível, pois terá a distância de 10 mil metros (menos 4 quilómetros do que as corridas anteriores), esperando-se uma maior participação a nível popular.

Esta corrida é uma prova aberta, de participação voluntária e gratuita destinada a participantes de ambos os

sexos, atletas individuais e representantes de clubes federados ou não.

Os vencedores absolutos masculinos e femininos ganharão uma viagem à Madeira durante quatro dias com direito a pequeno almoço (a gozar durante o mês de Outubro de 2002).

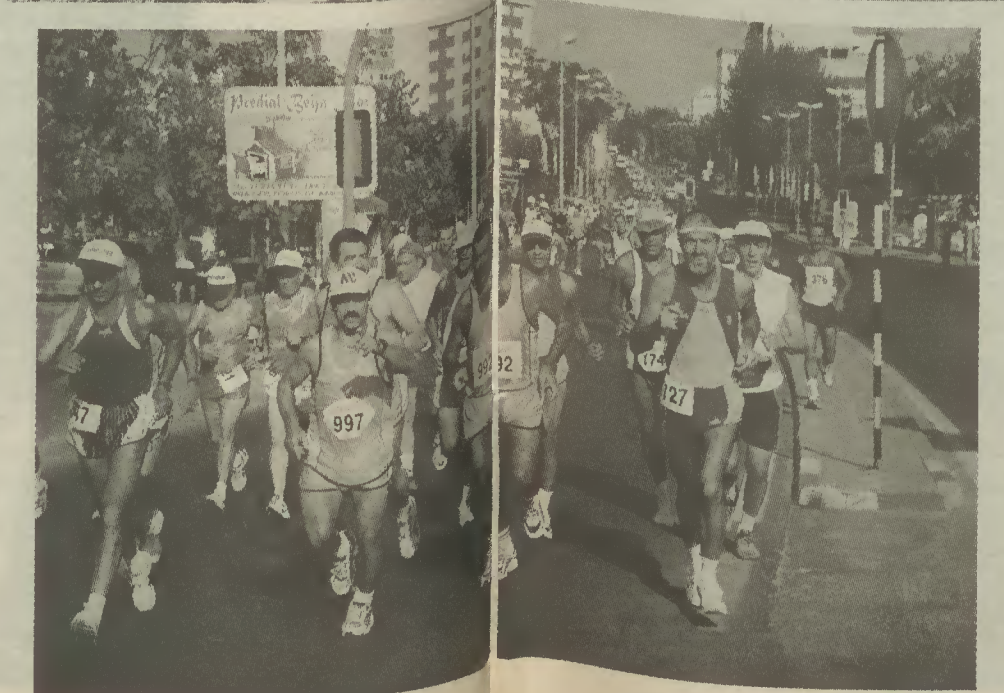
As primeiras 15 equipas receberão troféus ou taças, assim como do 1.º ao 3.º classificado em cada escalão.

Aos primeiros 1100 classificados serão oferecidas camisolas. Haverão ainda diplomas para todos os participantes. Para os interessados as inscrições

deverão ser feitas até 31 de Agosto pelo tel. 21 222 40 00, pelo fax 21 227 25 16 ou por correio para a Corrida da Festa do Avante!, na Quinta da Atalaia, Avenida Baía do Seixal, 2840-415 Amora-Seixal. As inscrições poderão ainda ser feitas através do e-mail festavante@mail.telepac.pt.

Objectivos da prova:

- Proporcionar, através da prática desportiva, oportunidades de convívio, confraternização, amizade e solidariedade perante as contingências dos resultados da competição desportiva;
- Proporcionar situações para a compreensão do fenómeno desportivo e para a defesa dos direitos dos cidadãos à prática do desporto;
- Defender os valores do desporto quer como fenómeno de integração, quaisquer que sejam as origens sociais ou convicções políticas ou religiosas dos participantes, quer como contributo para a melhoria das suas condições de vida;
- Divulgar a prática do desporto e particularmente a corrida como elemento essencial, para a formação física das crianças e dos jovens, numa perspectiva educativa e para a manutenção da saúde e do normal equilíbrio psicológico dos participantes;
- Integrar e valorizar uma proposta alargada de prática do desporto num programa vasto, rico e diversificado de um grande acontecimento cultural e político como é a Festa do Avante!.



Santa Iria da Azóia Êxito desportivo

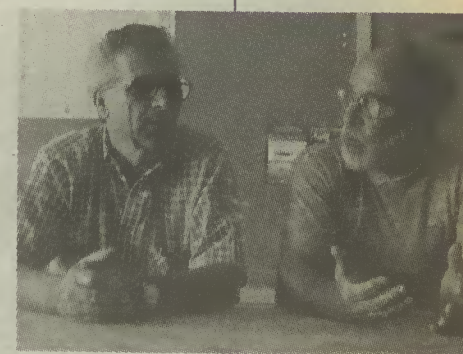
A organização de Santa Iria da Azóia realizou, com intuito de promover a Festa do Avante!, um torneio de futebol de cinco que contou com a participação de 12 equipas, num total de 120 atletas.

nacional, têm que ter a perspectiva que estas iniciativas, a par do trabalho do Partido, são extremamente importantes para motivar os nossos camaradas e todas as outras pessoas», apelou José Coelho.

O PCP funciona

«Em Santa Iria sempre considerámos de extrema importância associar as questões desportivas e culturais à Festa do Avante!. Este ano, após uma reunião do colectivo, decidimos que seria importante envolver a população, através de um torneio de futebol, para fazer um elo de ligação para futuras iniciativas», disse, ao Avante!, José Coelho, da Comissão de Freguesia do PCP de Santa Iria da Azóia. Numa freguesia que tem aumentado de ano para ano o número de habitantes, tendo actualmente mais de 24 mil, «existem pessoas que o Partido ainda não conhece e que tem de conhecer», afirmou José Coelho, acrescentando que «não é fácil ir ao encontro de toda esta população». «Mesmo assim, não estando aqui para nos auto-elogiar, a freguesia de Santa Iria da Azóia é a que tem conseguido realizar o maior número de iniciativas, actividades e participações na Festa do Avante!. Durante as jornadas de trabalho, esta é a freguesia que mais camaradas leva. Nos três dias da Festa continuamos a ser, no concelho, a freguesia que mais turnos assegura, e isso não é nada fácil», confessou. «Este torneio teve a participação de 131 atletas, divididos por 12 equipas. Entretanto, contrariamente aquilo que as pessoas pensavam, este evento foi uma grande iniciativa que se desenvolveu na nossa terra. Para além do PCP, em Santa Iria nenhuma outra força política consegue realizar actividades ligadas ao desporto, ou de outro tipo, como nós conseguimos», afirmou. «Todas as organizações do PCP, neste concelho ou a nível

«Um colectivo pode não estar virado para as actividades desportivas, mas as coisas podem e devem ser realizadas. Isto porque tem sempre mais aspectos positivos do que negativos. Pode haver alguma rivalidade entre os atletas, até porque ninguém gosta de perder, nem a feijões, mas há sempre um aspecto positivo que é a convivência», reafirmou Henrique Gomes, também da Comissão de Freguesia do PCP de Santa Iria. «É a verdade é que as pessoas que participaram neste torneio já estão a pedir para realizarmos um outro. Entretanto, também os jovens já começaram a sentir necessidades no concelho de Loures. Só o PCP é que pode dar a resposta a essas carências», assegurou. «Temos que andar para a frente, amanhã ganhamos cinco, no outro dia sete, depois 10, fazemos um almoço e isto entra no subconsciente das pessoas, dos que participam e dos seus familiares. O que é importante é mostrar que o PCP funciona, está a mexer e isto é muito importante», afirmou o militante. «Embora as dificuldades que temos, no Partido como na vida, quem não pode ou quem não quer perde o comboio e logo vêm outros. O PCP tem uma dinâmica imparável. Não temos que ter medo ou receio que as coisas possam dar para o torto. Nós é que temos de as pôr a funcionar», concluiu Henrique Gomes.



José Coelho e Henrique Gomes sublinharam a importância de iniciativas como a do torneio realizado como contribuição para a promoção da Festa do Avante!.



14
 festa
 do Avante!
 2002

Dorival Caymmi

A preguiçosa criatividade

Dorival Caymmi, mestre da música popular brasileira, vai estar presente na Festa através de Jussara Silveira, dona de uma potente voz que promete abalar o Auditório 1.º de Maio. O jornalista brasileiro Duda Guernes apresenta os dois cantores, abordando as influências e a forma de compor adotada por Dorival (por exemplo, demorou sete anos para compor a canção João Valentão) e o percurso artístico de Jussara.

Aos 88 anos, Dorival Caymmi é o patriarca da música popular brasileira (MPB). Criador de um universo à parte. Obra que passa pelas canções praieiras, influenciadas pelos ares de Salvador da sua infância, desemboca em sambas-canções urbanos nos quais assume a carioca da cidade que adoptou para viver e lança as bases para a valorização das raízes africanas – a viga mestra na qual se estrutura todo o edifício da MPB. Modesto, Caymmi rejeita classificações: «Não sou um criador do género chamado canções praieiras. Foi uma coisa que aconteceu naturalmente, do mar, pela preguiça gostosa de olhar o horizonte, os azuis se encontrando, aquela beleza romântica, o nascer do sol. Sou um apreciador da natureza desde a infância, então trouxe aquilo para a música». E vai ainda mais longe: – «O importante na vida é olhar a paisagem.» Se em quantidade tem um acervo relativamente pequeno – cerca de cem canções – qualitativamente é magnífico, pedras lapidadas com admirável maestria, música e letra encaixadas com precisão «Aprendi a fazer música com esse jeito folclórico, ligado à terra. Com o objectivo único de agradar a mim. Agradar os amigos. Sempre desejei fazer poesia dentro de uma realidade:

uma poesia presa às raízes, saída da vida dos pescadores que conheci pessoalmente. Só penetra no povo o que realmente tem raiz», teoriza o Buda Nagô da MPB. Além de lapidar as suas músicas com uma precisão de ourives (passou sete anos para compor *João Valentão*), Caymmi, que é o melhor intérprete das suas próprias músicas, possui uma voz possante e um jeito brejeiro de as cantar. Cantar manso de quem não tem pressa e que está em paz com a vida.

Elogio à preguiça

Segundo Jorge Amado, «a música de Caymmi muito deve a essa preguiça, ou melhor, a esse tempo baiano». «Caymmi leva meses e meses trabalhando cada uma de suas músicas e letras, ao sabor do tempo e da preguiça baiana e criadora», completa o Amado escritor, amigo, parceiro, conterrâneo e compadre de Caymmi. Nascido em Salvador (30-4-1914), Caymmi, como grande parte da mocidade intelectual nordestina, optou pelo Rio de Janeiro, então capital do Brasil, para tentar uma carreira mais promissora. Com quase 24 anos pegou um ita (barco costeiro) e foi para o Rio morar (como deixou registado numa das suas mais famosas canções). Já lhe haviam dito que o Rio era a

terra da música. «Se você fizer sucesso, fica rico», essa frase ficou-lhe na memória. Munido da sua voz possante e o violão bem afinado, foi à procura de sua hora e sua vez, que não demorou. O primeiro contrato na Rádio Tupy rendia-lhe 240 mil réis mensais. Dois meses depois passava para a Transmissora já com 600\$000 por mês e mais tarde, ingressava na Rádio Nacional (a TV Globo da época), com 700\$000 por mês e muita publicidade. No final deste 1938, a cantora Carmem Miranda gravou *O Que é Que a Baiana Tem?*. Daf para frente o jovem compositor baiano nunca mais parou de fazer sucesso.

Hoje, aos 88 anos, lúcido e activamente preguiçoso, Caymmi continua a ser de entre os grandes aquele cuja obra ostenta a menor índice de redundância e, portanto, a maior taxa de informação estética.

Concerto com concerto

Estória contada pelo jornalista João Gabriel de Lima: «O compositor Dorival Caymmi, dono de um ritmo de trabalho único na música brasileira – chega a ficar dez anos lapidando uma canção e não se cansa de elogiar a preguiça –

Jussara Silveira:

uma delicada explosão

Atenção galera: Jussara Silveira é uma bomba de retardador lento prestes a explodir, e esta explosão dar-se-á na Festa do Avante! quando ela subir ao palco e começar a cantar. Af, o público verá que o ambiente vai ficar íntimo como uma pequena praça. Jussara Silveira é o que se pode chamar uma cantora de classe. Sua formação tem raízes nas técnicas básicas do canto lírico. Ainda garota, se entusiasma com os mestres da bossa-nova e do jazz west coast. Sua voz é doce, suave, possante. Afinadíssima, ela transmite perfeição e o eterno prazer de cantar.

Apesar de só em 1997, já aos 37 anos, ter lançado o seu primeiro disco - *Jussara Silveira* -, a cantora não era exactamente uma novata. Era, antes, daquelas que seguem o mito da tranquilidade baiana: «Faço bem aquela linha descansada de beira de praia, mas acho que me dou bem assim.» Assim, sem pressa, Jussara (a quem os amigos chamam de *Lady J*), vem administrando a sua carreira. Só aos 29, fez seu primeiro show profissional, na Bahia (antes havia sido vocalista em discos como *Outras Palavras*, de 81, de Caetano Veloso), com um sucesso assinalável. As pessoas que tiveram a sorte de presenciar o espectáculo perguntavam-se extasiados: por quê só agora? Foi apenas uma explosão local. É certo, mas abriu-lhe as portas para centros maiores como São Paulo e Rio de Janeiro, com apresentações frequentes em casas alternativas no início dos anos 90, onde passou a disfrutar prestígio junto à imprensa especializada, que a classificou como cantora *cool*, filiada à tradição iniciada por João Gilberto em contraposição ao movimento Axé, dançante e *swingado*, que projectaram Daniela Mercury, Netinho, Olundum, Ivete Sangalo e outros baianos. Só as editoras não notaram. Inserida no mercado, ainda que de forma independente, Jussara enfrenta o rótulo de *cantora baiana*, que a inércia do produção actual que rotula tudo que vem da Bahia como tropicalista ou axé *music*. Jussara passa ao largo de todos estes rótulos. Ela está na dela e a dela é muito mais. Sempre mais.



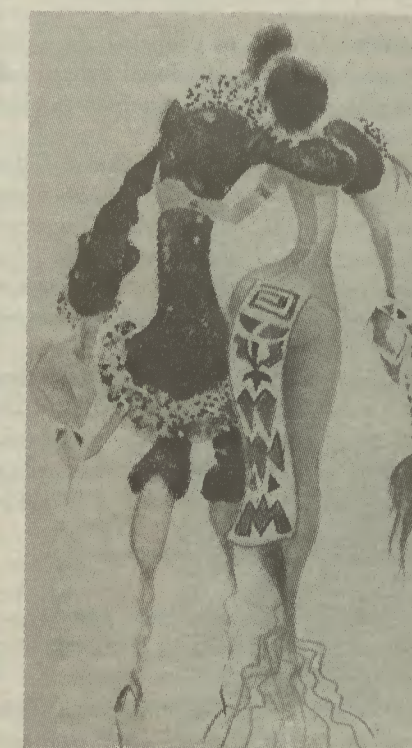
brasileiro», afirma a cantora carioca. «Faz parte da minha história musical. Foi um dos dois compositores que eu me lembro de ter cantado em criança», completa Olívia (o outro é Gonzagão).

Agora, outra falsa baiana (mineira baianizada) entregou-se à mesma tarefa e dá conta perfeitamente do recado. Jussara Silveira quer ampliar o seu público e mostra neste show baseado no disco *Canções de Caymmi* que é uma intérprete muito original. Depois de ter passeado sua carreira por caminhos sonoros que incluíam músicos do porte de Chet Baker, Billie Holiday, Judy Garland, Angela Maria e Amália Rodrigues, Jussara Silveira resolveu dar uma *reciclada* e voltar à sua adoptiva praia baiana para encarar a obra do mestre maior da MPB: *Canções de Caymmi*, uma selecção de clássicos do génio de *Maracangalha*. Sofisticação e simplicidade. Neste show, Jussara Silveira canta uma coisa de praia, de tranquilidade, de paz. Um elemento indefinível que não existe longe do mar. «É uma coisa brasileira que eu tenho, calma, *joão-gilbertiana*. De um lugar que tem sol, praia, mas é uma coisa diferente dessa loucura que é o carnaval, embora eu também cante no Carnaval», insinua a cantora.

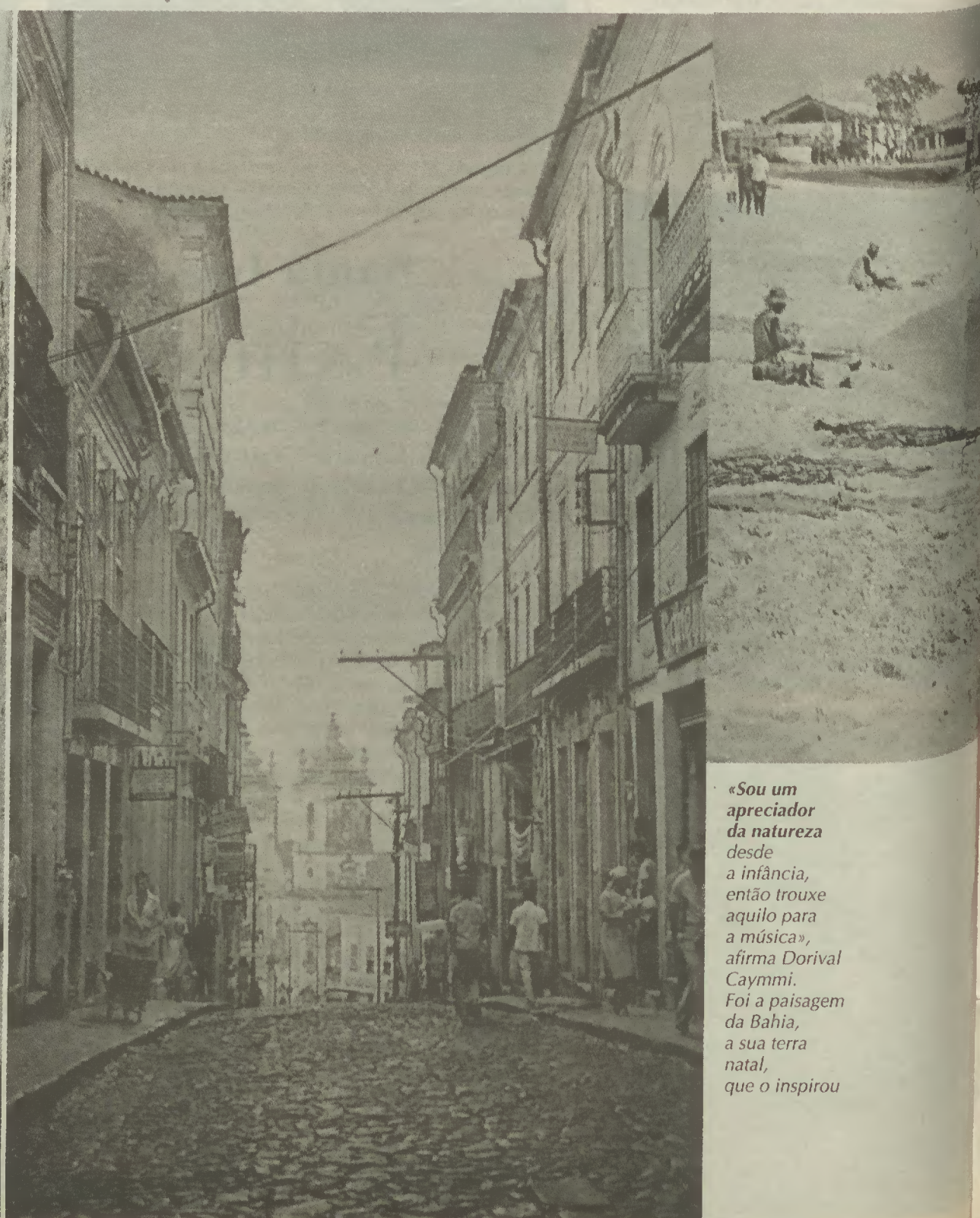
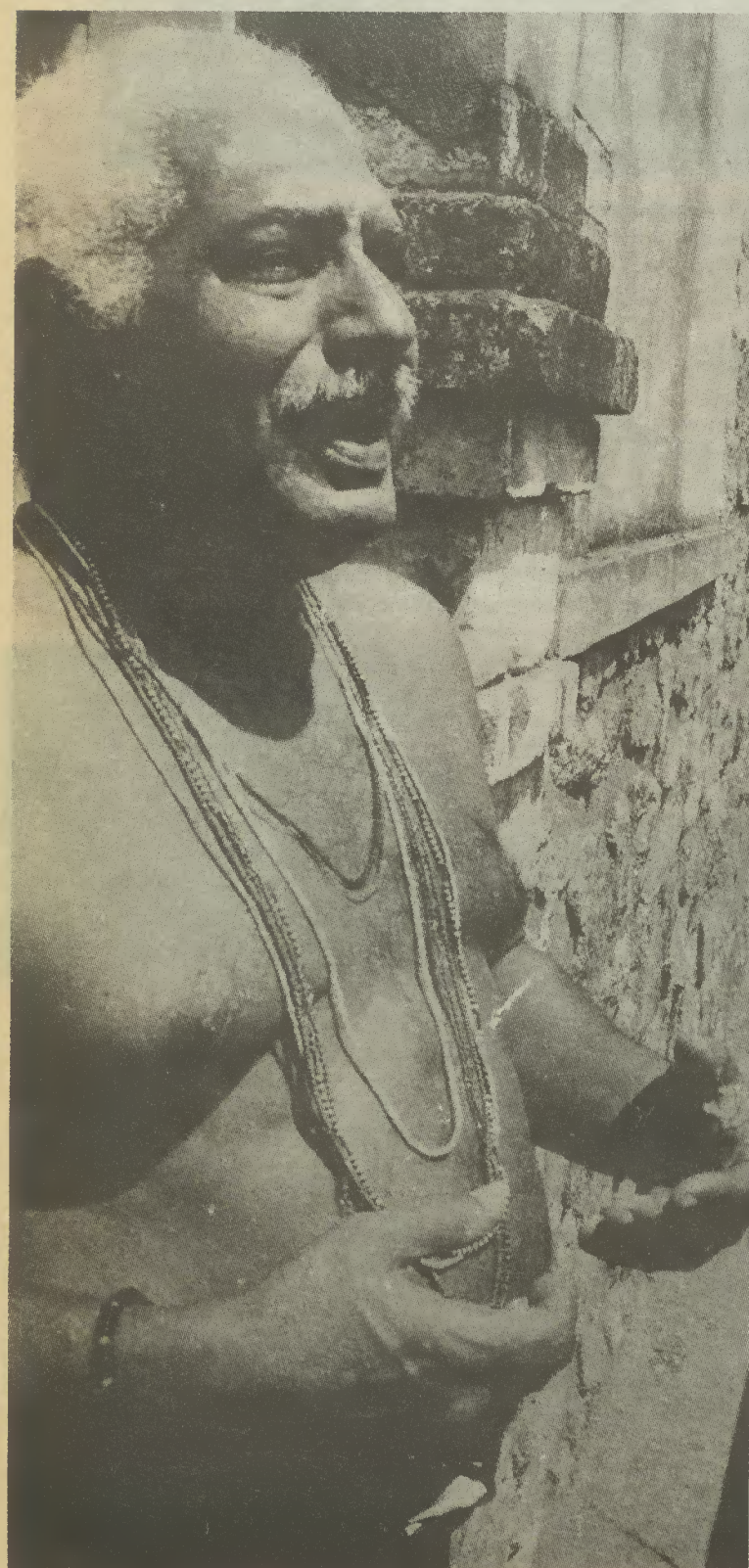
A hora e a vez

Cantar músicas de Dorival Caymmi é um objectivo de qualquer intérprete da MPB. Equivale a um título de mestrado ou doutorado. Dificilmente haverá um cantor que não o tenha tentado. Só que, gravar músicas de Dorival Caymmi constitui uma responsabilidade e tanto. Porque Dorival Caymmi é «apenas» o mais original e rigoroso dos compositores brasileiros (dentre os grandes, aquele cuja obra ostenta o menor índice de redundância e, portanto, a maior taxa de informação estética). O problema é que não há intérprete de sua música superior a ele próprio – e sozinho, acompanhado tão-só de seu violão. É doce morrer no mar de Caymmi. E disso sabe com certeza até a autora de um antológico *Gal Canta Caymmi*, de 1976. Como também o sabe, e muito bem, a própria filha, Nana Caymmi, cantora de estilo manso e refinado e herdeira musical do pai. Sabe-o, de certeza, Olívia Hime, que recentemente realizou show com as músicas do genial baiano. «Caymmi é um desejo obrigatório de todo o artista

Discografia básica de Dorival Caymmi



«Canções Praieiras», Odeon, 1955
 «Caymmi e o Mar», Odeon, 1957
 «Eu Vou Pra Maracangalha», Odeon 1957
 «O Mar... O Violão... Caymmi e Suas Composições Praieiras», Odeon, 1957
 «Ary Caymmi/Dorival Barroso», Odeon, 1958
 «Eu Não tenho Onde Morar», Odeon, 1960
 «Caymmi Visita Tom e Leva Seus Filhos, Nana, Dori e Danilo», Elenco, 1964
 «Caymmi (Kai-ee-me) and the girls from Bahia», Warner/Odeon, 1965
 «Vinicius/Caymmi no Zum-Zum», Elenco, 1967
 «Encontro com Dorival Caymmi», RCA, 1969
 «Caymmi», Odeon, 1972
 «Caymmi Também é de Rancho», Odeon, 1973
 «70 Anos de Caymmi», Funarte, 1984
 «Caymmi, Som, Imagem e Magia», EMI-Odeon, 1987
 «Família Caymmi em Montreux», PolyGram, 1991
 «Caymmi Inédito», Universal Music, 1997



«Sou um apreciador da natureza desde a infância, então trouxe aquilo para a música», afirma Dorival Caymmi. Foi a paisagem da Bahia, a sua terra natal, que o inspirou



Entrevista a Cláudia Dias, bailarina e coreógrafa, da organização do Avanteatros

Conhecer a Nova Dança Portuguesa

Cláudia Dias, bailarina e coreógrafa, actualmente a trabalhar na companhia RE.AL, faz parte da organização do Avanteatros, espaço que este ano apresenta vários espectáculos da «Nova Dança Portuguesa». Em entrevista, Cláudia Dias explica o que é este movimento e fala sobre os principais problemas dos bailarinos portugueses.

– A dança é vista como uma arte de segunda?

– Em termos políticos, é. Se compararmos o montante das verbas atribuídas nos concursos de apoio à dança e ao teatro, vemos que são bastante diferentes. Há mais actividade teatral, por isso o montante tem de ser superior, mas o que é atribuído a cada projecto na área do teatro é muito superior à área da dança. Obviamente que há mais público para teatro do que para dança.

– Mas isso tem a ver também com a oferta e os hábitos culturais?

– Tem a ver com a tradição. A dança em Portugal é uma arte relativamente recente, muito mais do que o teatro. Mas isso está a mudar.

– A situação da dança é pior do que noutras artes?

– Não necessariamente. Não existe uma política cultural, logo todas as áreas são afectadas, cada uma com as suas especificidades, mas a questão coloca-se da mesma forma. O que acontece é que tivemos o movimento do teatro independente logo após o 25 de Abril e essas estruturas que na altura eram extremamente frágeis agora estão

consolidadas. O Teatro da Cornucópia é um exemplo disso. Na dança isso não acontece, porque há uma diferença de dez ou quinze anos. Agora estamos no auge das estruturas independentes na área da dança, que vivem numa fragilidade imensa. Tanto o teatro como a dança são vítimas da ausência de uma política cultural.

– E comparando com outros países da União Europeia?

– As pessoas vão sempre buscar os melhores exemplos ao modelo francês. O que acontece na área da dança em França não tem nada, mas nada a ver com a realidade portuguesa. Eles criaram um sistema com o apoio do poder central, foi criada uma rede de centros nacionais de dança, há centros regionais de dança, escolas em todo o país... Existe uma espécie de partilha de responsabilidades, o que significa que quando um governo cai os agentes no terreno não caem. A questão que se coloca agora aos franceses é: «Estamos demasiado institucionalizados. Como vamos trabalhar isto?» Nós nem sequer criámos um sistema.

– Esse será o melhor exemplo. E nos outros países?

– Do ponto de vista da política cultural, o melhor exemplo é o francês, mas acho que as coisas mais interessantes se estão a fazer na Bélgica. É um país que está no centro, que recebe informação de uma série de países e de pessoas diferentes. Em Portugal isso não se coloca, nós somos claramente um país periférico.

– Em Portugal há mais saídas do que entradas?

– Isso agora começa a mudar um pouco. Há uma série de festivais que criaram algumas raízes. Já podemos dizer que

assistimos a espectáculos de grande contemporaneidade. Recebemos ou partimos, mas não existe propriamente uma miscigenação.

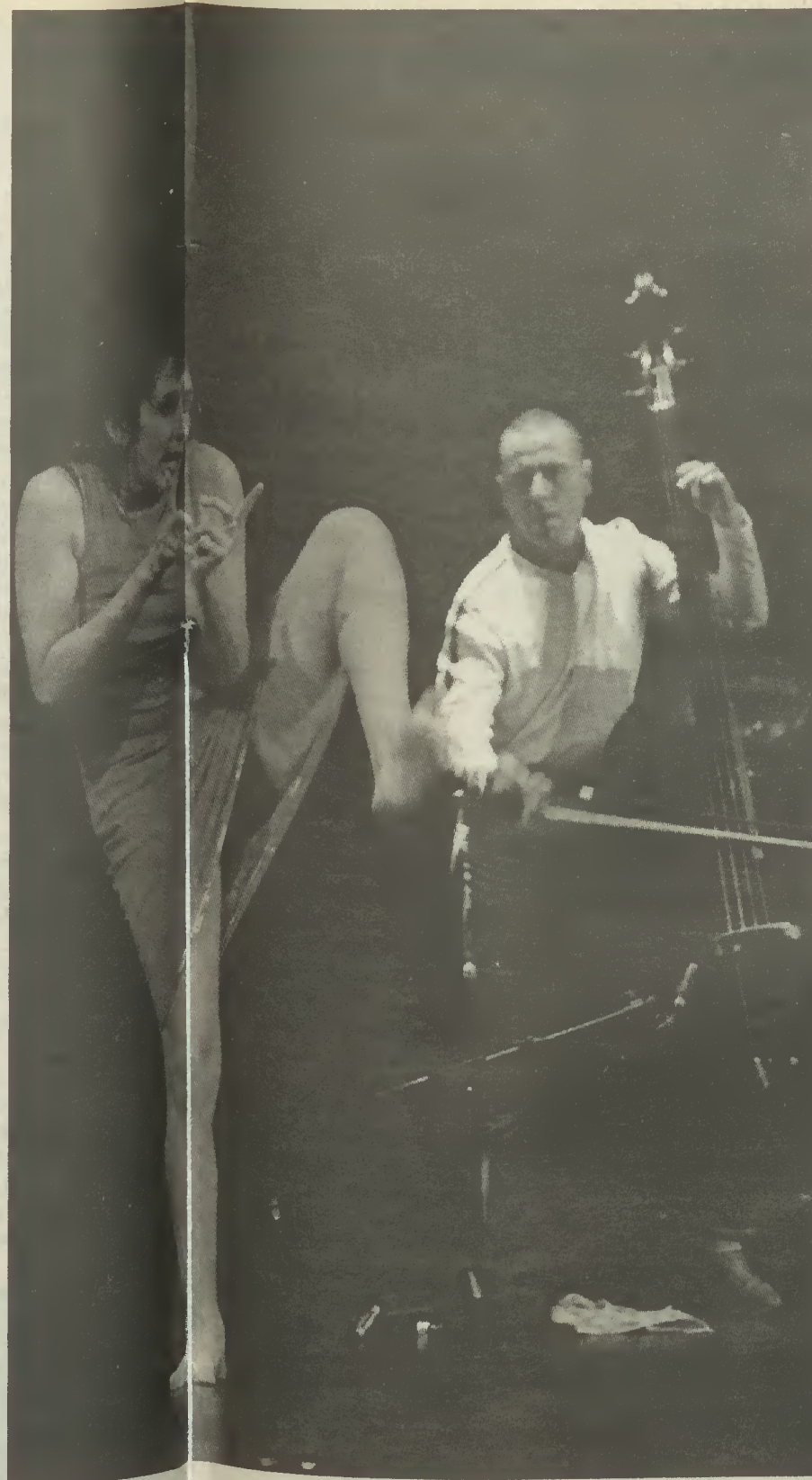
– Os grupos de trabalho «Dez Mais Dez» reivindicam uma alteração à política cultural. Em que sentido?

– Quando se fala em política cultural, as pessoas têm ideia que os artistas só querem dinheiro na lógica da «subsídio-dependência». Efectivamente isso não é verdade. As coisas são mais mediatizadas quando saem os resultados das atribuições de subsídios, mas esses concursos são apenas uma parte de toda a problemática. É óbvio que o regulamento dos concursos deve reflectir as expectativas das pessoas que estão no terreno e não deve ser elaborado por «pessoas de gabinete». Deveria haver um diálogo real e constituir-se uma espécie de grupo de interlocutores.

Por outro lado, tem de haver um aumento na verba atribuída à dança. Dentro do orçamento geral do Estado, o orçamento para a cultura é tão baixo (já em 1978 se falava no mítico um por cento que ainda não foi atingido) e, dentro deste, cabe à dança uma verba pequena. Esta questão deveria ser regulamentada e não andar ao sabor das políticas. Normalmente com os governos de direita a área da cultura é extremamente afectada, porque impera a lógica de uma vertente nacionalista da cultura, ligada ao património. As áreas ligadas à contemporaneidade são as primeiras a ser afectadas.

Do que sentimos mesmo falta é de um investimento estrutural, que permita continuidade e o aperecimento das novas gerações. Na Nova Dança Portuguesa há uma série de pessoas com um trabalho reconhecido no estrangeiro e, por falta de investimento nas estruturas que dirigem (a nível de espaços ou de ensino), todo

esse material não foi rentabilizado. As novas gerações vivem uma situação um bocado esquizofrénica: olhamos para os pioneiros da Nova Dança Portuguesa, vemos que eles produzem e temos a noção de que também podemos fazer, mas quando vamos fazer não temos formação para isso. Sente-se uma certa ansia por parte dos programadores de criar uma continuidade nas pessoas que vão surgindo e o que acontece são apresentações em grandes espaços de pessoas que ainda estão «à procura». Assiste-se a muitos actos suicidários das novas gerações porque ainda não têm uma formação consistente. A sua formação é aos solavancos, uma vez aqui, outra ali. São pessoas que, também influenciadas pelos pioneiros da Nova Dança Portuguesa, rejeitaram o sistema de ensino oficial, que é completamente obsoleto, tanto a Escola Superior de Dança como a Faculdade de Motricidade Humana, se bem que



“Uma coisa é apoiar de uma forma equilibrada, saber que o espectáculo vai circular, que há estruturas para a companhia rentabilizar o seu trabalho e depois tenha de pedir menos dinheiro ao Estado. Outra coisa é a distribuição fácil e descomprometida de dinheiro”

«Apoiar a luta pela dignificação da actividade artística é ajudar a construir uma sociedade mais crítica e mais interventiva»



festa
do Avante!
2002

embora já exista alguma coisa para o teatro. Se contactas com as ciências sociais e as ciências exactas, também poderias poder contactar com as artes performativas. Logo af os alunos deveriam ver se sentem aptidão para ir para a área do espectáculo. Depois de feito o secundário, deveriam ter a possibilidade de ir para uma universidade tirar um curso na área da dança. Este ano vai abrir um curso na Faculdade de Letras de Lisboa ligado às artes performativas, mas a dança não consta. A nível das universidades devia haver uma abertura. No ensino oficial devia haver uma reformulação profunda a nível dos conteúdos programáticos.

– É fácil ser profissional mesmo para uma pessoa que tenha formação?

– No nosso país ser profissional é não ter carreira. O mercado de trabalho não está regulamentado e o estatuto profissional do bailarino não existe. É muito difícil e geram-se situações estranhas, com pessoas que nunca tiveram formação na área da dança a fazer coreografias e a sair na primeira página do Expresso. O que resta às pessoas que têm formação em dança é sujeitar-se às poucas audições que vão existindo. É muito difícil.

– O desemprego é uma situação comum?

– As pessoas que vão para as companhias têm a sua situação mais ou menos estabilizada, apesar dos ordenados serem extremamente baixos, para além de não se fazer descontos para a segurança social. Quem opta por tentar a sua sorte nas estruturas independentes tem períodos de trabalho e largos períodos de não trabalho...

Deveria ser elaborado um estatuto profissional para o bailarino, o coreógrafo e o formador e contemplasse o sistema de intermitência. Quando se está a trabalhar, está-se a receber com um contrato; quando não se está a trabalhar, teríamos direito a uma espécie de subsídio entre contratos. É o que se passa no sistema francês.

Em Portugal, muitas vezes quando estamos a trabalhar nem sequer temos contrato ou se temos não tem nada a ver com a realidade burocrática. Quando acabamos esse período de trabalho nem sequer temos direito ao fundo de desemprego. Mesmo que estejam a trabalhar e a receber relativamente bem, as pessoas fazem a divisão desse ordenado para o resto dos meses. Se fores ao Bairro Alto vês imensas pessoas da dança a trabalhar em bares.

Educar para a arte

– Qual é a importância da profissionalização?

– Uma coisa que devia mesmo existir é a regulamentação do mercado de trabalho e um estatuto profissional com a atribuição de carteira profissional em moldes actualizados para que pessoas de outras áreas possam entrar no meio da dança. Hoje trabalha-se muito com bailarinos e actores na mesma produção. Outra questão é a idade da reforma. A dança ainda não foi reconhecida como profissão de desgaste rápido e os bailarinos têm reforma aos 65 anos, o que é hilariante. Partem do princípio que somos todos Pina Bausch.

– Para além da falta de espaços próprios, da inexistência de um estatuto profissional e de um sistema de protecção social, quais são os principais problemas da dança em Portugal?

– Há a questão da apresentação. Com o ministro da Cultura Manuel Maria Carrilho foram introduzidas questões muito importantes como a reabilitação de cine-teatros e o programa «Itinerância». Existem agora espaços físicos, mas não há formação para as pessoas que lá estão. Tens um espaço, mas não tens um programador que saiba o que se está a fazer e não tens equipas técnicas criativas.

És um coreógrafo independente, recibes um apoio pontual, fazes dois ou três espectáculos, vão as pessoas do circuito e pronto! Estamos a falar de dinheiros públicos e, se recibes um subsídio, deves levar o espectáculo ao maior número de pessoas possível. Em Portugal é muito difícil circular com uma peça.

– Isso tem a ver também com a promoção dos espectáculos?

– Tem a ver com a falta de espaços para fazeres a produção. As pessoas da segunda geração da Nova Dança Portuguesa fazem produção nas mesas do café ou nos computadores de casa. Há falhas enormes porque não há infra-estruturas. Normalmente é o bailarino ou o coreógrafo que faz a produção, porque não tem dinheiro para pagar a um produtor, o que implica falhas. As câmaras

municipais também não estão motivadas. Existem autarquias mais motivadas para a área cultural. O exemplo de Almada é indiscutível.

– Há muita gente que acha a arte «chata», seja ir ao teatro ou a uma exposição. Há público para o que se faz na dança? E as pessoas conhecem a dança?

– A questão do público prende-se com a questão da formação comum. Se não fores motivado desde a escola primária para determinados produtos, é muito difícil haver um público. Há experiências que comprovam que quando é feito um trabalho com a comunidade – estabelecer relação com as escolas, fazer iniciativas de formação – vais criando hábitos. Nunca poderemos pensar que o teatro ou a dança serão indústrias altamente rentáveis e o papel do Estado é insubstituível. Mas uma coisa é apoiar de uma forma equilibrada, saber que isso terá resultados, que o espectáculo vai circular, que há estruturas para a companhia rentabilizar o seu trabalho e depois tenha de pedir menos dinheiro ao Estado. Outra coisa é a distribuição fácil e descomprometida de dinheiro.

– Qual o futuro da dança em Portugal?

– É um movimento que não vai parar. Há quem já fale numa terceira geração relacionada com a Nova Dança. As pessoas na área da dança estão mais motivadas com uma intervenção mais política e mais reivindicativa. Mas será que essa luta vai ter expressão cá para fora? Será que vamos envolver a sociedade? Será que vamos passar a mensagem de que apoiar a luta pela dignificação da actividade artística é ajudar a construir uma sociedade mais crítica e mais interventiva? As pessoas têm essa noção? Penso que não, mas af a responsabilidade também é dos artistas. Há uma certa tendência para viver em circuito fechado. É muito mau ter governos de direita, mas o «inimigo» passa a ter contornos muito mais definidos. Existe futuro para a dança em Portugal e o caminho só pode ser o da melhoria. Os bailarinos sentem que têm o direito de exercer a sua profissão no seu país, por isso vão continuar a trabalhar e a lutar.

ultimamente tenha aberto umas brechazinhas a professores relacionados com a Nova Dança.

– A que se deve essa inadequação do ensino oficial?

– Para já, não existe diálogo entre o Ministério da Cultura e o Ministério da Educação, o que não faz sentido. Por outro lado, as pessoas que estão à frente das instituições já deram o seu contributo e se calhar precisariam de ser renovadas.

– Quais são as consequências?

– Quando as pessoas saem dessas escolas não estão aptas para o mercado de trabalho da dança contemporânea. Os coreógrafos da Nova Dança Portuguesa têm imensa dificuldade ao escolher pessoas que são formadas nessas escolas, porque não estão aptas a fazer este tipo de trabalho.

– Isso significa que aprenderam algumas técnicas e não outras?

– Significa que podem ser bons na área da dança clássica ou de uma dança modernista, mas todas as técnicas que surgiram nos Estados Unidos relacionadas com a improvisação não são dadas, apesar de serem as matérias com que os coreógrafos trabalham.

– Essas técnicas têm quantos anos?

– São coisas dos anos 50.

– Que possibilidade tem um bailarino de descobrir a sua vocação para a dança, de aprender a dançar e depois de dançar profissionalmente?

– Nas escolas devia haver uma vertente relacionada com as artes performativas,

A Festa da dança

Nas palavras de Cláudia Dias, o movimento da Nova Dança Portuguesa «surgiu espontaneamente» na década de 80, caracterizando-se fundamentalmente por constituir uma ruptura com a dança que se fazia então, considerada conservadora e académica.

«Não se pode dizer que a Nova Dança Portuguesa tenha uma linha estética ou que todos os elementos do movimento partilhem as mesmas concepções. Há quem diga que há uma especificidade na Nova Dança ligada a um certo imaginário do Sul, mas não sei se será mesmo assim», comenta a bailarina e coreógrafa.

Influenciadas pela Nova Dança Europeia e pelo Pós-Modernismo americano, a Nova Dança Portuguesa «surgiu com pessoas que saíram de Portugal para ter formação noutros lados e que quando regressaram foram criando as suas próprias estruturas e foram tendo apoio, mas não um apoio que acompanhasse o grau de maturação atingido», acrescenta Cláudia Dias.

«O que eu sou não fui sozinho», de João Fiadeiro e Rui Catalão, e «Live», de Amélia Bentes, são dois espectáculos que pretendem mostrar ao público da Festa do Avante! o trabalho desenvolvido pela Nova Dança Portuguesa.

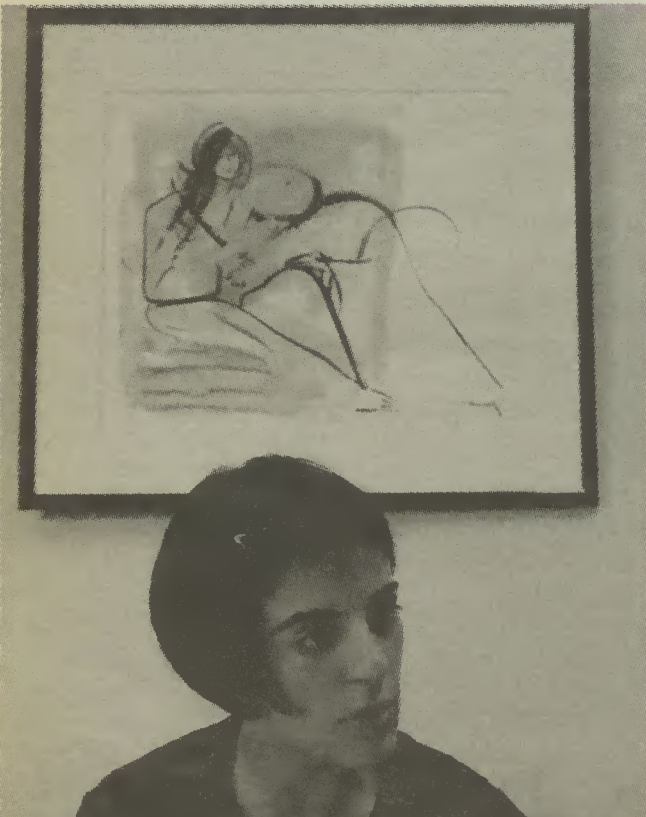
«O que eu sou não fui sozinho» é uma conferência/demonstração, em que o bailarino e coreógrafo João Fiadeiro conversa informalmente com o jornalista Rui Catalão sobre a dança e a sua produção. No desenvolvimento dos temas, surgem rupturas retóricas e físicas e nascem traços de uma performance inesperada.

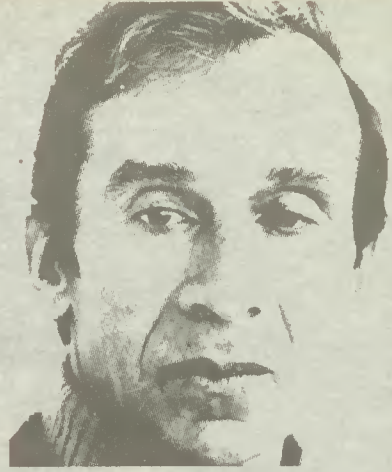
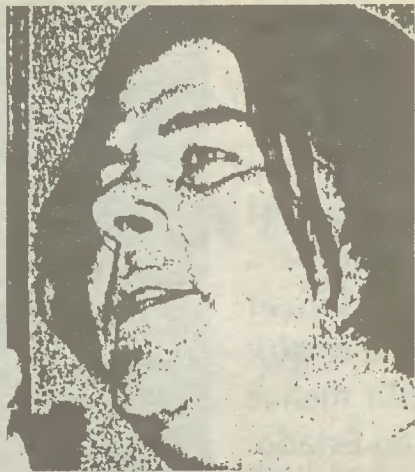
Por seu lado, «Live» é uma performance de improvisação, ou seja, uma composição em tempo real, em que o

corpo da bailarina Amélia Bentes e o piano de João Lucas se encontram para um jogo de fortes contrastes. Pretende-se criar situações imprevisíveis, brincar com o acaso e as energias do momento, com a dança e a música à procura de um espaço próprio.

Na tarde de domingo, realiza-se um debate sobre o movimento com o objectivo de lançar a reflexão produzida na comunidade da dança, nomeadamente sobre questões como a dignificação da actividade artística, a construção de uma sociedade esclarecida e participativa e a necessidade da existência de uma política cultural a longo prazo. O debate conta com a participação de vários bailarinos e coreógrafos: João Fiadeiro, Amélia Bentes, Graça Passos e Ezequiel Santos.

«Os bailarinos sentem que têm o direito de exercer a sua profissão no seu país, por isso vão continuar a trabalhar e a lutar»





Adriano, Ary, Aleixo e Urbano no Café-Concerto

A palavra feita arte

Adriano Correia de Oliveira, Ary dos Santos e António Aleixo serão evocadas no Café-Concerto, num espectáculo de homenagem com a participação de Simone de Oliveira e Morais e Castro, entre outros. O 50.º aniversário da obra de Urbano Tavares Rodrigues e os 85 anos da Revolução de Outubro serão também recordados.

Como foi publicado numa recente edição do *Avante!*, a poesia de José Carlos Ary dos Santos é a base de um espectáculo que terá lugar no Avanteatro, na noite de domingo. O Café-Concerto também evocará o poeta num espectáculo que recorda ainda as obras de Adriano Correia de Oliveira e António Aleixo. A actuação ficará a cargo de Simone de Oliveira e Morais e Castro, entre outros. Militante do PCP, o compositor e cantor Adriano Correia de Oliveira é habitualmente associado ao 25 de Abril, não só pela sua participação em grandes jornadas de luta pela liberdade e pela paz antes da revolução, como pelas canções que marcaram aquele período. Adriano correu o País de Norte a Sul em campanhas de dinamização cultural e em comícios e festas do Partido, da APU e do movimento sindical.

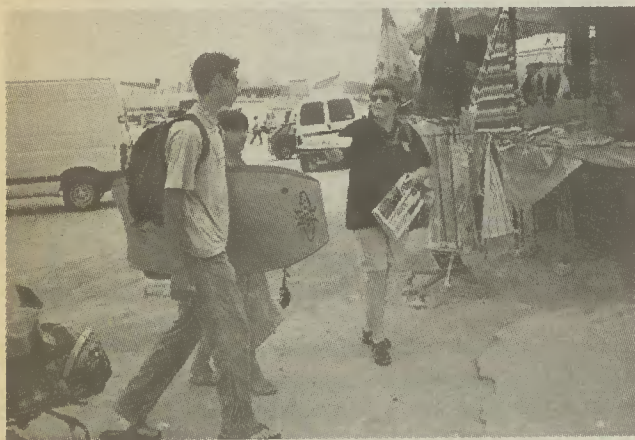
O fado e outras manifestações da canção tradicional portuguesa fazem parte da carreira de Adriano, que se iniciou em Coimbra, nos anos 60, onde frequentou o curso de Direito. Integrou ainda a Comissão de Espectáculos da primeira Festa do *Avante!* e actuou em todas as edições até à sua morte.

«A voz de Adriano Correia de Oliveira vem das mais profundas raízes da nossa história, do nosso povo e das mais profundas raízes da camaradagem e do ser humano», considera Óscar Lopes, acrescentando que os poemas de Adriano surgem na linha da «secular tradição de luta do povo português contra a traição dos exploradores». António Aleixo é outro homenageado. Semianalfabeto, cantor e repentista, Aleixo nasceu e viveu no Algarve. Durante anos percorria as feiras com uma guitarra a cantar as suas quadras, respondendo às muitas solicitações. Guardador de cabras, soldado e polícia, Aleixo emigrou para França, tendo regressado mais tarde a Portugal. «Quando Começo a Cantar», «Intencionais», «Auto da Vida e da Morte», «Auto do Curandeiro» e «Auto do Ti Jaquim» são títulos de algumas das suas obras.

50 anos de Urbano

Há cinquenta anos que Urbano Tavares Rodrigues escreve. A sua obra será celebrada no Café-Concerto, na noite de sexta-feira, numa evocação que

conta com a participação do autor. A obra de Urbano Tavares Rodrigues caracteriza-se por «uma literatura de combate e de experiência pessoal», como refere João de Melo. «Chama a si a crónica miúda e persistente deste último século português, ela mesma o trânsito de um país que viajou das trevas profundas para a luz da liberdade e das dos universos das injustiças sociais, da opressão, da cadeia e de todos os abusos para a celebração do país do povo, da terra, da revolução e da fraternidade», prossegue o escritor no seu texto «O Imaginário Alentejano de Urbano Tavares Rodrigues», datado de 1996. O Alentejo está intimamente ligado à obra do autor, bem como os centros urbanos, especialmente Lisboa, em obras como «Bastardos do Sol», «A Porta dos Limites», «Aves da Madrugada», «Insubmissos», «Contos da Solidão» ou «A Hora da Incerteza». «Compreendi que o meu destino estava verdadeiramente ligado ao mundo do Alentejo, dos trabalhadores rurais, dos pequenos camponeses e por esses, por um Alentejo diferente eu havia de lutar, de escrever, havia de viver», afirmou Urbano Tavares Rodrigues.



Jornada de divulgação na Costa de Caparica

Realizou-se no domingo nas praias da Costa de Caparica, em Almada, uma jornada de divulgação e promoção da Festa do *Avante!*, organizada pelo Sector Intelectual de Lisboa. Durante o dia foram distribuídos centenas de jornais dos artistas e vendidas dezenas de EP's e fitas da Festa.

Participaram ainda vários artistas circenses que realizaram malabarismos, actividades com fogo e tocaram jambés.



Vila Real de Santa Antónia Minimaratona de Futebol de Cinco

A organização de Vila Real de Santo António da JCP irá realizar no dia 24 de Agosto, no complexo desportivo local, a Minimaratona de Futebol de Cinco da Festa do *Avante!* de 2002. No torneio estarão presentes oito equipas de jovens do concelho, que ao longo do dia disputarão o primeiro lugar, estando prevista a final para as 21 horas.

A equipa vencedora, além de receber EP's para a Festa, terá a oportunidade de participar num jogo amigável a realizar no polidesportivo da Quinta da Atalaia, no fim-de-semana de 6, 7 e 8 de Setembro. Esta iniciativa integra-se no calendário de divulgação da Festa do *Avante!*, o qual já marcou

presença neste concelho, durante os dias 10 e 11 de Agosto, em que foram distribuídas centenas de jornais dos artistas nas praias e ruas das três freguesias de Vila Real de Santo António. Esta iniciativa pretende dar particular atenção à confraternização e à promoção do desportivismo.

Visite a Festa do Livro

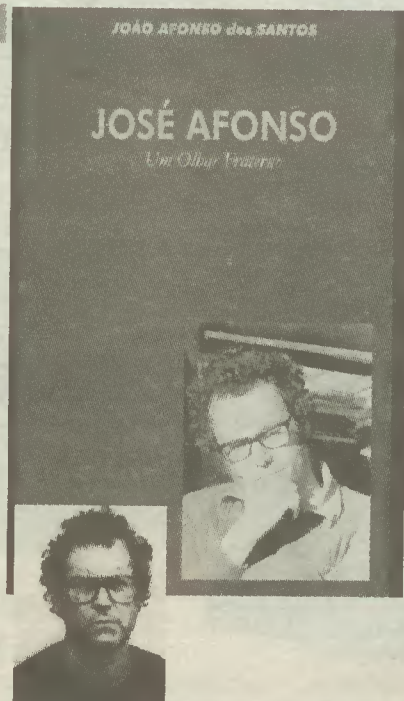
Uma das maiores livrarias do País

Lançamentos * Sessões de autógrafos * Milhares de livros * Dezenas de editoras * Preços fantásticos

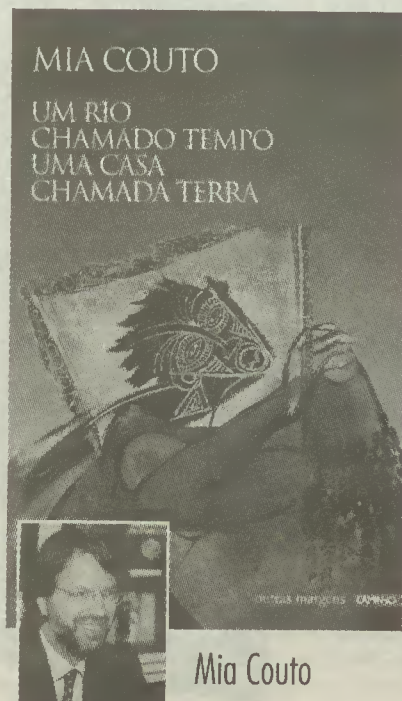
Lançamentos



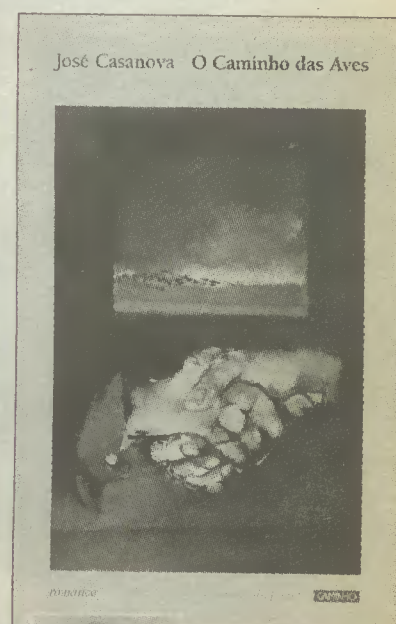
O Rei Lear
William Shakespeare
Tradução e notas de Álvaro Cunhal, com introdução de Luís de Sousa Rebelo



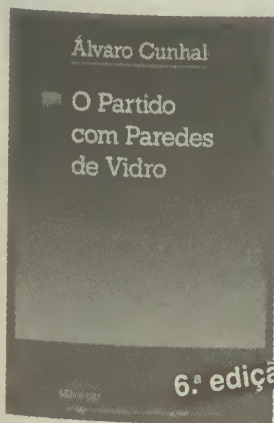
José Afonso - Um Olhar Fraterno
João Afonso dos Santos
Um livro que nos dá a conhecer, pela pena de seu irmão, novas dimensões da personalidade multifacetada e do percurso de José Afonso.



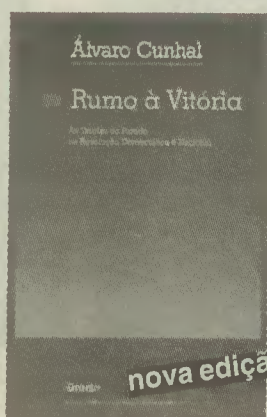
Um Rio Chamado Tempo Uma Casa Chamada Terra
Mia Couto
Um novo romance de Mia Couto. Um retrato irónico e poético das mudanças profundas que atravessam a sociedade moçambicana actual.



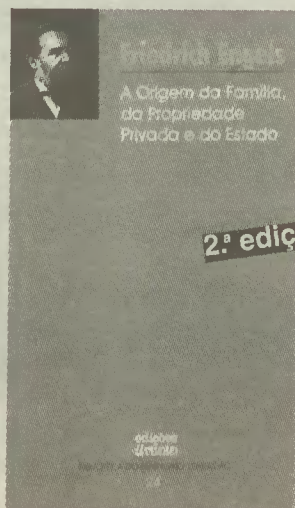
O Caminho das Aves
José Casanova
Uma bem-vinda incursão de José Casanova pela ficção.



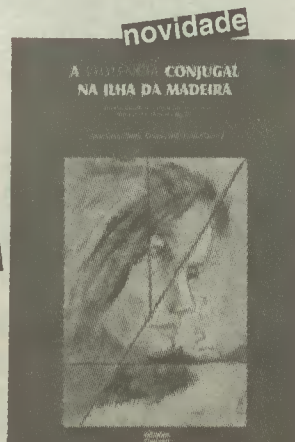
O Partido com Paredes de Vidro
Álvaro Cunhal
«O ensaio *O Partido com Paredes de Vidro*, teve a sua primeira edição em Agosto de 1985 com um objectivo declarado: dar a conhecer como nós, os comunistas portugueses, concebíamos, explicávamos e desejávamos o nosso próprio partido. (...) Entretanto, os princípios fundamentais, vasta e pormenorizadamente desenvolvidos no ensaio, mantêm, a nosso ver, significativa actualidade (...)»



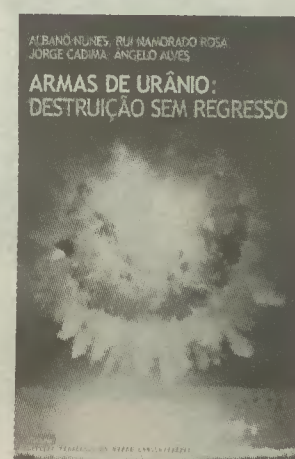
Rumo à Vitória
Álvaro Cunhal
De um valor histórico indiscutível esta obra apresenta-nos um rico manancial de experiências e ensinamentos de flagrante validade e actualidade.



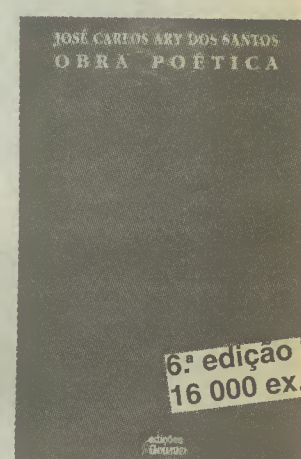
A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado
Friedrich Engels
De novo à venda a reedição há muito esperada.



A Violência Conjugal na Ilha da Madeira
Uma investigação sociológica dos maus tratos sobre a mulher durante o ano 2000
Carla Cruz, Dália Costa, Maria João Cunha
Estudo promovido pela Organização das Mulheres Comunistas.



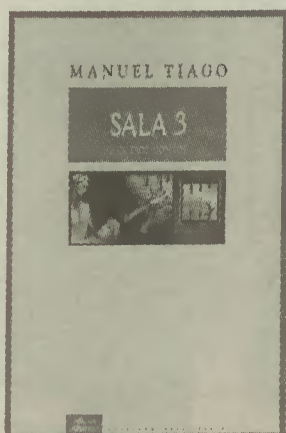
Armas de Urânio: Destruição sem Regresso
Albano Nunes, Rui Namorado Rosa, Jorge Cadima, Ângelo Alves
Uma corajosa denúncia e um alerta para a necessidade do prosseguimento da luta pela completa interdição das armas com urânio empobrecido.



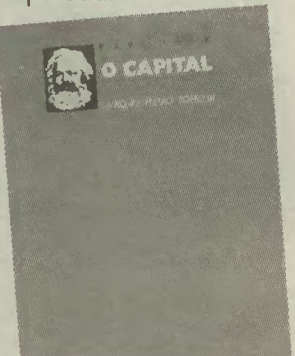
José Carlos Ary dos Santos Obra Poética



Toda a obra poética publicada do autor reunida num só volume.



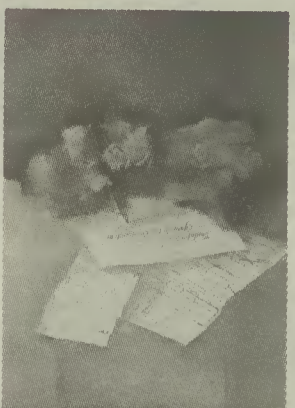
Sala 3 e Outros Contos
Manuel Tiago
O mais recente livro de Manuel Tiago. "O mesmo rigor na escrita, objectiva, muito visual e concisa, a mesma vivacidade oral dos diálogos caracterizam estes três contos do autor de *Até Amanhã Camaradas* e de *Cinco Dias, Cinco Noites*."
Urbano Tavares Rodrigues



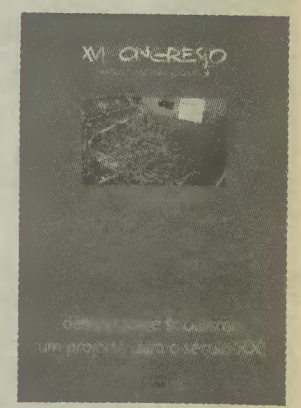
O Capital
Livro Primeiro Tomo III
Karl Marx
O I livro de *O Capital* é essencialmente dedicado à análise da relação de produção dominante do capitalismo: a relação de exploração do trabalho assalariado pelo capital. Marx descobriu o segredo da exploração capitalista e formulou uma teoria verdadeiramente científica da mais-valia que, segundo a expressão de Engels, provocou a mesma impressão que «um trovão num céu sereno».



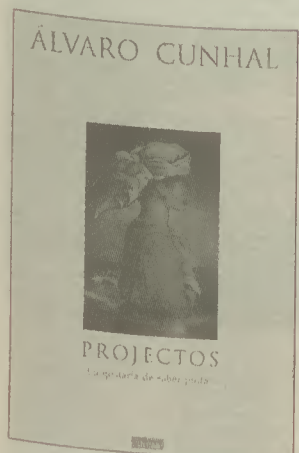
Rogério Ribeiro 47 ilustrações para o romance, de Manuel Tiago, Até Amanhã, Camaradas
O livro não fala de quaisquer homens ou mulheres, fala da luta do Partido Comunista Português, e estas imagens ambicionam ser também, de algum modo, um relato dessa luta.



6 Serigrafias de Rogério Ribeiro
Edição muito limitada, numerada e assinada pelo autor. Estas serigrafias reproduzem seis das mais representativas ilustrações de Rogério Ribeiro para o romance, de Manuel Tiago, *Até Amanhã, Camaradas*.



XVI Congresso do PCP
Esta edição reúne o conjunto de materiais – informações, intervenções e documentos aprovados – relativos aos trabalhos do XVI Congresso do PCP que, sob o lema Democracia e Socialismo – Um Projecto para o Século XXI, se realizou nos dias 7, 8 e 9 de Dezembro de 2000.

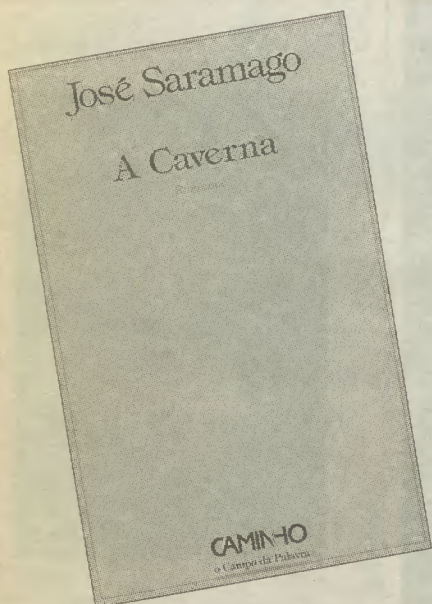


Projectos
Reprodução de oito pinturas inéditas de Álvaro Cunhal

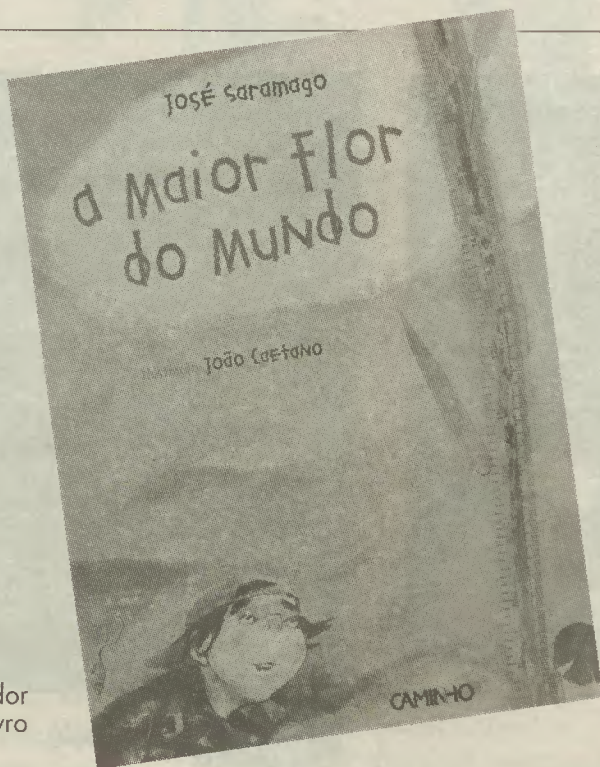
Visite a Festa do Livro

Uma das maiores
livrarias do País

Lançamentos * Sessões de autógrafos * Milhares de livros * Dezenas de editoras * Preços fantásticos



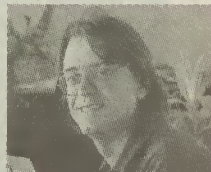
Um perturbador
e actualíssimo livro



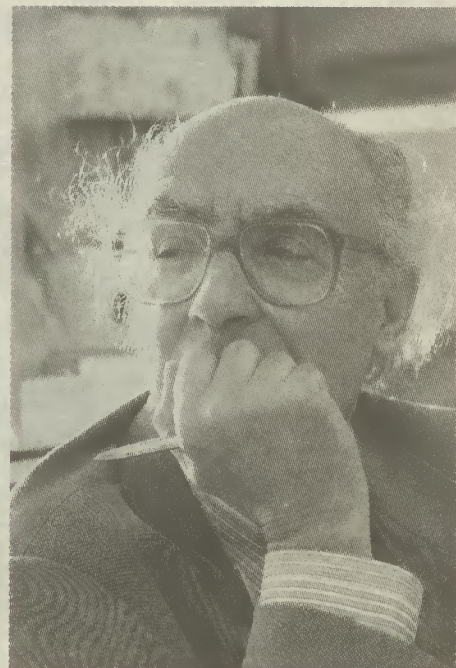
José Saramago

Um belo livro
para crianças

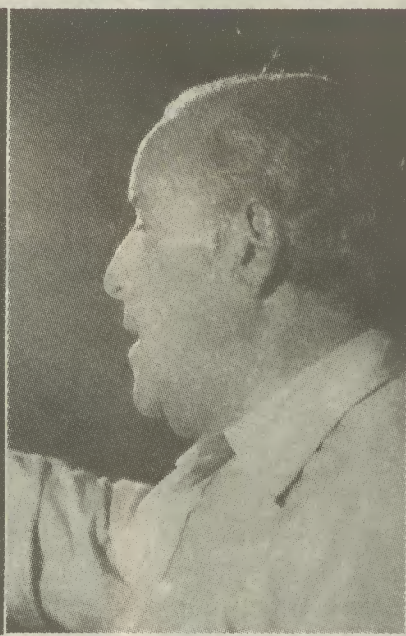
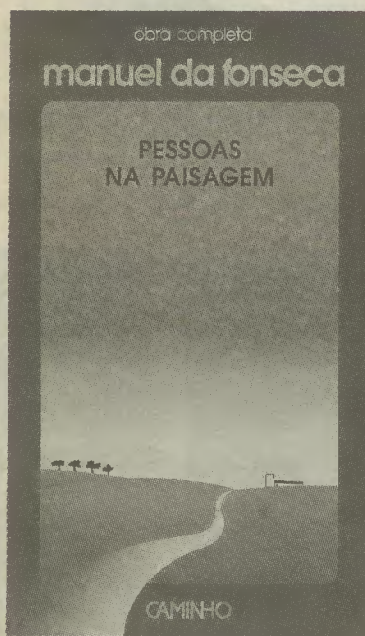
Ilustrado por
João Caetano



Prémio Nacional de Ilustração
2001 IPLB/APLIJ

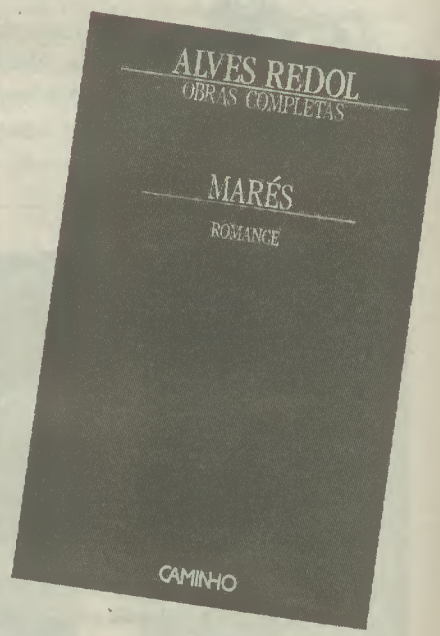
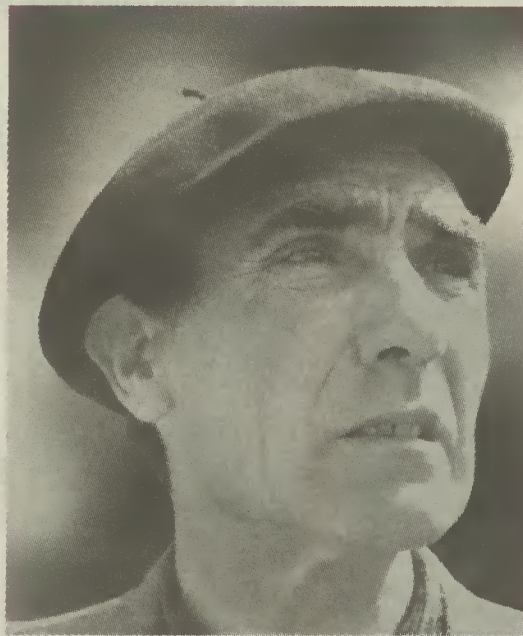


Manuel da Fonseca

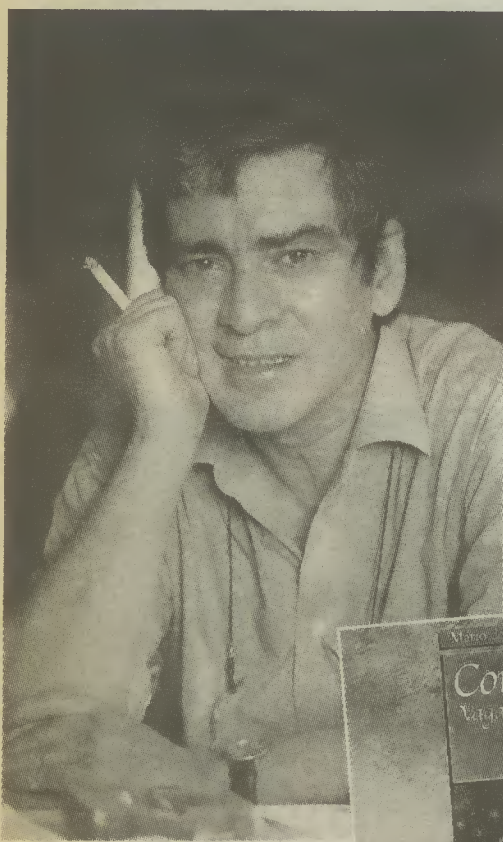


Pessoas na Paisagem

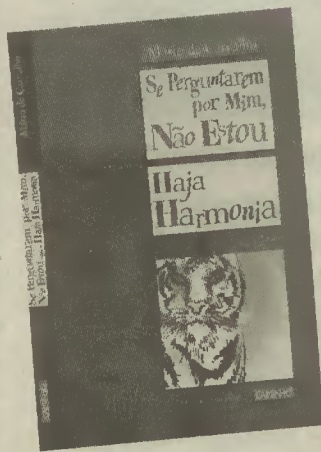
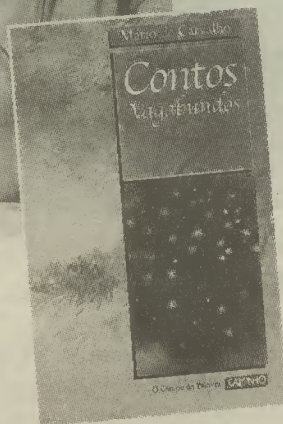
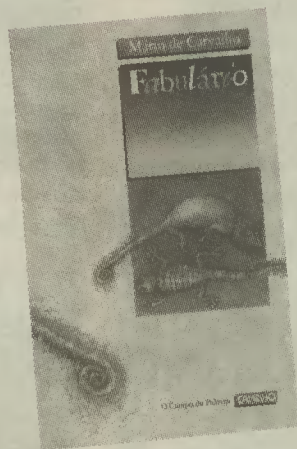
A imortal arte de um grande contador de histórias
Pessoas na Paisagem é o terceiro volume de crónicas de Manuel da Fonseca
editado pela Caminho



Um romance de juventude que retrata de forma impressionante a luta do povo das
campinas pela sobrevivência, contra a miséria e a exploração

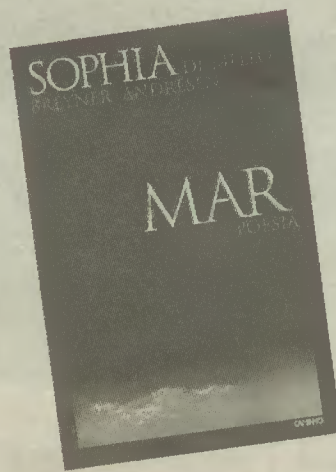


Mário de Carvalho

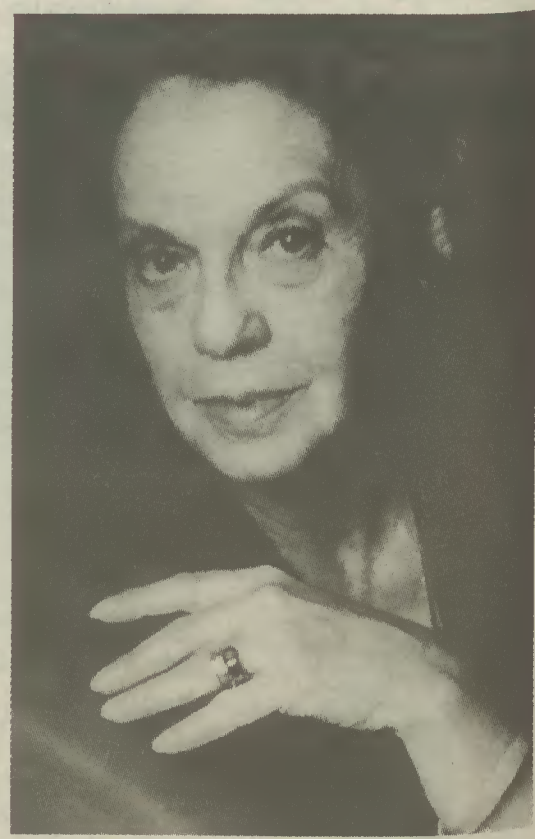


Um dos mestres
da literatura portuguesa
contemporânea

Sophia de Mello
Breyner Andresen
Prémio Camões 1999



Antologia poética em que o Mar
é a principal ou única referência.



Uma peça de teatro, à maneira da *commedia dell'arte*, em volta do tema da sedução
e do amor. Com a superior qualidade
poética da escrita de Sophia.

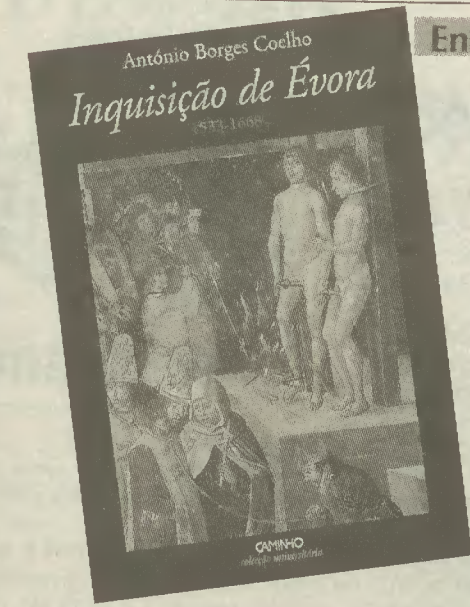
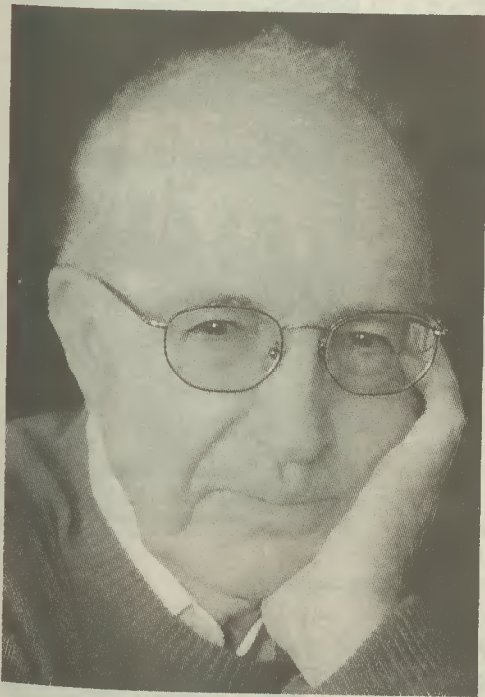
Bons livros a preços excepcionais!

A partir de 2 €

Visite a Festa do Livro

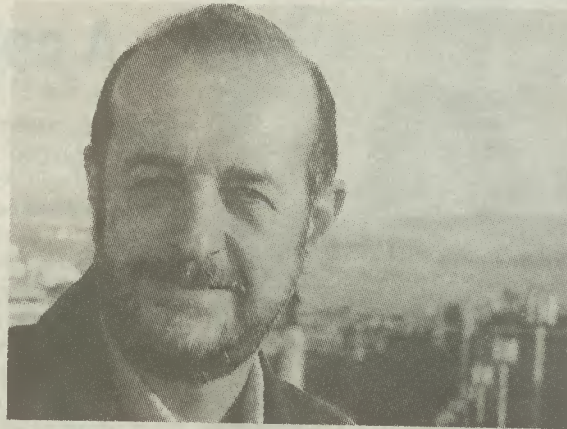
Uma das maiores livrarias do País

Lançamentos * Sessões de autógrafos * Milhares de livros * Dezenas de editoras * Preços fantásticos

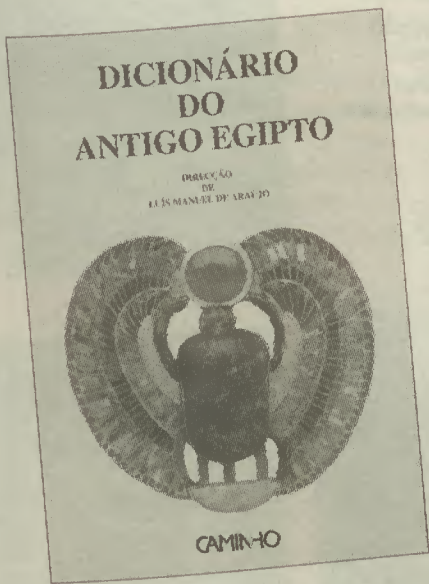
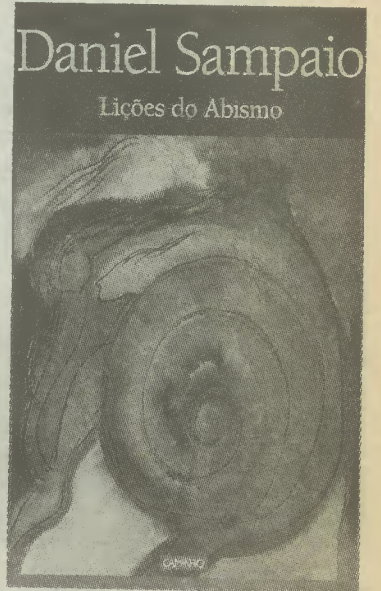


A. Borges Coelho
Inquisição de Évora
Nova edição revista e num só volume

Ensaio



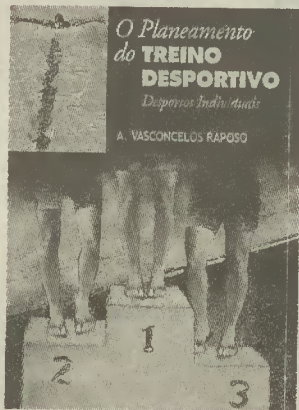
Daniel Sampaio
Lições do Abismo
Com a sua vasta e riquíssima experiência profissional, Daniel Sampaio dá-nos as pistas, tenta encontrar as respostas, ganha a confiança de quem no maior dos desesperos o procura. Ele é a ponte para essa terrível fronteira em que a realidade se perde e o abismo espreita.



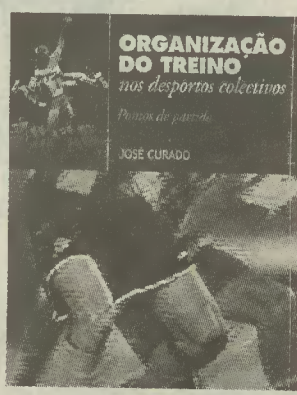
Dicionário do Antigo Egipto

Essencial para o conhecimento de uma das mais ricas civilizações da história da Humanidade

2 novos títulos para quem gosta de desporto



O Planeamento do Treino Desportivo
Desportos Individuais
A. Vasconcelos Raposo

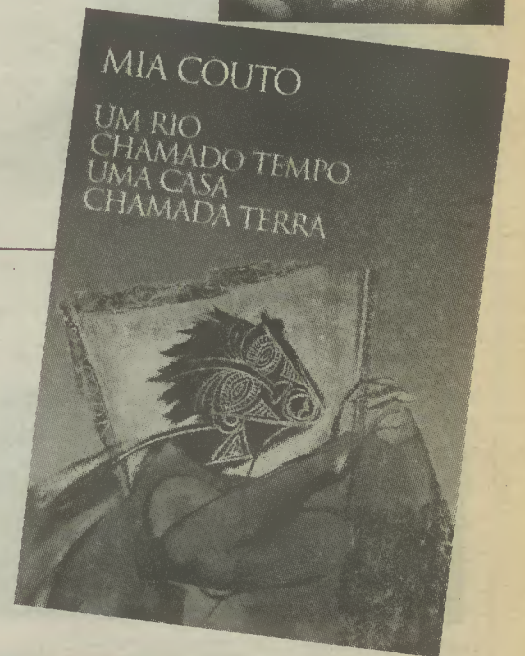
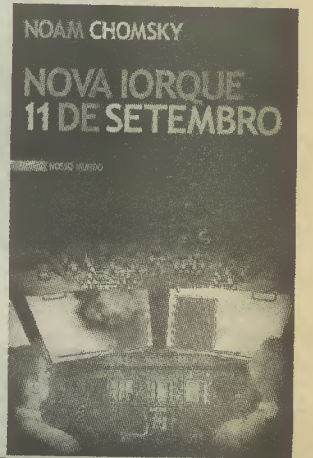


Organização do Treino nos Desportos Colectivos
Pontos de Partida
José Curado

Noam Chomsky

Nova Iorque 11 de Setembro

Quem são os culpados? Por que se desafia arrogantemente o equilíbrio precário que ainda nos sustenta? Por que são sempre as populações inocentes as maiores vítimas?



Mia Couto

Ilustrações de Danuta Wojciechowska



Um Rio Chamado Tempo Uma Casa Chamada Terra

Um novo romance de Mia Couto. Um retrato irónico e poético das mudanças profundas que atravessam a sociedade moçambicana actual

Temas africanos



Germano Almeida



Memórias de Um Espírito
Um romance divertido, erótico, cabo-verdiano



Ondjaki

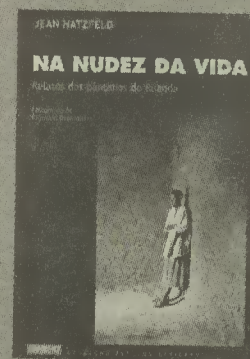


O Assobiador
Um novo livro do jovem e talentoso escritor angolano



Colecção Estudos Africanos

Uma colecção que dá voz aos problemas de África



Na Nudez da Vida
Relatos dos pântanos do Ruanda
Jean Hatzenfeld



O Fantasma do Rei Leopoldo
Uma história de voracidade, terror e heroísmo na África colonial
Adam Hochschild

Visite a Festa do Livro

Uma das maiores
livrarias do País

Lançamentos * Sessões de autógrafos * Milhares de livros * Dezenas de editoras * Preços fantásticos

Para os mais novos



A colecção **Uma Aventura** faz 20 anos

Há precisamente 20 anos, em 1982, começou a publicar-se a colecção Uma Aventura. De então para cá nunca mais parou.

Hoje, estão publicados 44 títulos que alcançaram uma tiragem total de mais de 6 milhões de exemplares, o que provocou uma revolução na leitura em Portugal. Com vinte anos de idade, a capacidade da colecção Uma Aventura para atrair os jovens para a leitura não diminuiu, antes pelo contrário....

Que motivo levaria alguém a dançar com um lavatório? E quem teria perdido o pequeno relógio de ouro com duas letras gravadas na tampa? Para desvendar estes e outros enigmas... só lendo Uma Aventura Secretal

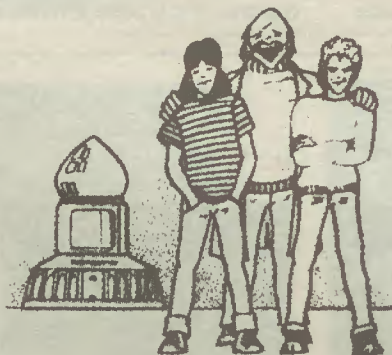


Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada

A História de Portugal num só volume!

Contada de forma agradável e cativante, com inúmeras ilustrações a cores.

Colecção Viagens no Tempo

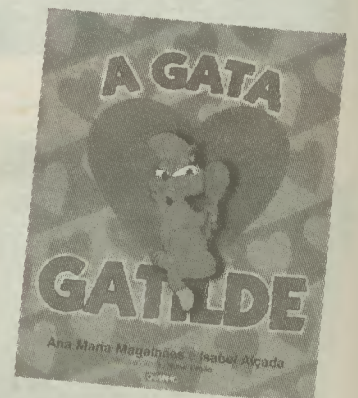


Uma abordagem particularmente leve, lúdica mas rigorosa da História de Portugal

Colecção Ler Dá Prazer

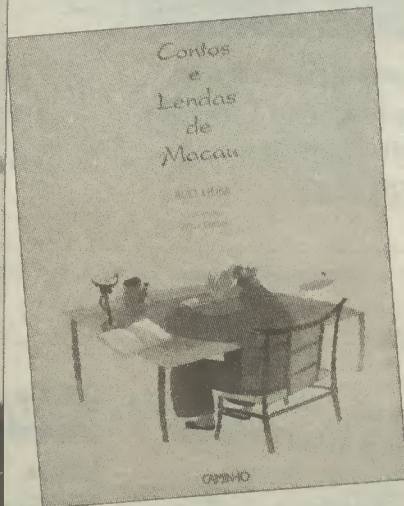
Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada

Uma nova colecção a pensar nos mais novos da família. Histórias contadas em poucas frases e ilustradas por imagens supersuggestivas



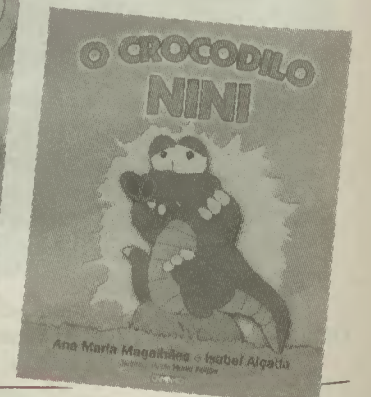
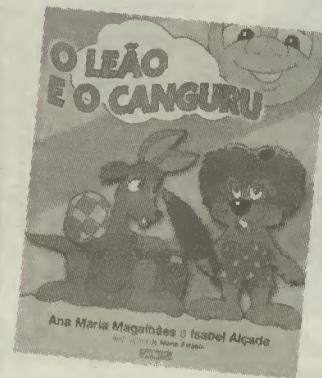
Alice Vieira

A superior qualidade de uma das maiores escritoras para jovens



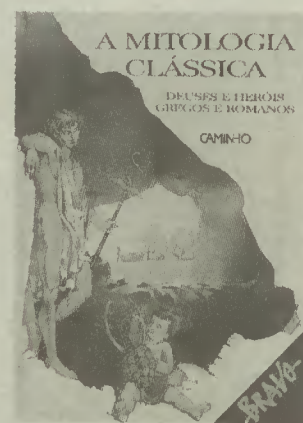
Contos e Lendas de Macau São seis histórias e lendas de Macau. Histórias onde tudo pode acontecer...

Cativantes ilustrações de Alain Corbel



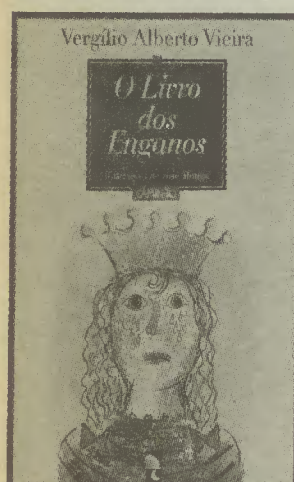
Colecção Bravo

Uma colecção de vocação enciclopédica destinada a jovens e a adultos curiosos



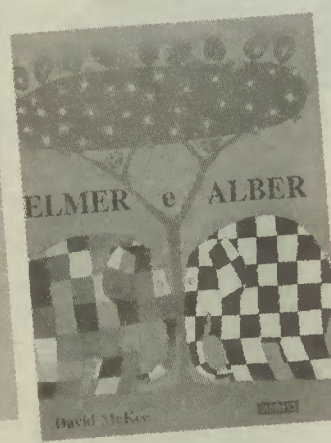
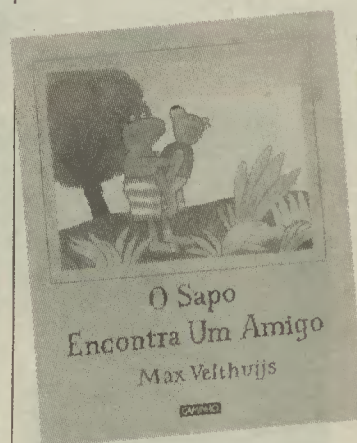
Colecção Livros do Dia e da Noite

Os melhores autores portugueses para crianças e jovens



Livros do Arco-Íris

Livros para os «leitores» ... que ainda não sabem ler.



... e mais
17 outros títulos

Uma colecção de quatro livros em cartão para as crianças que estão a começar a falar: imagens vivas e coloridas acompanhadas por um texto curtíssimo.

Ian Beck
BRINCAR



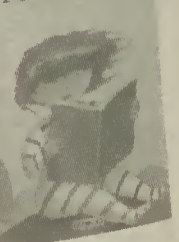
Ian Beck
LÁ FORA



Ian Beck
SONHOS



Ian Beck
AMIGOS



Bons livros a preços excepcionais!

A partir de 2 €

**Saldos de Fim
de Edição
Desconto mínimo
de 50%**

• Ricardo Oliveira

Com ou sem IPE

prosseguem as privatizações

Criado em 1975, o IPE – Instituto das Participações do Estado teve como objectivo gerir as participações nas empresas indirectamente nacionalizadas. Com o avanço do processo contra-revolucionário, com o progressivo desmoronar do processo de consolidação democrática, o IPE surge como mais um instrumento para reconstruir os «velhos/novos» grupos económicos e financeiros.

A partir do início da década de 80 o IPE assume uma política de desinvestimento e alienação. O instituto passa a Grupo de capitais públicos e assume a reestruturação/privatização do sector da metal-mecânica pesada. É nesta fase que o IPE, instrumento privatizador e destruidor de importantes partes do Sector Empresarial do Estado se torna mais evidente, culminando, no início dos anos de 90, nas alienações das participações e orientando-se para um novo sector, o ambiente – a água, o saneamento e os resíduos.

Estas breves referências ao historial do IPE vêm a propósito da decisão de o extinguir, no prazo de 1 ano, anunciada oficialmente pelo Governo no passado dia 6 de Agosto. Curiosamente o objectivo do Governo acaba por ser exactamente o mesmo que o serviu durante duas décadas – privatizar, alienar património do Estado, (re)construir os grupos económicos e mais recentemente criar novas áreas de negócios para os privados e subjugar à lógica do lucro a prestação de serviços públicos.

A, hoje, denominada IPE – Investimentos e Participações do Estado, SA tem como missão ser um instrumento do Estado para garantir a modernização de empresas e actividades relevantes para a economia. Na prática tem servido um pouco para tudo o que os sucessivos governos do PSD, depois PS e agora novamente PSD juntamente com o CDS-PP entenderam em cada momento, mantendo um traço comum: o prosseguimento da política de direita.

A par de um considerável património de participações em empresas, onde hoje se destaca a Águas de Portugal, um outro património, tristemente rico de complicitades, compadrios e negociatas está associado à actividade do Grupo IPE. São as nomeações de assessores e gestores públicos entre antigos governantes e políticos (não é resultado do acaso ou do período de banhos que atravessamos, os muitos artigos e referências na Comunicação Social ao futuro de alguns dos “ex” da nossa praça), são os negócios com a Sonae no Brasil, e as novas “negociatas” do ex-ministro Sócrates, impondo às autarquias modelos e soluções empresariais, em que os obstáculos à modernização do tratamento de esgotos e resíduos e do fornecimento de água na península de Setúbal foram tristemente um dos episódios mais famosos.

No entanto, por trás de tudo isto o tal objectivo prossegue e ganha força. A privatização, o alienar do património do Estado está sempre presente. Novas áreas foram criadas. Não foi apenas o sector do ambiente. Recentemente

(ainda com o PS no Governo) foi aprovado um novo plano estratégico que define a saúde, as energias renováveis, as tecnologias de informação e o turismo como novas áreas de desenvolvimento.

As muito famosas parcerias Estado/Privados/Autarquias nos hospitais e centros de saúde não passam de, acenando com a falta de meios, transformar a saúde num novo negócio sujeito aos interesses da obtenção do máximo lucro.

As próprias declarações de Pina Moura e do presidente do IPE, na sua defesa e contra a sua extinção, são significativas no papel que entendem que deverá ser o do IPE: prosseguir como instrumento ao serviço do Governo para privatizar e alienar património e as participações do Estado, bem como para privatizar serviços públicos, como são o caso da saúde e das águas, do turismo para idosos e das empresas ligadas à defesa (há dias o Grupo Mello lembrou o “seu” governo do seu interesse em adquirir a SPEL para acabar com a concorrência à sua subsidiária).

Segundo o próprio presidente, Castro Guerra, o IPE será a entidade do Estado com melhores condições para organizar a alienação de todas as participações e empresas ainda hoje nas mãos do Estado. Mais claro não poderia ser.

No concreto, ao decidir extinguir, num prazo de um ano o IPE (Investimentos e Participações do Estado), o Conselho de Ministros do passado dia 6 de Agosto, vem confirmar a orientação política e ideológica do Governo PSD/CDS-PP. Tal como fora denunciado pelo PCP, avançam as privatizações de importantes participações do Estado e de empresas ainda maioritariamente públicas. Para isso reorganiza-se, acaba-se com o IPE, cria-se a Agência Portuguesa para o Investimento, funde-se um ou outro instituto público, nomeia-se um ou outro assessor e o objectivo de acabar com o papel do Estado enquanto operador é acelerado, passando a assumir um papel de suposto “regulador” da economia.

Na mira da privatização estão o sector da água, as participações nas telecomunicações, nas energias renováveis, no turismo, na defesa, na saúde, activos imobiliários e empresas como a Companhia das Lezírias e 5,47% da Brisa (hoje através do IPE e da Caixa Geral de Depósitos o Estado controla 10,74%), entre outras. O que, concre-

tizando-se, representa a alienação de património do Estado que no último ano obteve 54,7 milhões de euro de lucro, tendo enviado directamente para os cofres públicos cerca de metade desse valor.

Fora do âmbito do IPE, e portanto não dependentes desta decisão, estão para venda também as participações noutras empresas, como a Portucel (já anunciada a sua privatização até ao final do ano), a Galpenergia, a EDP, a REN e a ANA. Outras com situação económica menos atractiva para o capital esperam pela sua vez.

Tudo isto num momento em que os economistas e afins de serviço propagandeam que é necessário disciplinar as contas públicas (Orçamento de Estado) através não do aumento das receitas (nomeadamente através do combate à fraude fiscal e à economia paralela), mas por via do corte das despesas públicas (educação, saúde, segurança social e outras garantias sociais). Terá sido por isso mesmo que o Governo realizou mais três nomeações, desta feita três entretanto ex-administradores do BCP (com certeza disciplinando e poupando os meios públicos ao seu serviço). O anunciado corte de receitas (mais de 26 milhões de euros) deve ser uma nova teoria matemática do equilíbrio...

Prosseguindo uma política neoliberal de cada vez menos Estado (por isso a orientação de retirar-lhe a capacidade de intervenção directa na economia), tal como o PS fez no passado, o que o Governo da direita pretende é, através da alienação das empresas públicas (hoje empresas participadas por capitais públicos), obter as receitas que permitam cumprir no imediato os critérios nominais de convergência – o défice inferior aos 3% do PIB – impostos pelo Pacto de Estabilidade.

No entanto, mesmo segundo uma lógica capitalista, o actual momento da economia e a situação dos mercados bolsistas e especulativos apontam para que, estas alienações ocorram a preços abaixo do real valor do património e actividade em causa (tal como aconteceu com muita frequência no passado recente) prejudicando, claramente, os cofres do Estado e por essa via os contribuintes.

Do que se trata é prosseguir e agravar a delapidação do património público e da prestação de serviços públicos às populações, retirando receitas futu-

ras ao Estado por via dos resultados líquidos positivos do IPE, bem como da receita fiscal para, numa operação que já não é nova, o Governo afirmar que nos encontramos no TGV da Europa e não na velhinha automotora. Esta “manha” de por via das privatizações e alienações das participações financiar o equilíbrio orçamental leva a que estas decorram ao longo dos próximos anos e que o próprio Governo procure novas áreas de negócio para mais tarde privatizar.

Se o facto deste novo processo de privatizações já ser grave pela delapidação do património do Estado, a situação agrava-se pela entrega ao capital de sectores de importância estratégica para o país. A privatização das empresas do Grupo Águas de Portugal, entre as quais a EPAL, representa a entrega à lógica da obtenção do lucro o acesso vital dos portugueses à água. O mesmo sucedendo com outras empresas na mira do Governo.

O que a história recente da nossa economia demonstra é que com esta política ficamos sempre a perder. Perdemos porque “abdicamos” de alavancas dinamizadoras da economia nas mãos do Estado; perdemos porque vendemos em autênticos “Saldos”; perdemos porque abdicamos dos lucros gerados por essas empresas e que são transferidos para os cofres públicos; e perdemos porque através das cirurgias financeiras o sector privado foge por norma ao pagamento dos impostos. Já agora, também ficamos a perder porque, não poucas vezes, as empresas passam a ser detidas por capital estrangeiro que, vê nas privatizações, também, uma forma de eliminar concorrência e desenvolver processos de concentração do Capital.

Esta medida do Governo PSD/CDS-PP demonstra que, afinal, o PCP não estava a ver nenhum papão quando denunciava as intenções de privatização da Águas de Portugal e de outras empresas e serviços públicos.

O que se torna necessário neste momento é a mobilização dos trabalhadores e das populações contra estas novas privatizações. A defesa dos serviços públicos, dos direitos conquistado na luta, a denúncia e o combate à política de direita contra os trabalhadores e as populações são imperativos para o desenvolvimento e o progresso do país. Nesta, como noutras lutas, os portugueses poderão contar com o PCP.



• Eugénio Rosa

Perguntas e respostas

sobre o «Código Bagão Félix» (1)

O seguinte trabalho – que publicamos nesta e nas duas próximas edições – é baseado num estudo feito por Eugénio Rosa, economista e dirigente da CGTP-IN, com base em respostas às premissas do Governo e do capital relativamente às alterações às leis laborais constantes no anteprojecto do Código de Trabalho.

Visto o ataque aos direitos laborais estar a ser feito fundamentalmente com base em argumentos económicos – o Código seria a pretensa solução para o aumento da competitividade e produtividade – a análise é feita na mesma óptica, apenas para as principais alterações, já que o Código consta de 687 artigos.

O trabalho está organizado de forma a que não seja necessário, para o utilizar, lê-lo do princípio ao fim, sendo possível consultar apenas a resposta que se pretende.

Este estudo constitui um óptimo contributo para o esclarecimento e mobilização dos trabalhadores contra o mais violento ataque aos seus direitos tentado após o 25 de Abril.

Será que a baixa produtividade portuguesa é da responsabilidade fundamentalmente dos trabalhadores?

O Governo, as entidades patronais e os seus defensores afirmam continuamente que a produtividade é muito baixa em Portugal – cerca de 60% da média da União Europeia – e procuram fazer crer que isso deve-se fundamentalmente aos trabalhadores portugueses.

Contrariamente ao que afirmam ou pretendem fazer crer, o aumento da produtividade não depende fundamentalmente e, muito menos, exclusivamente dos trabalhadores.

Mesmo antes de analisar mais pormenorizadamente os factores que determinam o aumento de produtividade, é importante chamar a atenção para a situação neste campo que se observa relativamente às empresas portuguesas. Efectivamente, empresas a trabalhar no mesmo país – Portugal; utilizando os mesmos trabalhadores – os portugueses; e regidas pelas mesmas leis de trabalho – as portuguesas –, apresentam valores de produtividade bastante diferentes, como iremos ver. E mesmo no mesmo sector de

actividade económica, as diferenças são muito grandes como provam os dados do quadro seguinte publicados pela revista *Exame* no seu número de Junho de 2002, os quais foram validados pela empresa de consultoria *Deloitte & Touche*.

Os dados da produtividade de que a seguir se apresenta quadro, foram obtidos dividindo o VAB (Valor Acrescentado Bruto, que se obtém deduzindo ao valor do produzido por cada empresa o custo do adquirido a outras empresas para obter aquele valor de produção), que mede o novo valor que é acrescentado por cada empresa; repetindo, o valor de produtividade que consta do quadro I foi obtido dividindo o VAB de cada empresa pelo número de trabalhadores da mesma empresa.

Como mostram os dados do quadro anterior, a produtividade por trabalhador, medida em contos, na empresa *Tejo Energia*, que é de 2.893.850 contos por trabalhador, é 1.499 vezes superior à produtividade da empresa *Tecnovia*, que

é apenas de 1.930 contos por trabalhador.

Dentro do mesmo sector de actividade, as diferenças de produtividade são também enormes como provam os dados do quadro anterior.

Assim, no sector de vestuário e couro, a produtividade por trabalhador da *Modalfa* é 2,5 vezes superior à da *Monteiro Ribas*; no sector têxtil, a produtividade da *Mundifios* é 6 vezes superior à da *Mundo Têxtil*; no sector de telecomunicações, a produtividade da *TMN* é 7,7 vezes superior à da *Alcatel*; no sector de serviços, a produtividade da *Gestiretalho* é 821 vezes superior à da empresa *Sistemas McDonald's Portugal*; na química/têxtil a produtividade da *Johnson Control II* é 1,3 vezes superior à da *Fisipe*; na química a produtividade da *Borealis Polímeros* é seis vezes superior à da *Fosforeira Portuguesa*; no sector de produtos farmacêuticos a produtividade da *Profarin* é 14,4 vezes superior à da *União dos Farmacêuticos*; na metalomecânica e metalurgia a produtividade da *Autoeuropa* é 5,7 vezes superior à da empresa *EMEF*; no sector de distribuição alimentar, a produtividade por trabalhador da *Jerónimo Martins* é quase quatro vezes superior à do *Pingo Doce*; no sector da construção, a produtividade da *Somague* é quatro vezes superior à da *Tecnovia*; no sector de electricidade, a produtividade da *EDP* é tripla da empresa *Electricidade da Madeira*; no sector da agro-indústria, a produtividade da *Parmalat* é 2,7 vezes superior à da *Agros*.

E os exemplos podiam-se multiplicar, mas os apresentados, utilizando dados referentes ao ano 2000, provam de uma forma clara que as causas mais importantes das diferenças da produtividade por trabalhador não estão nos próprios trabalhadores.

Se as causas estivessem nos trabalhadores e nas leis laborais como o Governo, as entidades patronais e os seus defensores, afirmam ou pretendem fazer crer, então como é que se explicariam as diferenças significativas de produtividade que se verificam entre as empresas a funcionar em Portugal? Quais as causas que explicam que empresas utilizando trabalhadores recrutados no mesmo país – Portugal – e muitas vezes na mesma região, subordinadas às mesmas leis laborais – as actuais, portuguesas – e muitas delas pertencentes ao mesmo sector de actividade económica apresentem valores de produtividade por trabalhador tão diferentes?

As diferenças enormes de produtividade por trabalhador que se verificam em Portugal entre as diferentes empresas, entre empresas de sectores diferentes, e mesmo entre empresas do mesmo sector, provam de uma forma clara que essas diferenças não podem ter como causa os trabalhadores e as leis laborais como o ministro Bagão Félix, as entidades patronais e os seus defensores afirmam ou pretendem fazer crer.

QUADRO I – A PRODUTIVIDADE DAS EMPRESAS EM PORTUGAL – Dados do ano 2000

EMPRESA	Região	Sector	Controlo	Nº Trabalhadores	Produtividade por trab. 1000 contos
MODALFA - COMERCIO E SERVIÇOS, S.A.	N	Vestuário e couro	Privado	226	7,47
MONTEIRO, RIBAS, S.A.	N	Vestuário e couro	Privado	475	2,89
MUNDIFIOS, S.A.	N	Têxteis	Privado	20	17,17
TÊXTEL RIOPELE, S.A.	N	Têxteis	Privado	1.900	4,18
MUNDOTÊXTEL, LDA.	N	Têxteis	Privado	559	2,76
TMN, S.A.	LVT	Telecomunicações	Privado	940	93,49
PT COMUNICAÇÕES, S.A.	LVT	Telecomunicações	Privado	10.653	27,79
ALCATEL PORTUGAL, S.A.	LVT	Telecomunicações	Holanda	887	12,04
GESTIRETALHO, S.A.	LVT	Serviços	Privado	4	2.652,42
SISTEMAS MCDONALD'S PORTUGAL, LDA.	LVT	Serviços	EUA	1.128	3,23
JOHNSON CONTROLS II, LDA.	Al	Química/Têxteis	Holanda	350	11,43
FISIPE, S.A.	LVT	Química/Têxteis	Privado	320	8,89
BOREALIS POLÍMEROS, LDA.	LVT	Química	Fin./Nor.	580	26,00
QUIMIGAL - QUÍMICA DE PORTUGAL, S.A.	C	Química	Privado	180	13,25
FOSFOREIRA PORTUGUESA, S.A.	LVT	Química	Espanha	88	4,13
PROFARIN, LDA.	LVT	Produtos farmacêuticos	Privado	14	38,68
UNIÃO DOS FARMACÊUTICOS, CRL	LVT	Produtos farmacêuticos	Cooperativo	186	2,74
SECIL, S.A.	LVT	Minerais não metálicos	Privado	409	66,23
BARBOSA & ALMEIDA, S.A.	N	Minerais não metálicos	Privado	1.135	7,43
AUTOEUROPA, LDA.	LVT	Metal. Metalurgia de base	Alemanha	4.300	20,07
EMEF, S.A.	LVT	Metal. e metalurgia de base	Público	2.254	4,02
INFINEON TECHNOLOGIES, PORTUGAL, S.A.	N	Mat. eléctrico e de precisão	Holanda	579	21,46
PHILIPS PORTUGUESA, S.A.	LVT	Mat. eléctrico e de precisão	Holanda	2.200	5,49
MADIBÉRIA, LDA.	C	Madeira, cortiça e móveis	Espanha	167	16,63
VICAIMA - IND. DE MADEIRA, S.A.	C	Madeira, cortiça e móveis	Privado	678	4,12
IBERUSA, S.A.	N	Hotelaria e restauração	Privado	584	10,88
EUREST (PORTUGAL), LDA.	LVT	Hotelaria e restauração	Holanda	4.876	2,06
GOODYEAR DUNLOP, LDA.	LVT	Equipamento de transporte	Luxemburgo	51	27,59
YAZAKI SALTANO, LDA.	C	Equipamento de transporte	Japão	6.329	2,36
JORNAL DE NOTÍCIAS, S.A.	N	Ed., inform. e artes gráficas	Privado	464	10,17
DIÁRIO DE NOTÍCIAS, S.A.	LVT	Ed., inform. e artes gráficas	Privado	401	9,77
SHELL PORTUGUESA, LDA.	LVT	Dist. de combustíveis	Holanda	282	65,65
PETROGAL, S.A.	LVT	Dist. de combustíveis	Privado	2.777	39,01
TOTAL PETRÓLEOS, S.A.	LVT	Dist. de combustíveis	França	100	5,82
IGLO OLÁ, LDA.	LVT	Distribuição alimentar	Holanda	70	93,34
JERÓNIMO MARTINS - DIST., LDA.	LVT	Distribuição alimentar	Privado	117	12,41
MODELO CONTINENTE, S.A.	N	Distribuição alimentar	Privado	11.646	4,29
PINGO DOCE, S.A.	LVT	Distribuição alimentar	Privado	6.057	3,18
SOMAGUE, S.A.	LVT	Construção	Privado	1.780	8,44
TECNOVIA, S.A.	LVT	Construção	Privado	1.322	1,93
PORTUCEL, S.A.	LVT	Celulose e papel	Público	1.076	47,89
RENOVA, S.A.	LVT	Celulose e papel	Privado	779	5,21
TEJO ENERGIA, S.A.	LVT	Água, electricidade e gás	RU/Esp./Fra.	9	2.893,85
EDP, S.A.	LVT	Água, electricidade e gás	Privado	12.772	31,01
ELECTRICIDADE DA MADEIRA, S.A.	M	Água, electricidade e gás	Público	938	10,27
PARMALAT PORTUGAL, S.A.	LVT	Agro-indústria	Itália	300	7,38
AGROS. UCRL	N	Agro-indústria	Cooperativo	555	2,71

De que forma Bagão Félix e o Governo PSD/PP pretendem generalizar ainda mais os contratos a prazo?

A precariedade no trabalho continua a aumentar de uma forma extremamente rápida em Portugal, colocando o nosso país à cabeça dos países da UE no triste campo da precariedade e insegurança no trabalho.

De acordo com dados publicados pelo Instituto Nacional de Estatística, a precariedade no trabalho aumentou no último ano da forma que revelam os dados do quadro seguinte.

Portanto, de acordo com dados oficiais constantes do quadro anterior, se somarmos os trabalhadores com contrato a prazo, os trabalhadores por conta própria e os desempregados, obtemos, para o 4.º trimestre de 2000, o total de 1.686.700, e, para o 4.º trimestre de 2001, o total de 1.861.200, o que significa uma subida de 10,5% num único ano. Estes valores representam, em relação à população empregada desses anos, respectivamente, 34,2% e de 37,2%. Não resta qualquer dúvida que a precariedade já atingiu em Portugal valores extremamente alarmantes, e continua a crescer de uma forma extremamente rápida. E não foi considerada uma parte significativa da população empregada na agricultura, que continua a crescer e a apresentar valores (12,5% da população empregada portuguesa) consideravelmente superiores aos verificados nos restantes países da UE (onde a média varia entre um terço e um quarto da percentagem portuguesa).

No entanto, Bagão Félix e o Governo PSD/PP ainda consideram quer aquele valor (37,2% da população empregada) quer o ritmo de crescimento (10,5% ao ano) insuficientes. E como é que pretendem aumentá-los ainda mais? Utilizando a própria lei para dar maior poder aos patrões para generalizarem os contratos a prazo.

Assim, de acordo com o art.º 125 do

Código, os contratos de trabalho a termo, ou seja, a prazo, passarão a ser admissíveis nomeadamente nas seguintes condições: 1) Para substituir directa ou indirectamente trabalhador ausente; 2) Devido a acréscimo temporário ou excepcional da actividade da empresa; 3) Para actividades sazonais ou com ciclos irregulares; 4) Para executar tarefa ocasional ou serviço definido e não duradouro; 5) Para executar uma obra ou uma actividade definida e temporária; 6) Para desenvolver projectos, incluindo concepção, investigação, direcção e fiscalização; 7) Para contratar trabalhadores à procura de primeiro emprego ou de desempregados de longa duração.

Portanto, para além de contratos a prazo para substituir trabalhadores ausentes, ou para realizar actividades que a entidade patronal considere temporárias, sazonais ou irregulares, o código de Bagão Félix, se for aprovado, também permitirá a contratação a prazo de jovens e de desempregados de longa duração seja para que actividades forem, mesmo permanentes. E poderão estar nesta situação durante três anos como estabelece o art.º 131 do mesmo código.

Por outro lado, o art.º 135 do Código Bagão Félix admite a celebração de contrato de trabalho a termo incerto para substituição directa ou indirecta de trabalhador ausente; em licença sem retribuição; para actividades sazonais ou de ciclo irregular; para execução de tarefa ocasional ou serviço determinado; para execução de uma obra ou outra actividade definida e temporária; e para o desenvolvimento de projectos.

E segundo o art.º 136 «o contrato de trabalho a termo incerto dura por todo o tempo necessário para a substituição do trabalhador ausente ou para a conclusão da actividade, tarefa, obra ou projecto cuja execução justifica a sua celebra-

ção». In extremis, podíamos dizer que o trabalhador poderia estar nesta situação toda a vida, porque o prazo máximo de 3 anos para contratos a prazo não se aplica a estas situações, como estabelece o próprio art.º 131 do Código.

Desta forma, o Código Bagão Félix pretende colocar nas mãos das empresas instrumentos legais que a criatividade e a impunidade patronal não deixaria de utilizar para multiplicar os contratos a prazo muito para além do já elevado número existente, o que aumentaria ainda mais a precariedade em Portugal. E como a experiência tem amplamente provado, a precariedade é um poderoso instrumento para aumentar a exploração e para continuar a pagar baixos salários.

Se perguntarmos aos 5 milhões de portugueses empregados se preferem trabalhar com contrato a termo certo ou incerto, quantos escolherão este vínculos contratuais?

Certamente que um número muito reduzido. A segurança no posto de trabalho é uma das necessidades fundamentais do trabalhador e um factor importantíssimo de motivação, que é o factor-chave para o aumento da produtividade do trabalhador.

O que o Governo e patronato pretendem é usar esta necessidade de forma perversa, isto é, pretendem fazer da insegurança no trabalho um factor de motivação para o rendimento, o que determinará certamente resultados contrários aos que se dizem pretender alcançar. Fazem-no por incapacidade em tornar as tarefas motivadoras para os trabalhadores e por critérios de racionalização de custos, não levando em conta que a prática e a experiência dos trabalhadores são elementos base da produtividade da empresa e que uma grande rotatividade de trabalhadores tem efeitos extremamente negativos na produtividade e na competitividade das empresas.

QUADRO II – Aumento da precariedade do trabalho em Portugal

RUBRICAS	4º Trimestre/2000	4º Trimestre/2001	Aumento % 2001/00
Contratos a prazo (1)	518.200	584.900	12,8%
Trabalhadores por conta própria sem empregados (2)	838.300	914.200	9,0%
Desemprego (BIT)	194.800	211.500	8,6%
Desemprego (Total) (3)	330.200	362.100	9,6%
TOTAL 4=(1+2+3)	1.686.700	1.861.200	10,5%
População empregada (5)	4.932.400	5.006.900	1,5%
% da população empregada (4/5)	34,2%	37,2%	
População empregada ainda na agricultura (média anual)	616.300	628.700	2%

FONTE: Estatísticas do Emprego – 4.º Trimestre de 2001 – INE

Como é que o Governo e as entidades patronais pretendem alterar a duração diária do tempo de trabalho?

O art.º 155 do Código Bagão Félix começa por afirmar que o período normal de trabalho não pode exceder 8 horas por dia nem 40 horas por semana.

Mas logo no artigo seguinte (o art.º 156) dá o dito por não dito, já que estabelece que esse período normal de trabalho poderá ser adaptado por instrumento de regulamentação colectiva, o qual poderá estabelecer que ele seja definido em termos médios (ou seja, a média dos tempos feitos nos dias de vários meses), podendo o limite diário anterior (o das 8 horas) ser elevado até ao máximo de 4 horas (portanto, pode ir até a 12 horas), e o limite semanal de 48 horas poderá aumentar para 60 horas por semana.

E se durante a negociação do novo instrumento de regulamentação colectiva os representantes dos trabalhadores não aceitarem a introdução da definição do período normal de trabalho em termos médios, e o aumento dos limites da jornada de trabalho diário para as 12 horas e da semanal para as 60 horas?

Então o código Bagão Félix introduz o chamado «regime especial de adaptabilidade» em que é dado todo o poder às entidades patronais para introduzirem à força o regime que melhor satisfaça os seus interesses.

Assim, de acordo com o art.º 157, quando representantes dos trabalhadores e das entidades patronais não cheguem a acordo num prazo de 6 meses, «pode o empregador definir um regime, observando o disposto nos números seguintes: 1) O período normal de trabalho é definido em termos médios; 2) A duração de trabalho pode atingir as 10 horas diárias e as 50 horas semanais, não contando para este limite o trabalho suplementar prestado por motivo de força maior; 3) Nas semanas em que a duração de trabalho seja inferior a 40 horas, pode ocorrer redução diária não superior a 2 horas, ou maior, se tiver o acordo do trabalhador».

O período para calcular o tempo (horário) médio é chamado «período de referência» e, de acordo com o art.º 158 do código Bagão Félix, ele é de 4 meses, podendo ser alargado para 6 meses, nomeadamente nas seguintes situações e actividades: 1) A quadros dirigentes ou trabalhadores com poder de decisão autónomo; 2) Havendo um afastamento entre o local de trabalho e o local de residência (?); 3) Nas actividades de guarda e vigilância; 4) E ainda às seguintes actividades: saúde; portos; aeroportos; imprensa; rádio; televisão; correios; telecomunicações; gás; água; electricidade; lixo; indústrias em que o processo de produção não pode ser interrompido por razões técnicas; agricultura; transportes de passageiros; transportes ferroviários; serviços postais; em caso fortuito e de força maior (naturalmente definido pela entidade patronal), e em caso de acidente ou risco de acidente iminente (também a definir pela entidade patronal).

Portanto, em todas estas múltiplas situações e actividades, muitas delas a definir com base no arbítrio da entidade patronal (o que é e quando haverá afastamento entre o local de trabalho e o local de residência? Quais são os trabalhadores que serão considerados com poder de decisão autónomo? Que casos serão considerados fortuitos e de força maior?); repetindo, em todas estas situações e actividades, a entidade patronal não estaria obrigada a respeitar um horário diário de trabalho (por exemplo, 8 horas), e todas as horas feitas a mais não seriam consideradas suplementares nem seriam pagas como horas extraordinárias.

Um exemplo imaginado mostrará como esta forma de calcular o tempo de trabalho médio diário determinará, se for aprovada, para as empresas uma importante redução de custos, e para os trabalhadores uma perda de uma parcela importante das suas remunerações.

Suponha-se, por exemplo, um motorista cujo horário de trabalho é de 8 horas por dia e 40 horas por semana. E que em vários dias da semana tem de fazer mais de 8 horas de trabalho por necessidades de serviço. Por exemplo, em viagens de turismo. Actualmente, a entidade patronal paga a primeira hora suplementar feita em cada dia normal de trabalho para além das 8 horas com um acréscimo de 50% da retribuição normal, a segunda hora e subsequentes com um acréscimo de 75%.

A aplicação do período de referência de 6 meses para determinar a «duração média de trabalho», como consta do código Bagão Félix, faria desaparecer uma grande parte da remuneração por trabalho suplementar, apesar do trabalhador continuar a ser obrigado a fazer horas extraordinárias. E porquê? Porque a entidade patronal somaria o total de horas feito pelo trabalhador durante um período de 6 meses e desde que esse valor não fosse superior ao valor que se obtém multiplicando o horário semanal – 40 horas – pelo número de semanas que contém os 6 meses, e também desde que em nenhum dia o trabalhador tivesse feito mais de 10 horas, e, em cada semana, mais de 50 horas, a entidade patronal não teria de pagar quaisquer horas extraordinárias.

É evidente que o que se pretende aqui não é aumentar a produtividade porque o trabalhador continua a fazer o mesmo volume de trabalho, e desta forma não são possíveis aumentos de produtividade (o VAB, que se utiliza no cálculo da produtividade, não aumentaria por trabalhador); o que se pretende é reduzir os encargos da entidade patronal, que deixaria de ser obrigada a pagar trabalho extraordinário, que é muito mais caro do que trabalho que é considerado realizado dentro do horário normal de trabalho, aumentando assim os lucros das empresas à custa da diminuição das remunerações que estão a receber neste momento os trabalhadores pela prestação das mesmas horas de trabalho.

● Sérgio
Ribeiro

Para quem tem uma perspectiva de
- que o trabalho é o motor da acti-
vidade humana;

- que pelo trabalho é que o ser humano se
foi libertando do jugo da natureza e construindo
a sua própria História;

- que foi dividindo/cooperando no trabalho
que nos tornámos um ser social assim adquirindo
uma «segunda natureza»;

- que foi a partir dessa divisão/cooperação
no trabalho que se foram formando grupos, e
depois classes sociais;

- que estas, na nossa contemporaneidade,
se distinguem por uns/umas venderem horas de
utilização da sua força de trabalho que
outros/outras compram e pagam abaixo da pos-
sibilidade daqueles/aquelas poderem adquirir o
que por si, como classe, foi produzido

há o maior interesse em acompanhar a evolução
do «custo do trabalho», tal como um «destaque»
do Instituto Nacional de Estatística (INE) o fez
em «informação à Comunicação Social» datada
de 13 de Agosto.

Os custos do trabalho às costas dos trabalhadores

Como questão prévia, sublinha-se que esse ICT (índice do custo do trabalho), relativo ao 2.º trimestre de 2002, de certo modo compensa uma sentida carência de dados que forneçam elementos para quem se revê na perspectiva sumariamente enunciada e, ao fazê-lo, torna evidente a preocupação pelo lado do custo e não pelo lado do rendimento. Quer dizer-se com isto que o que é custo para quem compra força de trabalho é o rendimento de quem vende essa mesma força de trabalho, e cada vez é mais difícil colher e trabalhar dados estatísticos pelo lado da repartição dos rendimentos, embora algo se vá conseguindo pelo lado dos custos.

Na verdade, nos começos da nossa reflexão a partir de uma formação (ou deformação) profissional, no final dos anos 50, muita atenção se dava à chamada repartição do Rendimento Nacional, numa linha (digamos) keynesiana, o que hoje vai sendo quase impraticável. Et pour cause...

Ora, assim sendo, este destaque do INE é quase prenda ou «brinquedo», embora tenha de ser visto também do avesso e não só da forma como se apresenta, ou seja, como «custo do trabalho, medido na óptica do custo para a entidade patronal».

A primeira informação que nos dá é que, do 1.º para o 2.º trimestre, esse ICT subiu 1,2 pontos percentuais. E é signifi-

cativo que um jornal, o Público de 14 de Agosto, tenha aproveitado esse dado estatístico de forma errada, ao fazer um subtítulo «mais 1,2 por cento no segundo trimestre». A subida de 1,2 pontos percentuais, na base de 130,4 no 1.º trimestre, são 0,9 por cento e não 1,2 por cento. Mas adiante, que não se estão aqui a corrigir provas académicas, embora seja de registar que, curiosamente, os enganos são sempre no sentido de reforçar a imagem de que o custo do trabalho sobe mais do que na realidade acontece...

Na verdade, o ICT subiu 0,9% do 1.º para o 2.º trimestre de 2002 e a sua subida foi de 2,9% relativamente a igual período do ano anterior (a chamada variação homóloga), o que representa uma diminuição do ritmo de subida, pois entre 2000 e 2001 a mesma variação homóloga tinha sido de 3,8%.

Cruzando esta informação com a de outro «destaque» do INE, de 14.08, entretanto saído, sobre a subida dos preços no consumidor (IPC), temos que a variação homóloga, entre Julho de 2001 e Julho de 2002 foi de 3,9 pontos percentuais e de 3,4%, o que quer dizer que, enquanto o «custo do trabalho» - ICT subiu menos de 3%, a subida dos preços no consumidor-IPC se aproximou dos 3,5%. Pelo que, por vias travessas, se pode dizer que o «custo do trabalho» realmente baixou para quem compra força de trabalho

mas que o rendimento de quem vende força de trabalho ficou abaixo da evolução dos preços no consumidor (à volta de 0,5 pontos percentuais ou mais de 17%)!

Por isso, em à-parte, não nos venham com essa «história» da necessidade de conter a subida dos «custos do trabalho» por causa da produtividade, da competitividade e essas coisas, porque um mero exercício de aritmética a denuncia como artifício da luta de classes no plano da negociação sindical.

Ainda duas rápidas notas, como se impõe e sem prejuízo do indispensável aprofundamento no tratamento destes números e questões.

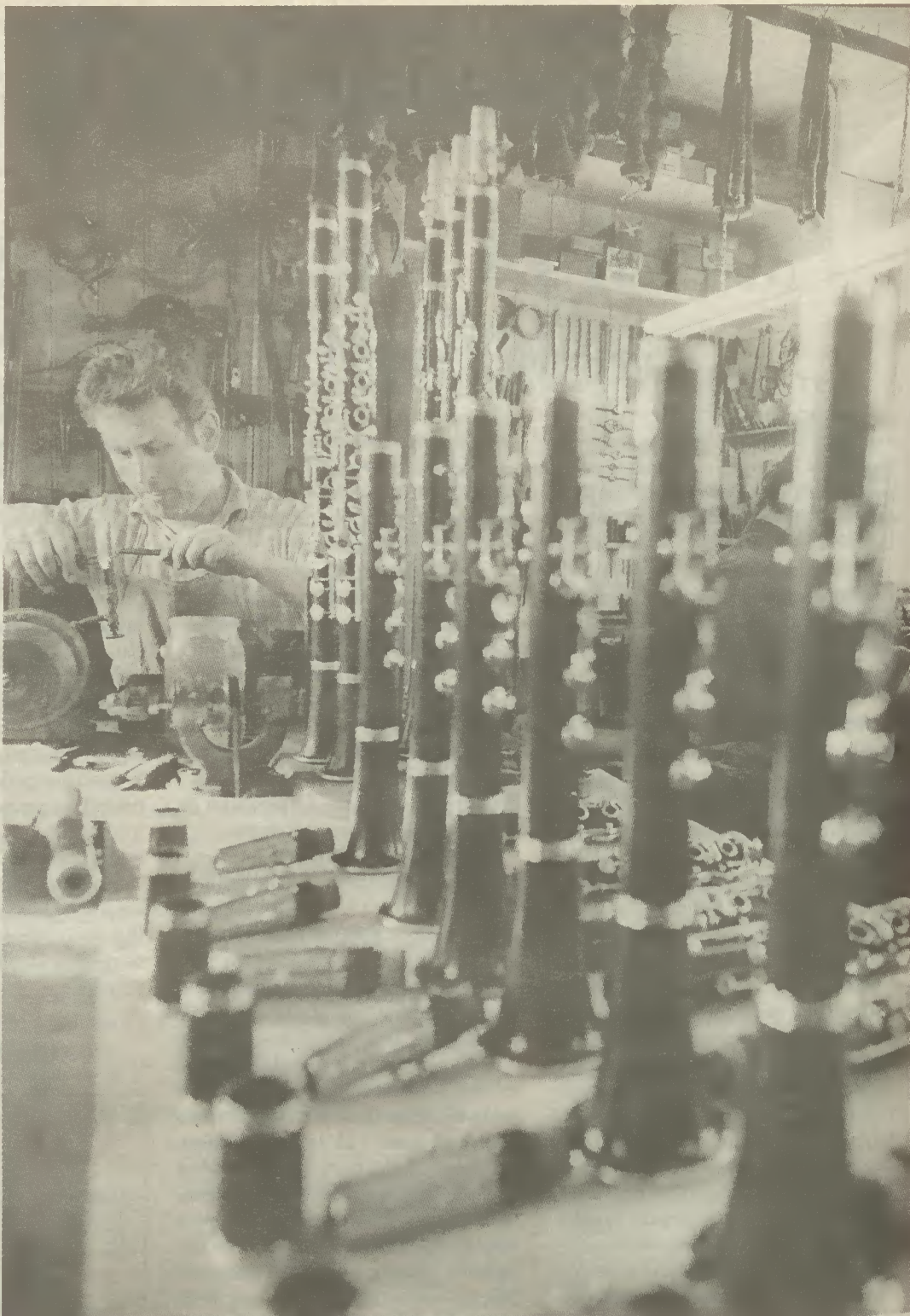
Uma, para sublinhar a informação, contida no destaque, de que, relativamente aos «grupos profissionais», a evolução vai agravando a dispersão nos custos, logo nos rendimentos. Enquanto os custos do trabalho de «dirigentes e quadros superiores de empresa» (sem se entrar em linha de conta com o acréscimo resultante de formas de remuneração que não têm expressão estatística!) aumentaram 40,5% desde 1995, os custos relativos aos «técnicos e profissionais de nível intermédio» subiram pouco mais de 25% e os relativos aos «agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e pescas» nem aos 25% de acréscimo chegaram.

Mas se isso traduz um aumento do fosso, no País, entre os mais «bem pagos» e os mais «mal pagos», esse fosso também cresceu, e significativamente, em relação aos «nossos parceiros» da União Europeia. Relativamente aos últimos 4 trimestres disponíveis, as variações homólogas revelam que o «custo médio de mão-de-obra» dos 15 Estados-membros da UE subiram 3,7% no 1.º trimestre de 2002, com a Espanha (8,2%), Holanda (6,1%) e Dinamarca (5,1%) no cimo dos que tiveram custos (do trabalho) a crescer mais que a média, e Portugal (2,9%), Reino Unido (2,3%) e Alemanha (2,2%) na cauda dos que tiveram custos (do trabalho) a crescer menos que a média, o que ainda importaria cruzar com a evolução dos preços no consumidor para mais se aproximar estes cálculos da óptica dos trabalhadores. Mas, por hoje, já ficará informação suficiente para poder afirmar que

- a evolução do custo do trabalho mostra bem o carácter classista da sociedade e das políticas dominantes,

- aumenta a dispersão entre os chamados «grupos profissionais», com cada vez maior desfavor para os extractos de actividade produtiva,

- os trabalhadores portugueses estão, sempre, entre os mais penalizados pelas evoluções, pelo que, no que a eles respeita, acresce a divergência de níveis de vida relativamente à UE.



Gastronomias

• Francisco Mota

Comer sozinho

Primeira carta

Lina e Mário, Lisboa

Queridos amigos: A vossa separação, decidida há pouco tempo, dói-me. A vocês também certamente, mas a mim que sou amigo dos dois aparece-me muitas vezes na cabeça a ideia estúpida de que, se eu fosse amigo só de um, ia apoiar o amigo e pegar alguma ferroada no outro para levantar a moral (deixa lá, pá, fizeste bem o/a gajo/a nunca foi boa peça, ainda bem que te livraste dele/a). Já sei que nestes casos a nossa amiga ou amigo é que é o bom e o outro o mau. É a solução fácil, muitas vezes injusta, porque não há lugar para muitas filosofias.

Mas não, neste caso não funcionou.

Queria mandar-vos uma carta que fosse. Suave como as batatas cozidas do Barroso, otimista como a pele estaladiça da alheira de Chaves, verde como os grelos que a acompanham e viva como o tinto que havia em Valpaços aqui há uns anos.

Mas não. Só me saiu isto, que se chama «comer sozinho».

Eu,

Cadeira, mesa,

Toalha, guardanapo, cinzeiro,

Colher, faca, garfo, copo,

Couves, cenoura, nabo, batata, feijão,

Chispe, chouriço, morcela, chambão, farinha,

toucinho,

Massa, caldo, cor, sabor, calor,

Queijo, pão, vinho, silêncio,

Café, açúcar, sonho,

Bagaço, sono,

Eu.

Todas as palavras têm companhia,

Só está só,

Eu.

Eu.

Amigos: o Eu é uma coisa muito perigosa.

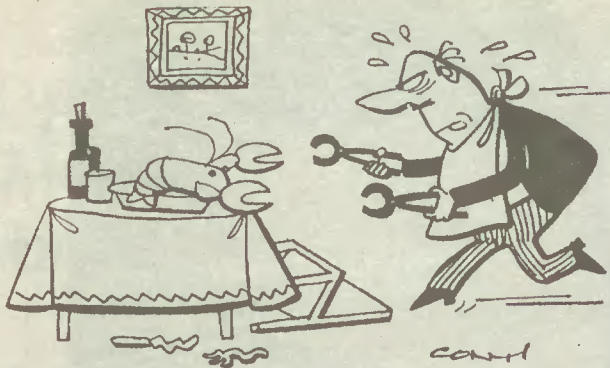
Agradeço que, pelo menos, comam juntos.

Façam-me o favor de ser felizes.

Segunda carta

Queridos Lina e Mário

Pedi à Redacção do *Avante!* para juntar esta nova carta à primeira, porque me chegou a notícia da vossa decisão de



voltar a conviver juntos. Devo já dizer que fiquei contente, não por nenhum princípio de moralismo barato, mas só porque se dois amigos decidem juntar-se eu estou com eles. Queria hoje dar-vos um presente, alguma coisa imaterial e se possível bela. Dou-vos isto:

Numa manhã qualquer, neste tempo quente, antes de ir para a praia, separem toda a carne duma posta de bacalhau demolido sem que fique nenhuma espinha, cortem-na aos bocados (pode ser com uma tesoura) e deem-lhe em cima bom azeite para embeber bem. Cortem dois ou três dentes de alho em cubinhos muito pequenos, misturem tudo e ponham na parte de baixo do frigorífico. Peguem nos sacos, deixem os telemóveis em casa e vão para a praia com calma. Fiquem lá o tempo que quiserem. Ao voltar a casa, tomem banho, porque não há nada mais desagradável do que pisar areia e ouvir aquele crac do grão de areia no chão da casa. Quero admitir que tomareis banho um de cada vez e não é (novamente) por razões moralistas. É que um de vocês deverá descascar um par de laranjas tendo o cuidado de tirar a casca e a pele branca e ficar só com a parte sumarenta que será cortada em bocados pequenos. Aproveitem o sumo que vai saindo. O que já tomou banho deverá misturar a laranja e o sumo com o bacalhau e o resto. Seria bom ter um pacotinho de amêndoas cortadas aos cubinhos para espalhar por cima de tudo isto. Para dar mais alegria, tenham três ou quatro folhas de hortelã fresca e com a tesoura cortem-na e espalhem por cima. Esqueci-me de vos dizer que devem ter uma garrafa fria (13 ou 14 graus) de tinto jovem (2001) destes que se chamam de «maceração carbónica».

Não tenham medo de beber tinto frio, que não gelado, que nisto dos vinhos há muita ideia velha e idiota que é preciso rever. Garanto que esta comida não cozinhada, fresca e viva refrescará o vosso fim de tarde. Quando provarem a primeira colherada deste bacalhau cru com laranja, esqueçam-se, por uns segundos, de vós próprios, para identificar sabores e texturas. Já sabem que este vosso amigo acha que a comida é para ser sentida e pensada, mesmo por vocês que devem estar a viver momentos de alta voltagem emocional. Estão autorizados a olhar-se profundamente e diretamente enquanto provarem.

Esta prenda que vos dou é muito importante para mim, porque é a primeira vez que dou uma receita a alguém. Vocês sabem que gosto muito de discutir, mas não de dar receitas quer sejam gastronómicas ou outras.

A única frase que vou repetir da primeira carta é: façam-me o favor de ser felizes.

Nota para o leitor:

Amigo: onde está Lina e Mário podes pôr os nomes que quiseres. Estás autorizado a pôr o teu nome onde está o meu, desde que seja para alguém ganhar alegria e força para lutar neste tempo cinzento em que nos calhou viver.

Pontos Naturais

• Mário Castrim

Breve conjugação

Fernão Lopes

Nunca mais, nunca mais fomos
tão de povo
oh que fremosa cousa é a de sermos...

Gil Vicente

Mestre.
E nunca termos sido
capazes de aprender...

Camões

O Oceano que faltava nomear.

Nicolau Tolentino

Sai-lhe o génio
de dentro do toucado

Bocage

Oh Liberdade!

(Em puro
ou tresloucado
decassílabo).

Camilo

Molhar a pena
no suor
nas lágrimas

A 300 réis
cada dia futuro.

Eça

O monóculo entra no sarau
avec son manteau
uma piraeta
incómoda ainda hoje
no sarau.

Cesário

Sê natural.
Saltam
de viga em viga
as impressões digitais.

António Boto

Assume-se maldito.
Recusa
as pontes levadiças.
Esvoaçam véus no salto
sobre o fosso.

Fernando Pessoa

Deus
em romano e em grego.
Mistério
com ascendente em Verbo.

Herberto Helder

Há uma respiração que vai até dez mil
[ou mais atmosferas]

Lobo Antunes

a viagem

a viagem
através
do labirinto.

Agustina

A deusa
ordenadora
do seu caos.

Saramago

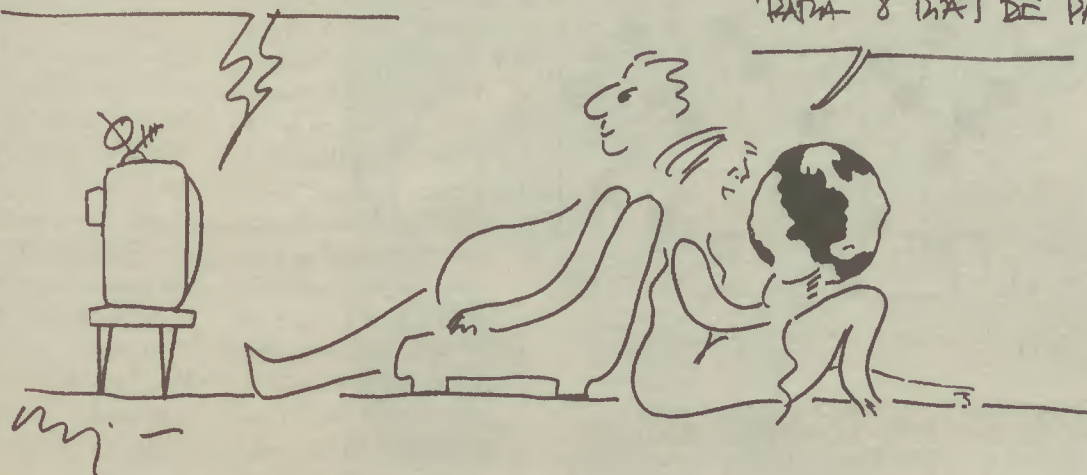
Operariamente transportando
as pedras dia a dia
para a construção do convento.

Cartoon

• Monginho

POR CAUSA
DO ORÇAMENTO
MINISTRA DAS FINANÇAS
SÓ TEM 8 DIAS
DE FÉRIAS...!!!

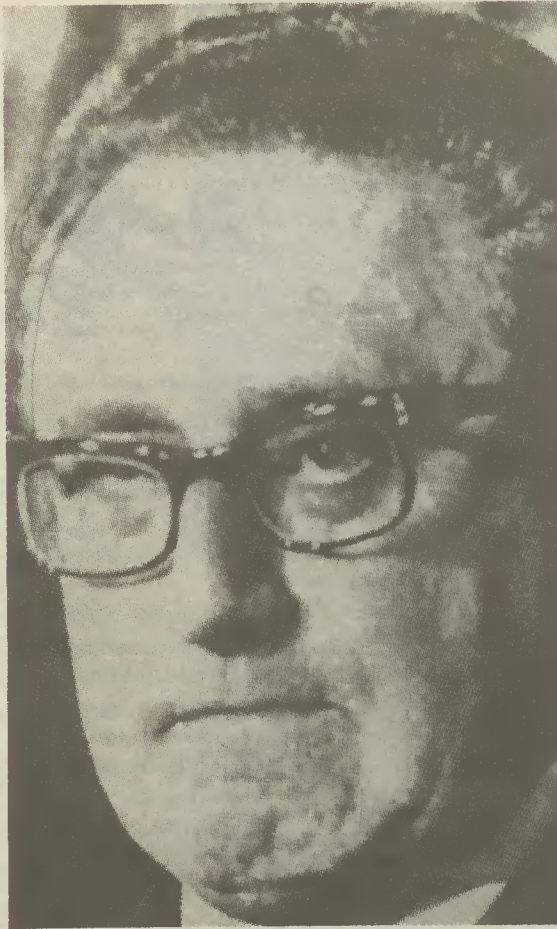
É TU BOLINHA.
TENS ORÇAMENTO
PARA 8 DIAS DE PAZ?



Religiões

• Jorge Messias

O lugar de segundo maior accionista da Media Capital (37%) é oficialmente atribuído à norte-americana **Hicks, Muse, Tate & Furst**, uma transnacional com sede em Dallas, no Texas. Os seus principais escritórios no estrangeiro situam-se em vários países da Europa, em Israel e no Japão. A **HMT&F** é um grupo de capital financeiro especializado em investimentos na área mediática e nas técnicas das acções de juros variáveis. Opera nas áreas da imprensa escrita, da rádio e telecomunicações, dos cuidados da saúde e da engenharia financeira. Esta *super-holding* foi instalada na Europa e nos EUA na década de 1970 e é actualmente considerada como o maior *lobby* privado de investimentos globais nos *mass media* nos quais já investiu mais de 18 biliões de dólares. A empresa considera que o seu maior interesse financeiro europeu actual é a TVI, considerando-a uma companhia de televisão e de comunicação social com perspectivas de grande crescimento. De facto, foi para a **HMT&F** que correu Paes do Amaral num momento de grande necessidade. O



O projecto televisivo da Igreja Católica (IX)

seu pedido foi prontamente atendido e os 27 milhões de dólares norte-americanos permitiram-lhe comprar a TVI. Mas o perfil da **HMT&F** é muito mais complexo.

O grupo tem ligações estreitas com outro potentado financeiro, a **Apax Partners Ltd.**, uma organização germano-americana que opera na mesma área. Juntas, adquiriram recentemente à British TELECOM a gigantesca rede publicitária das *Páginas Amarelas* e do *Livro Amarelo*, publicações que cobrem toda a imensa extensão da Comunidade Britânica e dos EUA. Os nomes classificados (biografias, moradas, telefones, ramos de actividade, escritórios e instalações comerciais, etc.) de milhões de homens de negócios norte-americanos e ingleses entraram, assim, nos ficheiros da **Apax Partners / Hicks Muse**. É mais que provável que a TVI/Media Capital tenham agora livre acesso a esse manancial de informações. Mas é impossível descrever aqui, em pormenor, o que representa para a organização empresarial capitalista esta aquisição. Ela teve como resultado, entre outras consequências, a colocação nas mãos de duas sociedades financeiras de uma arma estratégica vital para a conquista do poder absoluto entre os *mass media* mundiais.

Nos finais de Maio de 2002, este grupo – a que deveremos juntar a TVI/Media Capital – deu um outro passo particularmente importante. Contratou Henry Kissinger como conselheiro para os Assuntos Europeus da **HMT&F**. Ora, tudo será pouco para descrever a importância política deste homem que, apesar do

avanço da idade, continua a constituir uma peça fundamental do xadrez político-económico do capitalismo. Foi ministro de Nixon e de Gerald Ford e mentor da aliança entre o grande

capital mundial e o Vaticano que esteve na base das derrotas dos estados socialistas do Leste europeu. Participou activamente na preparação do 25 de Novembro que em Portugal inverteu a caminhada para o socialismo. Preparou, estimulou, armou e municiou a invasão de Timor pela Indonésia. É homem culto, inteligente, bem preparado para a intriga política e financeira. Ironicamente «Prémio Nobel da Paz» (1973), este planificador da Guerra Fria continua a desempenhar funções de conselheiro geopolítico dos gigantes do neoliberalismo, como a JP Morgan Chase & Co., a American International Group Inc., a American Express Co. ou a Fortsmann Little & Co. Grande senhor da guerra, Kissinger continua a surgir associado a outros nomes bem conhecidos – os Bush, Major, Bill Clinton, Baker, Ben Laden, Rumsfeld, Soros, Dick Cheney, Carlucci e muitos outros. Elaborou ou interveio decisivamente nos planos que conduziram às guerras da Bósnia, do Golfo ou do Afeganistão. Está intimamente ligado aos projectos de exploração do petróleo e do gás natural da Ásia Central e da sua condução para os países ocidentais industrializados através das ex-repúblicas soviéticas. Pertence, deste modo, ao famigerado *Carlyle Group* e ao não menos misterioso *Asian Partners*.

Concebidas em termos de *globalização capitalista*, operações como as que caracterizam o processo da TVI e da RTP devem ser consideradas como ataques sérios à democracia de Abril.

Pontos Cardeais

Cantar o hino

O Governo não pretende deixar por mãos alheias nenhum sector da vida nacional. Não, senhores, não é verdade que, ao querer privatizar tudo, pretenda deixar escapar alguém ao seu controlo. Hoje, nem as criancinhas escapam. Por isso mesmo, o Ministério da Educação decidiu dedicar mais atenção às crianças mais pequenas, ao antecipar, já no mês que vem, o início do ano escolar e prolongar este por mais duas semanas, até Julho de 2003. Ainda no que toca a pausas e férias, as crianças do pré-escolar vão passar a brincar o carnaval aos domingos e vão ver o Natal e a Páscoa minguados. É claro que os pais que trabalham não deixarão de se mostrar seduzidos por estas alterações, ao passo que os docentes as vêem como atentatórias aos seus direitos. Mas que importa isso de procurar soluções que sirvam a todos, já que esses todos trabalham e as crianças também devem ter direitos? Não é essa, porém, a postura do Governo PSD/PP. Aliás, uma vez mais provam que não vêm a educação com bons olhos. O próprio Ministério já avança mesmo com a intenção de despachar as crianças mais pequenas para a tutela da Segurança Social e Trabalho. Estão a ver o Bagaço Félix a ensinar-lhes a cantar o hino? Talvez seja por isso que o horário aumenta...

Sobe & desce

De facto, a educação anda pelas ruas da amargura. E a maior parte das vezes, a não ser que o leitor seja pai ou mãe de filho a estudar, ou seja professor, só se dá conta disso em alturas de exames, ou quando os alunos e os professores protestam. Agora, que o Verão se acrescenta aos calores que os exames fazem suar, sobejam notícias reveladoras. Uma delas é, certamente, a que decorre do processo de avaliação de provas. É vulgar que os examinados se considerem injustiçados, cada um costuma fazer de si próprio uma ideia um bocado melhor – e ainda bem, quando não se entra no narcisismo gabarola – do que a distraída vista que o mundo

lhe lança. Mas veja-se ao que chega a «subjectividade», para lhe não chamar outra coisa, dos critérios de apreciação de provas. Milhares de alunos terão pedido, segundo as notícias vindas a lume, a reapreciação das suas provas. E o facto é que, reapreciadas, apenas 21 por cento delas é que mantiveram a nota! O facto relevante não será o de que 68 por cento tenham merecido mais e que 10 por cento tenham levado nota pior, mas que, num universo restrito de 7448 provas, apenas 1593 tenham visto as notas confirmadas. E se fossem todas as provas reapreciadas, dir-se-á? Ou melhor: e se estes critérios fossem todos pela pia abaixo?

O Rei e o reinho

Ourém é terra acostuada a grandes invasões, quanto mais não seja por causa dos milhares que afluem a Fátima, a ver se a Senhora os brinda com saúde, sorte e dinheiro para gastos. Agosto, porém, não é mês de aparições. Ou não tem sido, porque, desta vez, registou-se uma. É claro que, alguns mais cépticos, vão declarar que o Rei não estava lá. Mas não faltarão muitos a desmenti-los e a afirmar a pés juntos que o viram em cima de uma azinheira, guitarra à tiracolo, a cantar para a multidão. Referimo-nos ao Elvis que, mesmo morto – o que não é certo – continua a «arrastar» multidões.

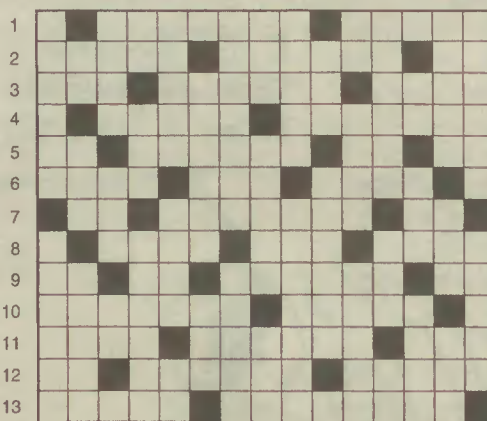
Tratou-se, sem dúvida, de uma figura ímpar do rock, paradigma, quase, da música que, desde os primeiros acordes de Presley, não deixou ainda de vibrar. Os artistas vão-se e fica-lhes a música. O mais interessante, porém, nesta altura, é reparar nos «depoimentos» que a molhada de personalidades solicitada pelo *Correio da Manhã* debitou. Quase toda a gente sublinhou, de um modo ou de outro, as qualidades ou o impacto de Elvis. Mas, para José Cid, ele «não lhe diz nada». E, para D. Duarte Nuno, o pequeno homólogo do artista, a «graça» está em que as pessoas, quando gostam de quem se distingue, lhe chamam Rei. A ele, que tanto se esforça por se distinguir, o que lhe chamam?

Palavras Cruzadas

HORIZONTAIS: 1 – Referente à raiz; existir por muito tempo. 2 – Voraz; o que dá asas a; a ti. 3 – Acolá; astuto; que é de bronze. 4 – Mau crítico; terra arada, num dia por uma junta de bois. 5 – Hélio (s.q.); devorar; prep. que designa diferentes relações, como posse, matéria, lugar, providência, etc.; pref. de origem latina que exprime a ideia de separação, afastamento. 6 – Coligo; doença; espingarda. 7 – Avenida (abrev.); pântano coberto de vegetação; a minha pessoa. 8 – Levantar; pergaminho da pele de vitela; fêmea do urso. 9 – Existes; grito aflitivo; içasas por um cabo; forma arc. do art. def. o. 10 – Individual; soltar balidos. 11 – Voz imitativa do ruído de coisa que se parte, como vidro, etc; branqueara com cal; base área portuguesa. 12 – Quatro em numeração romana; navegar ao largo; pronunciar o que outrem há-de escrever. 13 – Lábio superior dos mamíferos; substância cristalizável extraída da raiz seca do ázaro.

VERTICAIS: 1 – Pequeno pedestal que sustenta uma imagem, uma cruz, etc; animal que se move arrastando-se. 2 – Decilitro (abrev.); namorada; criada. 3 – Origem; nome de uma planta labiada, vivaz com base lenhosa; sétima nota da escala musical. 4 – Antes de Cristo (abrev.); elemento de formação de palavras que exprime a ideia de ouvido; tornar lasso. 5 – Desfazer, cavalo de pelagem cor de ouro; molibdénio (s.q.). 6 – Cordão de metal ou de requife que guarnece ou abotoa a frente do vestuário; mau cheiro. 7 – Nó do cabelo, feito na nuca, que no séc. XVII, se usava no penteado masculino; abano. 8 – Sustentei; plantação de alhos; caminhavas. 9 – Que se refere a lâ; terminara. 10 – Sofrimento físico ou moral; venerar. 11 – Contr. da prep. de com o art. def. o; terreno aberto ou murado, em frente ou em volta das igrejas; levantado. 12 – Género de fungos parasitas dos vegetais; costuma; índio (s.q.). 13 – Ruténio (s.q.); ontem; direcção. 14 – Arremesse; empregue habitualmente em; basta! (interj.). 15 – Transferência para o poder judicial da cobrança coerciva de contribuições não pagas voluntariamente nos prazos legais; combinar.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15



SOLUÇÃO:
HORIZONTAIS: 1 – Alvar; 2 – Alvar; 3 – Alvar; 4 – Alvar; 5 – Alvar; 6 – Alvar; 7 – Alvar; 8 – Alvar; 9 – Alvar; 10 – Alvar; 11 – Alvar; 12 – Alvar; 13 – Alvar; 14 – Alvar; 15 – Alvar.
VERTICAIS: 1 – Alvar; 2 – Alvar; 3 – Alvar; 4 – Alvar; 5 – Alvar; 6 – Alvar; 7 – Alvar; 8 – Alvar; 9 – Alvar; 10 – Alvar; 11 – Alvar; 12 – Alvar; 13 – Alvar; 14 – Alvar; 15 – Alvar.



festa
do **Avante!**
2002

Jornadas de trabalho

- **Da Organização da Cidade de Lisboa**
Dias 24 e 25 de Agosto
- **Do Sector de Empresas da Cidade de Lisboa**
Dia 24 de Agosto
- **Da Organização dos Bancários de Lisboa** – Dias 22 e 29 de Agosto (quintas-feiras)
- **Da Organização dos Micros e Pequenos Empresários da OR Setúbal**
Dias 25 de Agosto, 9h (almoço-convívio às 13h, com Virgílio Azevedo)



Vamos
construir
a Festa!
Participa!

Cicloturismo da Festa do Avante! 2002

Domingo, 25 de Agosto

Concentração na Quinta da Atalaia às 8h
Partida às 9h
(Inscrições até 1 hora antes do início da Prova)

Santa Iria de Azóia

Domingo, 28, na Escola n.º 4

Final do Torneio de Futebol de Salão
Avante! 2002

Jogo para os 3.º e 4.º lugares às 9h
Final às 10h

Almoço-convívio a partir das 13h

Minimaratonas Futebol de Cinco Festa do Avante! 2002

promovida pela JCP

Dia 24 de Agosto, 14h – Complexo Desportivo
de Vila Real de Santo António

Excursões para a Festa do Avante!

De VIANA DO CASTELO

Partida: sexta-feira, 6
de Caminha – 7h30, junto ao Pão Quente
Virgem de Fátima
de Viana do Castelo – 8h, junto à Casa Seixas,
Campo da Agonia.
Os autocarros regressam, um no Domingo às 23h30,
outro Segunda-feira, às 9h.

Do Concelho de CASCAIS

Dias 7 e 8 de Setembro
Percurso de autocarro:
Alcabideche (Largo) – 8h30
Alcoitão (Semáforos) – 8h35
Manique (Neves) – 8h45
Tires (Alto de Tires) – 8h50
Parede (Centro de Trabalho) – 9h
Rana (Alto) – 9h05
Sassoeiros (Café Santos) – 9h10

Inscrições até 4 de Setembro
Informações: Tels. 21 4692145 – 214866991
21 4561122 – 21 4442253



Jantar de Verão no Barreiro com Carlos Carvalhas

O Secretário-geral do Partido estará presente,
sábado próximo, no **Jantar de Verão**
promovido pela organização concelhia do Barreiro.
O jantar realiza-se nos Penicheiros
e tem início às 20h.

Festa-Comício em Faro

Sábado, 24 de Agosto, 19h – Instituto da Juventude
Divulgação da Festa do Avante! 2002
Comes e bebes – Animação musical
com Luísa Basto
Participação de José Casanova
(Contacto: CT Faro – 289 805734 e outros Centros
de Trabalho do Algarve)

Aveiro Acção pública

promovida pela Direcção da Organização
Regional do PCP

Tema:

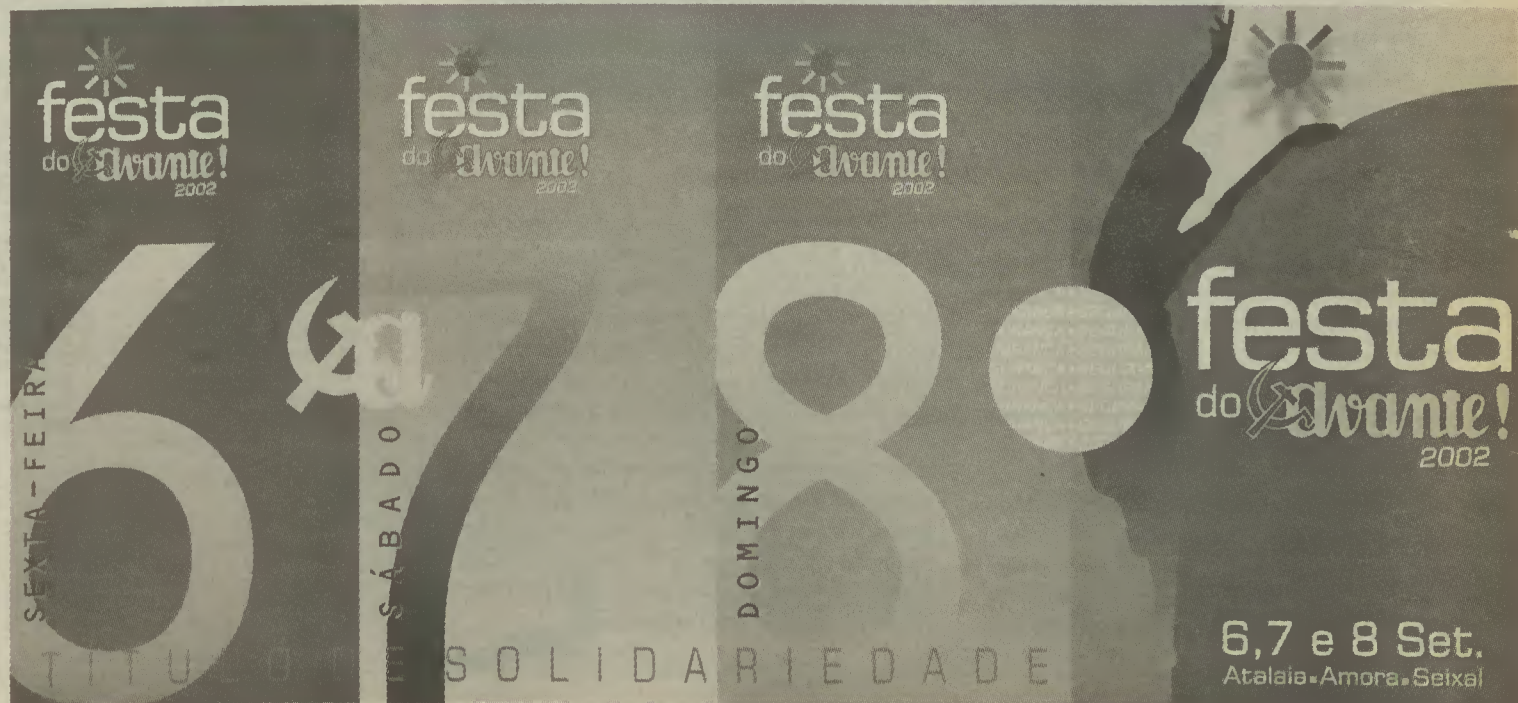
*Ria de Aveiro – Contributo para o modelo
de gestão e desenvolvimento*
A apresentar a bordo de um Moliceiro
sexta-feira, 23, a partir das 14h
com a participação de Jorge Cordeiro

Plenário em Lisboa de militantes da CML

quinta-feira, 22, às 19h, no CT Vitória

Aproveita
para
comprar já
a EP

A Entrada Permanente para a
Festa do Avante! já está à venda!
Podes comprá-la nos centros de
trabalho do PCP ou através de
militantes do Partido. Até dia 5
de Setembro a EP custa 14
euros, mas nos dias da Festa
aumenta para 19 euros. Aproveita
já esta oportunidade!



festa
do **Avante!**
2002

6
SEXTA-FEIRA

7
SÁBADO

8
DOMINGO

festa
do **Avante!**
2002

festa
do **Avante!**
2002

festa
do **Avante!**
2002

TÍTULO DE SOLIDARIEDADE

6,7 e 8 Set.
Atalaia-Amora-Seixal

ATVer

O Último Tango em Paris

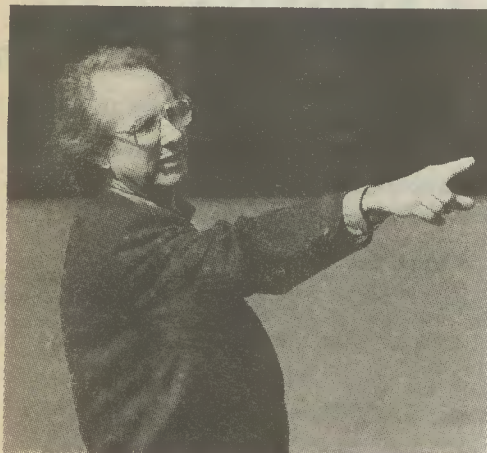
(Quinta-feira, 22.08.02, 24h, RTP-2)

Um americano de meia idade, atormentado pela morte da sua mulher, que se suicidara recentemente, encontra por acaso uma jovem francesa quando um e outro procuram um apartamento em Paris. Entre ambos surge então uma estranha paixão, violentamente sexual, que ambos acordam continuar a alimentar sem que pretendam saber mais das suas vidas que, entretanto, prosseguem os seus próprios percursos. Filme de estranhas ressonâncias psicanalíticas, despertou aquando da estreia, em 1973, as mais especulativas interpretações da crítica, para além de constituir um escândalo pela «cruza» de certas seqüências, verdadeiramente invulgar na época. Entre nós, só depois do 25 de Abril seria exibido – saudado, aliás, como um dos sinais do fim da censura. Para Marlon Brando foi a última de uma notável série de personagens em que protagonizou dramas amorosos.

Mrs. Dalloway

(Quinta-feira, 22.08.02, 01h30m, RTP-1)

Excelente adaptação ao cinema do romance de Virginia Woolf, com argumento de Eileen Atkins, realizado por Marleen Gorris, uma cineasta holandesa, e superiormente interpreta-



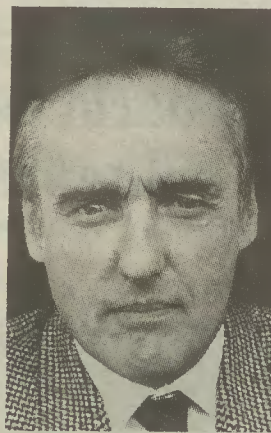
Ken Loach, realizador de *O Meu Nome é Joe*

do por Vanessa Redgrave, «Mrs. Dalloway» é aquilo a que legitimamente se chamará uma obra «no feminino». É o retrato intimista de uma mulher inglesa dos anos 20 do Século XX, que vive a sua vida na aparência da normalidade burguesa de então, porém atravessada pela consciência, vivências e contradições de uma época tumultuosa, aquela que se seguiu à Primeira Guerra Mundial. Com lucidez e sensibilidade, a Sra. Dalloway de Virginia Woolf e Vanessa Redgrave vive a sua vida, tolhida por convenções, cobardias e hipocrisias, mas nunca abdicou, no fundo, da mulher que podia ter sido... O filme é um exemplo, que costuma ser referido, de transposição cinematográfica com sucesso de uma obra literária.

O Meu Nome é Joe

(Sexta-feira, 23.08.02, 22h15, RTP-1)

Ao longo de 30 anos de trabalho na televisão e depois no cinema, Ken Loach tornou-se uma referência do cinema europeu socialmente empenhado. São quase sempre filmes aparentemente simples, sempre directos, de forte carga social. É de novo o caso de «O Meu Nome é Joe» - Joe, um alcoólico em vias de recuperação, desempregado, que se faz treinador de futebol num clube de Glasgow e que, no tentar ajudar um dos seus jogadores, acaba por se envolver com traficantes de droga. O drama desenvolve-se numa Inglaterra em crise na viragem do milénio, com o seu poderoso parque industrial de há poucas décadas completamente devastado, onde os empregos mais seguros estão



Dennis Hopper, realizador de *Angústia de Viver*

Imperdoável

na assistência social e nos programas de combate à pobreza, ao desemprego, ao alcoolismo e à toxicod dependência... Um competente grupo de actores, com Peter Mullan em destaque como «Joe».

Angústia de Viver

(Segunda-feira, 26.08.02, 23h, RTP-1)

De Inglaterra para os Estados Unidos, é no cenário de uma outra crise que se desenrola este «Angústia de Viver», do actor e realizador Dennis Hopper: um drama familiar no limiar dos anos 80 sobre a trajetória de Cindy, uma adolescente, que adora música «punk» e endeuou Elvis Presley, cujo pai está preso e a mãe, que trabalha num restaurante, é amante do patrão e viciada em heroína. Numa fuga semeada de peripécias, Cindy tenta afastar-se desta família desfeita. É apanhada, regressa, tem a ilusão de uma vida normal, mas pouco depois tudo acaba em tragédia. Hopper retrata com dureza e amargura esta geração «punk», as ilusões e angústias que marcaram a juventude americana dessa época. O que é que dela vai ficar para o futuro? Linda Manz é uma perturbante «Cindy».

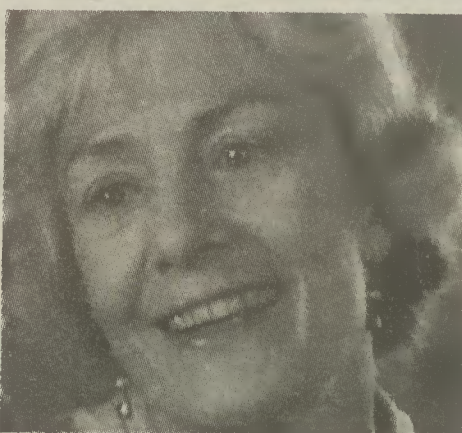


O Último Tango em Paris

Imperdoável

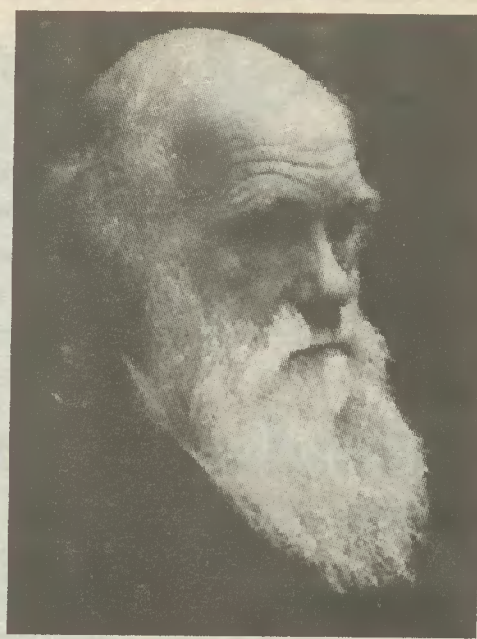
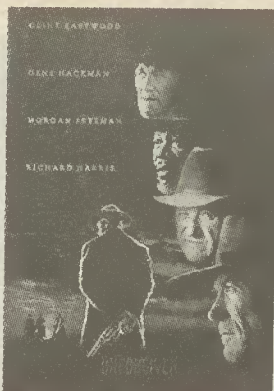
(Terça-feira, 27.08.02, 22h, RTP-1)

Clint Eastwood definitivamente liberto da imagem de Harry Callahan - «dirty Harry», o implacável detective de contornos fascizantes - e mesmo, ainda mais antigo, da dos «spaghetti westerns» de Leone que lhe deram fama, atinge neste filme a maturidade como autor. Um «western anti-western tipo tragédia grega», como foi chamado, «Imperdoável» é uma obra densa,

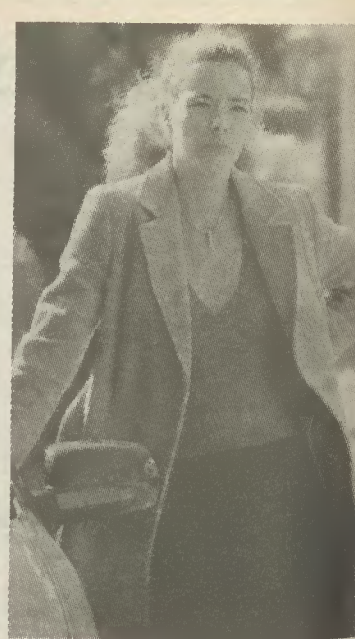


Vanessa Redgrave

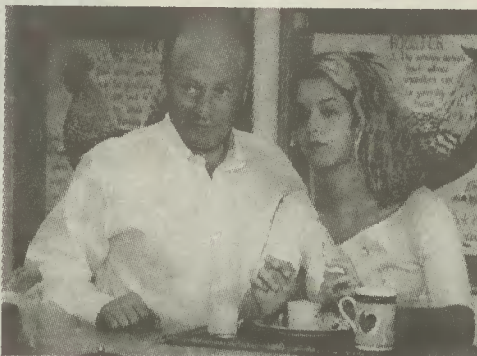
amarga, sombria e cruel sobre o abominável acto de matar. É a história de um homem, um velho e acabado pistoleiro, que aceita um derradeiro «trabalho» e acaba por se assumir, por vingança, numa espécie de implacável «anjo exterminador». Eastwood constrói com rara maestria uma obra sombria, de violência desmedida, de uma «economia» controlada em cada segundo, servida por intérpretes de excepção: ele próprio, mas ainda Gene Hackman, Morgan Freeman, Richard Harris... «Imperdoável» foi premiada em 1992 com os Oscars para melhor filme e para melhor realizador, e Hackman considerado o melhor actor secundário.



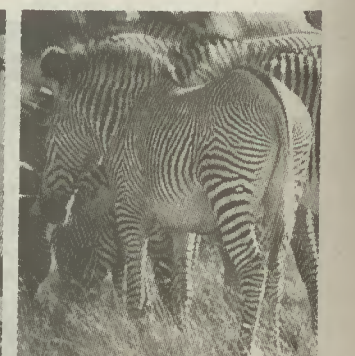
Charles Drawin em «Sinis do Tempo» (Sábado, RTP2)



Fúria de Viver



Super Pai



Vida Selvagem

Quinta, 22

▼ RTP 1

07.00 Bom Dia Portugal
10.00 Praça da Alegria
13.00 Jornal da Tarde
14.00 Futebol de Praia VII Mundialito
16.00 Amor e Ódio
17.15 O Elo Mais Fraco
18.15 Quebra-cabeças
19.20 O Preço Certo em Euros
20.00 Telejornal
21.30 O Elo Mais Fraco
22.15 «Jovem Procura Companhia» (Filme)
24.00 Os Sopranos
01.00 24 Horas
01.15 Futebol de Praia - Mundialito
01.30 «Mrs. Dalloway»

▼ RTP 2

07.00 Espaço Infantil
11.00 Euronews
13.00 Destino Madeira
13.30 Felicity
14.30 Informação Gestual
16.00 Sinis do Tempo
17.00 Espaço Infantil/Juvenil
18.00 Informação Religiosa
18.40 Esgrima Campeonato do Mundo
19.30 Clube Europa
20.00 Viver no Campo
20.30 Nikki
21.30 Acontece
22.00 Jornal 2
23.00 Roswell
24.00 «O Último Tango em Paris» (Filme)
02.15 Departamento de Homicídios

▼ SIC

07.00 Infantil/Juvenil
11.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.00 As Duas por Três
15.15 Walker, Texas Ranger
17.30 Desejos de Mulher
18.30 New Wave
19.00 Coração de Estudante
20.00 Jornal da Noite
21.00 Malucos do Riso
22.00 Fúria de Viver
23.00 O Clone
23.00 Loucas Perseguições
01.00 Sob Pressão

▼ TVI

07.30 Sempre a Abrir
12.00 Bons Vizinhos
13.00 TVI Jornal
14.00 Jardins Proibidos
15.00 Bora Lá Marina
16.00 As Pupilas do Senhor Doutor
17.00 Marés Vivas
18.00 Anjo Selvagem
19.00 Tudo por Amor
20.00 Jornal Nacional
21.15 Sonhos Traídos
22.00 Anjo Selvagem
23.45 «A Secret Affair» (Filme)
01.45 «Sender, o Enviado» (Filme)
03.45 Just Shoot Me

Sexta, 23

▼ RTP 1

07.00 Bom Dia Portugal
10.00 Praça da Alegria
13.00 Jornal da Tarde
14.10 Vencedores
16.00 Amor e Ódio
17.30 O Elo Mais Fraco
18.30 Quebra-cabeças
19.20 O Preço Certo em Euros
20.00 Telejornal
21.30 O Elo Mais Fraco
22.15 «Amizade sem Limites» (Filme)
24.00 Serviço de Urgência
01.00 24 Horas
01.15 «O Meu Nome é Joe» (Filme)

▼ RTP 2

07.00 Espaço Infantil
11.00 Euronews
13.00 Destino Madeira
13.30 Felicity
14.30 Informação Gestual
16.00 Sinis do Tempo
17.00 Espaço Infantil/Juvenil
18.00 Informação Religiosa
18.30 Esgrima - Campeonato do Mundo
19.30 2010
20.30 Nikki
21.30 Acontece
22.00 Jornal 2
23.00 A América de Norman Mailer (2ª parte)
24.00 «O Fantasma» (Filme)
01.45 Departamento de Homicídios

▼ SIC

07.00 Infantil/Juvenil
11.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.00 As Duas por Três
15.15 Walker, Texas Ranger
17.30 Desejos de Mulher
18.30 New Wave
19.00 Coração de Estudante
20.00 Jornal da Noite
21.00 Malucos do Riso
22.00 Fúria de Viver
23.00 O Clone
24.00 Explosões
01.00 Sexappeal
01.30 «Dos Índios» (Filme)

▼ TVI

07.30 Sempre a Abrir
12.00 Bons Vizinhos
13.00 TVI Jornal
14.00 Jardins Proibidos
15.00 Bora Lá Marina
16.00 As Pupilas do Senhor Doutor
17.00 Marés Vivas
18.00 Anjo Selvagem
19.00 Tudo por Amor
20.00 Jornal Nacional
21.15 Sonhos Traídos
22.15 Anjo Selvagem
23.45 «Com Amigos Destes...» (Filme)
01.45 «História sem Fim» (Filme)

Sábado, 24

▼ RTP 1

07.00 Infantil/Juvenil
10.15 «Lassie, o Regresso» (Filme)
12.00 Top +
13.00 Jornal da Tarde
14.00 Futebol de Praia VII Mundialito
16.00 O Passeio dos Alegres
19.30 Camilo, o Pendura
20.00 Telejornal
21.00 Futebol: Benfica-Marítimo
23.00 «Comando Suicida» (Filme)
00.35 «Sedução Mortal» (Filme)
02.00 24 Horas
02.30 «Uma Vez na Vida» (Filme)

▼ RTP 2

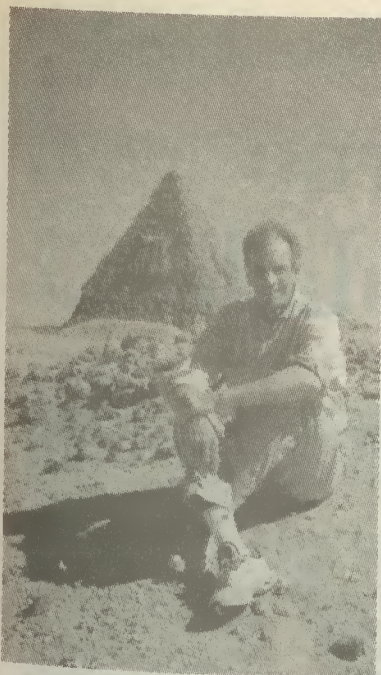
07.00 Euronews
10.30 Música ao Sábado - Sinfonia Nº 2, de Brahms
12.00 Iniciativa
14.00 O Fim da Televisão Como a Conhecemos (2ª parte)
15.00 Desporto 2
19.30 Mito Eternos
20.00 Missão Natureza
20.30 Bombordo
21.00 Por Outro Lado
22.00 Jornal 2
22.50 O Lugar da História «Charles Darwin»
00.00 Briteom
01.00 Saxazul (Gravações do Festival de Cascais)
02.30 Noites Curtas do Onda Curta (Curtas-metragens)

▼ SIC

08.00 Sic a Abrir
12.00 O Nosso Mundo
13.00 Primeiro Jornal
14.00 Catarina.com
14.45 O Camião
15.45 A Vingadora
16.45 Air America
17.45 «O Último dos Moicanos» (Filme)
20.00 Jornal da Noite
21.00 Malucos do Riso
21.30 Linha da Sorte
22.30 Fúria de Viver
23.30 «A Outra Face» (Filme)
01.30 Amante Latino
02.30 A Rainha de Espadas

▼ TVI

07.30 Batatoon
09.30 Sempre a Abrir
11.40 As Pupilas do Senhor Doutor
12.00 Lux
13.00 TVI Jornal
14.00 «Génio Canino» (Filme)
16.00 «Madeline» (Filme)
18.00 «Três Homens e uma Menina» (Filme)
20.00 Jornal Nacional
21.00 Super Pai
22.00 O Último Beijo
23.00 Ri-te Ri-te
00.45 «Paixão na Areia» (Filme)
03.45 «Os Campeões de Box» (Filme)



Mundial de Egrima (RTP2)



Mundialito de Praia

Domingo, 25

▼ RTP 1

07.00 Infantil/Juvenil
10.45 «Olha Quem Fala Agora» (Filme)
12.30 Planeta Azul
13.00 Jornal da Tarde
14.00 João Baião
18.45 Melhor É Impossível
20.00 Telejornal
21.30 Domingo Desportivo
23.00 «Bulworth» (Filme)
00.45 24 Horas
01.15 «Um Tipo às Direitas» (Filme)

▼ RTP 2

07.00 Euronews
09.00 Programa Religioso
11.30 Mitos Eternos
12.00 Turma das Ciências
12.30 Clube da Europa
13.00 Antres que Seja Tarde
14.00 Desporto 2
18.30 As Origens do Homem
19.30 Onda Curta
20.00 A História de Nikita
21.00 Artes e Letras
«O Profeta»
22.00 Jornal 2
23.00 «The Wonderful Horrible Life of Leni Riefenstahl»
01.00 Sinais do Tempo
02.00 2010 (Rep.)

▼ SIC

07.00 SIC a Abrir
12.00 BBC - Vida Selvagem
13.00 Primeiro Jornal
14.00 «Campo de Férias» (Filme)
16.00 «O Meu Papá, o Anjo e Eu» (Filme)
18.00 «Cavalgada para a Morte» (Filme)
20.00 Jornal da Noite
21.00 Malucos do Riso
22.15 «Forrest Gump» (Filme)
24.00 «Duelo em Los Angeles» (Filme)
02.15 A Rainha de Espadas

▼ TVI

07.00 Super Batatoon
11.00 Cerimónias Religiosas
13.00 TVI Jornal
13.30 Filme (não designado)
15.30 «Spash, a Sereia» (Filme)
19.15 Bons Vizinhos
20.00 Jornal Nacional
21.15 Apanhados da Bola
21.45 Super Pai
22.45 O Último Beijo
24.00 «The Truman Show - A Vida em Directo» (Filme)
02.00 «As Terças com Morrie»

Segunda, 26

▼ RTP 1

07.00 Bom Dia Portugal
10.00 Praça da Alegria
13.00 Jornal da Tarde
14.10 Vencedores
16.00 Amor e Ódio
16.30 Marisol
17.15 O Elo Mais Fraco
18.15 Quebra-cabeças
19.20 O Preço Certo em Euros
20.00 Telejornal
21.30 Sorte Grande
21.45 O Elo Mais Fraco
22.30 «O Rei Pescador» (Filme)
01.00 Serviço de Urgência
02.00 24 Horas
02.15 «Angústia de Viver» (Filme)

▼ RTP 2

07.00 Espaço Infantil
11.00 Euronews
13.00 Destino Madeira
13.30 Felicity
14.30 Informação Gestual
15.30 Euronews
16.00 O Lugar da História
17.00 Espaço Infantil
18.00 Informação Religiosa
18.30 Planeta Azul
19.00 História do Cérebro
20.00 Viver no Campo
20.30 Nikki
21.00 Sim, Amor
21.30 Acontece
22.00 Jornal 2
23.00 Sete Palmas de Terra
00.00 «Guerra do Ópio» (Filme)
02.15 Departamento de Homicídios

▼ SIC

07.00 Infantil/Juvenil
11.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.00 As Duas por Três
15.15 Walker, Texas Ranger
16.00 Malhação
17.30 Desejos de Mulher
18.30 New Wave
19.00 Coração de Estudante
20.00 Jornal da Noite
21.00 Malucos do Riso
22.00 Fúria de Viver
23.00 O Clone
24.00 Loucas Perseguições
01.00 O Lado Obscuro da Vida

▼ TVI

07.30 Sempre a Abrir
12.00 Bons Vizinhos
13.00 TVI Jornal
14.00 Jardins Proibidos
15.00 Olhó Video
16.00 As Pupilas do Senhor Doutor
17.00 Marés Vivas
18.00 Anjo Selvagem
19.00 Tudo por Amor
20.00 Jornal Nacional
21.15 Sonhos Traídos
22.15 Anjo Selvagem
23.45 «Erro Fatal» (Filme)
01.45 «Combate do Século» (Filme)

Terça, 27

▼ RTP 1

07.00 Bom Dia Portugal
10.00 Praça da Alegria
13.00 Jornal da Tarde
14.10 Vencedores
16.00 Amor e Ódio
16.30 Marisol
17.15 O Elo Mais Fraco
18.15 Quebra-cabeças
19.00 Telejornal
20.00 Futebol/Liga dos Campeões - Inter de Milão-Sporting
22.00 «Imperdoável» (Filme)
00.30 Serviço de urgência
01.30 24 Horas
01.45 «Patrick» (Filme)

▼ RTP 2

07.00 Espaço Infantil
11.00 Euronews
13.00 Destino Madeira
13.30 Felicity
14.30 Informação Gestual
16.00 2010
17.00 Espaço Infantil/Juvenil
18.00 Informação Religiosa
18.30 Onda Curta
19.00 Segundos Sísmicos
20.00 Viver no Campo
20.30 Nikki
21.00 Sim, Amor
21.30 Acontece
22.00 Jornal 2
23.00 Um Rapaz Diferente
00.00 «Shower - Chuveiro» (Filme)
02.15 Departamento de Homicídios

▼ SIC

07.00 Infantil/Juvenil
11.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.00 As Duas por Três
15.15 Walker, Texas Ranger
16.00 Malhação
17.30 Desejos de Mulher
18.30 New Wave
19.00 Coração de Estudante
20.00 Jornal da Noite
21.00 Malucos do Riso
22.00 Fúria de Viver
23.00 O Clone
24.00 Explosões
01.00 Forças Especiais
03.00 A Batalha dos Alimentos

▼ TVI

07.30 Sempre a Abrir
12.00 Bons Vizinhos
13.00 TVI Jornal
14.00 Jardins Proibidos
15.00 Olhó Video
16.00 As Pupilas do Senhor Doutor
17.00 Marés Vivas
18.00 Anjo Selvagem
19.00 Tudo por Amor
20.00 Jornal Nacional
21.15 Sonhos Traídos
22.15 Anjo Selvagem
23.45 «Viver no Passado» (Filme)
01.30 «Razões para Viver» (Filme)
03.45 «Just Shoot Me»

Quarta, 28

▼ RTP 1

07.00 Bom Dia Portugal
10.00 Praça da Alegria
13.00 Jornal da Tarde
14.10 Vencedores
16.00 Amor e Ódio
16.30 Marisol
17.15 O Elo Mais Fraco
18.15 Quebra-cabeças
19.20 O Preço Certo em Euros
20.00 Telejornal
21.30 O Elo Mais Fraco
22.15 «Operação Resgate no Deserto» (Filme)
24.00 Serviço de Urgência
01.00 24 Horas
01.15 «Para Além do Passado» (Filme)

▼ RTP 2

07.00 Espaço Infantil
11.00 Euronews
13.00 Destino Madeira
13.30 Felicity
14.30 Informação Gestual
15.30 Euronews
16.00 Por Outro Lado
17.00 Espaço Infantil
18.00 Informação Religiosa
18.30 Bombordo
19.00 História do Cérebro
20.00 Viver no Campo
20.30 Amigos do Peito
21.00 Sim, Amor
21.30 Acontece
22.00 Jornal 2
23.00 Crónica do Século «Portugal e a II Guerra Mundial»
24.00 «Terra Amarela» (Filme)

▼ SIC

07.00 Infantil/Juvenil
11.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.00 As Duas por Três
15.15 Walker, Texas Ranger
16.00 Malhação
17.30 Desejos de Mulher
18.30 New Wave
19.00 Coração de Estudante
20.00 Jornal da Noite
21.00 Malucos do Riso
22.00 Fúria de Viver
23.00 O Clone
24.00 «O Corrupto» (Filme)

▼ TVCI

07.30 Sempre a Abrir
12.00 Bons Vizinhos
13.00 TVI Jornal
14.00 Jardins Proibidos
15.00 Olhó Video
16.00 As Pupilas do Senhor Doutor
17.00 Marés Vivas
18.00 Anjo Selvagem
19.00 Tudo por Amor
20.00 Jornal Nacional
21.15 Sonhos Traídos
22.15 Anjo Selvagem
23.45 «Defenders III» (Filme)
01.45 «Missão no Gelo» (Filme)

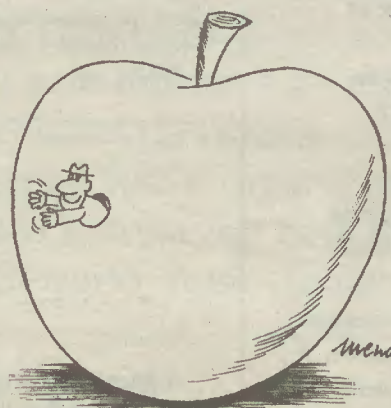
Nota:
A Redacção não se responsabiliza por alterações de horários ou conteúdos da programação realizadas pelos operadores de televisão após o fecho desta edição.

TVisto

• Correia da Fonseca

Por dentro do fruto

Que me lembre, nunca tinha ouvido falar de Louis Farrakhan, afro-americano dos Estados Unidos, pastor de almas: foi no SIC-Notícias que o conheci graças a um telefilme integrado na rubrica «Panorama BBC». Por sinal, no mesmo dia ou em dia próximo Louis Farrakhan surgiu também num ou mais telenoticiários de rotina, e então já eu dei por ele e lhe prestei a atenção que noutra altura talvez não lhe dedicasse. O que explicava a presença do pastor num noticiário era a sua visita à Grã-Bretanha, acontecimento que já terá sido o motivo da reportagem da BBC.



Parece que no Reino Unido houve quem se inquietasse com a sua vinda porque, como por cá se diria noutros tempos, o homem é altamente subversivo. Pois é: eu ouvira-o no SIC-Notícias e também o achara, só que não me importei comisso. Farrakhan é tão subversivo que, segundo a locução «off», é dele a única voz que nos Estados Unidos se ergue a relacionar o 11 de Setembro com as práticas da política norte-americana que concitaram o antiamericanismo no mundo em geral e entre os muçulmanos em especial. Farrakhan é também um homem que diz em público que não está com George W. Bush, não senhores, mas também não é terrorista. Está visto: o homem é mesmo subversivo e é perigoso. Até por cá seria, pelo menos no critério de alguns que em jornais de referência nos brindam com doudas análises e peremptórias sentenças.

O pastor Louis Farrakhan, que me pareceu perfeitamente integrado na interminável galeria de pregadores norte-americanos negros, brancos ou de etnias mistas, que abundam nos States, não me pareceu muito sedutor ou aliciante. Diria eu que é mais um como tantos outros, se a reportagem não me tivesse dado a perceber que Farrakhan e a projecção por ele já adquirida são um claro sinal, mais um, de que os Estados Unidos de George W. Bush estão longe da homogeneidade interna que geralmente lhes é atribuída. Se, em busca de uma metáfora catita, extrapolássemos para todo o país a designação de «big apple» usada para Nova Iorque, seria adequado dizer que aquele enorme fruto dá sinais de estar bichado. O que, parecendo proventura conternante, é na

verdade uma boa notícia porque os Estados Unidos são não apenas um fruto venenoso para consumidores incautos como também um fruto terrivelmente explosivo que se constituiu em risco letal para o mundo inteiro.

Negros, islâmicos, outros mais

Agora que George W. Bush assumiu a missão sagrada de substituir o chefe de Estado do Iraque (por agora do Iraque; é quase certo que outros se lhe seguirão mas, sossegue-mos, não chegará decerto a vez de Barroso, amigo e talvez discípulo), tem evidente interesse saber-se que os cidadãos norte-americanos não estão todos com ele, formados em bloco compacto e monolítico.

É certo que o 11 de Setembro, tragédia que resultou como uma bênção para a estratégia de Bush, desencadeou nos Estados Unidos uma vaga de intenso fervor patriótico de que a TV nos traz frequentemente imagens e testemunhos. Porém, acontece que essa face óbvia não esgota a realidade norte-americana. Vendo a reportagem acerca do pastor Louis Farrakhan, ouvindo o que por lá se disse e juntando outros farrapos de informação que me vão chegando (difícilmente, porque isto de ver muita televisão não deixa margem para grandes sabedorias acerca do que vai de facto pelo mundo), apercebi-me com suficiente clareza de que muitos norte-americanos não estão nada satisfeitos com o que o tandém Casa Branca-Pentágono, rosto e braço visíveis dos poderes efectivos, vem fazendo dentro e fora dos States. O discurso de Farrakhan é, digamos, impressionante quando reúne no mesmo inconformado protesto e na mesma reivindicação as indignações da comunidade negra e da comunidade islâmica: ele próprio é negro, embora não muito mas o suficiente para estar incurso em todas as discriminações, e islâmico. O que aliás parece confuso quando se sabe que também se proclama pastor à maneira das seitas evangélicas. Mas não é tudo: Farrakhan lança potnes de solidariedade às grandes minorias que nos Estados Unidos vivem sob o constante fogo de humilhações. Pode estar ali a semente de uma unidade tendencial que avança entre dois pólos: recusa do aventureirismo belicista de Bush e das tremendas desigualdades sociais internas. Talvez isto não seja nada significativo, e decerto não o será a curto prazo. Talvez também não sejam relevantes as macrofalências que têm vindo a ocorrer nem o enfraquecimento do dólar no mundo. Mas parece que o fruto opulento e lustroso que é motivo de admiração e susto dá sinais de ter bicho. É mau para Bush e para os que o comandam. Será bom para o resto do mundo.

A talhe de foice

• Leandro Martins

O embuste de Napoleão

Vinte e cinco anos depois da sua morte, o Elvis Presley continua a aparecer por aí, a crer nos testemunhos que a toda a hora chegam aos media, principalmente nos Estados Unidos, que é país farto em testemunhos «com provas documentais», nem que sejam de «raptos realizados por alienígenas» ou de «crimes das ditaduras comunistas». Durante muitos anos, também pela Europa, havia quem não acreditasse na morte do Hitler, que continua a assombrar de negras memórias todos quantos o abominam mas também, o que é pior, a suscitar nostalgias a quantos o querem recuperar. De vez em quando é assim, às golfadas de revivalismo nem a lei da morte tem poderes para conservar sepultados os fantasmas de um passado morto. E, normalmente, as delicadas operações de ressurreição, decerto por inabilidade e incompetência na recitação dos encantamentos e na manipulação das mezinhas, operam uma reprodução que dá para o torto e devolvem-nos um sujeito que nem para sóia do finado serve.

Assim ressuscitadas, certas figuras costumam usar-se apenas para «emendar» o passado, para limpá-lo — hoje dir-se-á «branquear» — para reescrever a história e para dela sacar depois lições diversas daquelas que foram. Para, afinal, tornar, com um passado assim desfigurado, um presente mais plausível e funcional, a gosto do que se quer.

Tudo isto vem a propósito de duas notícias que fui encontrar lado a lado (decerto por uma daquelas coincidências que por vezes sucedem) e que relatam dois factos que nada parece relacionar: primeira, a do protesto que terá reunido, no passado sábado, algumas dezenas de freiras que marcharam pelas ruas de Monterrey, no México, cidade onde se exibiu um filme «baseado» no livro O Crime do Padre Amaro, de Eça de Queirós; segunda, a notícia de que o governo francês recusou autorização para que fossem incomodar o corpo de Napoleão para lhe fazerem testes de ADN. O cientista que a solicitou pretende «provar» que o cadáver depositado nos Invalides, em Paris, não é o do defunto imperador.

Pois não, as duas notícias não parecem relacionar-se. Mas... eis que nos descrevem o argumento, sacado ao livro de Eça — no filme não se trata de um padre que, servindo-se da sua «autoridade moral», engravida a filha da hospedeira e a abandona à sua triste sorte para esconder o escândalo e prosseguir a carreira. A coisa passa-se com um padre que «rompe o celibato com uma menor e se relaciona com o narcotráfico». Assim reescrita, a história tem tanto a ver com Eça e a sua moral como os versos de um poeta têm a ver com os genes em que a avó lhe terá passado a «facilidade para as rimas». Adaptar o passado ao presente é sempre perigoso, quando não sai apenas... ridículo. Quanto a Bonaparte, não sabemos para quê o tal cientista pretende demonstrar que o corpo sepultado na basílica não pertence ao verdadeiro Napoleão. Talvez reescrever a história a partir de um embuste. Por que não se fica certa gente pelos bustos, já que a história é, para eles, coisa que se pode manipular?

CGTP-IN alerta para escalada dos acidentes laborais

Inércia do Governo favorece sinistralidade

Assiste-se a uma escandalosa escalada dos acidentes e das doenças profissionais. O alerta foi dado pela CGTP-IN, que acusa o Governo de estar com a sua inoperância e passividade a favorecer a sinistralidade laboral.

Esta atitude do Executivo é apontada, aliás, como um dos factores que estão na base do actual recrudescimento de acidentes de trabalho e que estão a transformar este fenómeno num autêntico flagelo. Só no ano em curso o número de trabalhadores mortos, na sua grande maioria operários, em grandes e pequenas obras ou estaleiros da construção civil, eleva-se já a 55, a somar aos 156 trabalhadores que pelos mesmos motivos perderam a vida no ano de 2001.

Patrões não cumprem a Lei e o Governo nada faz

Uma realidade dramática pela qual é responsável em larguíssima medida o Governo PSD/PP, tanto pela incapacidade por si revelada em matéria de aplicação do conjunto de leis e acordos existentes no País relativo à segurança, higiene e saúde nos locais de trabalho como pela falta de fiscalização e penalização dos responsáveis.

O que leva a generalidade dos patrões, como foi salientado anteontem pela CGTP-IN em conferência de imprensa, a sentir-se desobrigados de respeitar

as leis e normas e até de negociar com os representantes dos trabalhadores a inclusão nos contratos e acordos colectivos de trabalho de cláusulas específicas sobre esta matéria.

Na sua esmagadora maioria, pois, os acidentes mortais são fruto da irresponsabilidade e negligência resultante da inobservância das normas previstas na Lei para os locais de trabalho que as empresas empreiteiras e donos de obra estão legalmente obrigados a cumprir.

O mais recente acidente de trabalho mortal, recorde-se, ocorreu em Bragança, no passado dia 17, com a derrocada de uma plataforma que roubou a vida a um trabalhador de 32 anos e provocou ferimentos graves em três outros. Também neste caso a ausência de medidas de prevenção e segurança adequadas à natureza e complexidade técnica dos trabalhos é apontada como a

principal causa do acidente. O que levou a Federação Nacional dos Sindicatos da Construção, Madeiras, Mármore e Materiais de Construção a exigir o rigoroso apuramento dos factos e a «atribuição de responsabilidades no plano moral, civil e criminal» quer do empreiteiro geral quer do dono da obra.

«Os responsáveis têm nome e rosto. Não se pode continuar a aceitar a ocultação dos verdadeiros responsáveis que actuam no sector da construção civil como autênticos abutres para quem a vida humana pouco ou nada representa», sublinha a Federação, antes de exigir do Governo e da Inspeção Geral do Trabalho «mão firme e rigorosa» contra as entidades privadas e públicas que são responsáveis directos pela ocorrência de acidentes mortais no sector, «levando-os à barra dos tribunais para responderem pelos crimes cometidos».

Privatização na Maia gera preocupação

A intenção de privatizar os Serviços Municipalizados de Águas e Saneamento (SMAS), anunciada pela Câmara Municipal da Maia, está a provocar uma onda de instabilidade e de preocupação entre os seus cerca de 200 trabalhadores.

O inesperado anúncio levou já a Direcção Regional do Porto do STAL a solicitar com carácter de urgência uma audiência ao presidente da Câmara.

A surpresa com que foi recebido este propósito do executivo municipal é tanto maior quanto é certo que vem ao arripio do que afirmava o actual presidente, Bragança Fernandes, quando era apenas vereador e administrador dos SMAS da Maia.

Em comunicado, o STAL recorda que, na altura, o que é hoje responsável pelos destinos da Maia declarou sobre esta questão que a «concessão nunca se pôs nem nunca se porá e não seria sequer viável». Afirmou mesmo que

«quem quisesse explorar este serviço teria que aumentar os preços e quem sofreria seriam os munícipes». E mais disse que «uma exploração privada que tivesse em conta os interesses do consumidor seria deficitária».

Por isso, segundo anuncia

na nota à imprensa, o STAL quer conhecer «os contornos desta intenção de privatizar», nomeadamente o período de tempo de concessão, pois, observa, «tanto se fala de cinco, dez, quinze ou mesmo vinte anos».

Exigindo a clarificação de

toda a situação, por forma a evitar que pela mesma razão surjam os problemas que atingiram os trabalhadores em Gondomar, o STAL afirma ainda querer conhecer «as linhas mestras do caderno de encargos e programa de curso da eventual concessão».

Fenprof contesta calendário pré-escolar

A Federação Nacional dos Professores acusou o Ministério da Educação de estar a preparar um Calendário Escolar específico para o pré-escolar público. Uma medida que, acusa em comunicado, desrespeita «os direitos dos educadores e a qualidade do trabalho pedagógico que desenvolvem».

O que o Ministério pretende, no entender daquela estrutura sindical, é assegurar de uma forma fácil a denominada componente social de apoio à família, prevista na lei, alegando para o efeito a existência dos Estatutos dos Jardins de

Infância, legislação datada de 1979 e ultrapassada por toda a legislação entretanto publicada.

Segundo a federação, o Ministério procura responder socialmente às famílias «suportando-se no trabalho dos Educadores de Infância».

Esta medida ministerial, acrescenta a FENPROF, prejudica o desenvolvimento de uma componente lectiva de qualidade, transformando os jardins de infância da rede pública em meros estabelecimentos de guarda das crianças em idade pré-escolar.

Enfermeiros contra privatização

O Sindicato dos Enfermeiros Portugueses tinha prevista para ontem uma acção de informação junto dos utentes e de algumas instituições do Serviço Nacional de Saúde. Chamar a atenção para a gravidade e inadequação das medidas privatizadoras que o Governo tem na forja, constitui um dos objectivos desta jornada que envolveu equipas de enfermeiros e a deslocação a cinco hospitais e um centro de saúde.

Em causa estão, principalmente, os diplomas de alteração à Lei de Gestão Hospitalar e à Lei de Bases da Saúde, encarados como peças destinadas a abrir caminho à privatização de unidades de saúde.

No decurso desta acção de esclarecimento à população, no Porto e em Aveiro, foram distribuídos uma brochura e um comunicado alertando para os riscos resultantes da transformação das instituições sob o ponto de vista da qualidade, da acessibilidade e gratuidade dos cuidados de saúde.

Câmara de Lisboa Oficinas em greve

Decorre desde segunda-feira, prolongando-se até sábado, dia 24, uma greve ao trabalho extraordinário dos trabalhadores do Departamento de Manutenção e Reparação Mecânica da Câmara Municipal de Lisboa (CML).

Em consequência da paralisação, convocada pelo Sindicato dos Trabalhadores do Município de Lisboa (STML), cerca de um terço da frota de viaturas afecta àquele serviço está fora de circulação.

Os 350 trabalhadores das oficinas, entre condutores, mecânicos, electricistas, bate-chapas e outro pessoal especializado, exigem a «clarifica-

ção da posição da câmara em relação ao futuro deste sector».

Além da manutenção e reparação de veículos que efectuam a recolha do lixo, este sector garante também a assistência a viaturas municipais utilizadas no corte de árvores, limpeza de colectores, calçada e pavimento, e ainda nas que dão apoio a actividades culturais.



5607727021186